

AMELIA EARHART
MIRIAM MAKEBA
PATRAS
CLEOPATRA
SMONIE
NINA
SIMONE
MARIACALLAS
RUTHBADER
GINSBURG



HISTÓRIAS DE NINAR

PARA

GAROTAS

REBELDES

100

FÁBULAS SOBRE MULHERES
EXTRAORDINÁRIAS
CHANEL
JANE AUSTEN
LOZEN
ELIZABETH I
SERENA WILLIAMS
MARIE CURIE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AMELIA EARHART
MIRIAM MAKEBA
PATRAS
MARIACALLAS
CLEOPATRA
SMONEDIE
RUTH BADER
NINA
GINSBURG
SIMONE



HISTÓRIAS DE NINAR

PARA

GAROTAS

REBELDES

100

66 FÁBULAS SOBRE MULHERES
EXTRAORDINÁRIAS
CHANEL
JANE AUSTEN
LOZEN
ELIZABETH I
SERENA WILLIAMS
MARIE CURIE

HISTÓRIAS
DE NINAR
PARA GAROTAS
REBELDES
100 FÁBULAS SOBRE MULHERES
EXTRAORDINÁRIAS

ELENA FAVILLI E FRANCESCA CAVALLO



TÍTULO ORIGINAL *Good Night Stories For Rebel Girls:*

100 Tales of Extraordinary Women

© 2016 Timbuktu Labs

© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

EDIÇÃO Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Marcia Alves

TRADUÇÃO Carla Bitelli, Flávia Yacubian e Zé Oliboni

PREPARAÇÃO Raquel Nakasone

REVISÃO Luciane Helena Gomide

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Balão Editorial

CAPA Pemberley Pond

ADAPTAÇÃO DE CAPA Juliana Moore

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+ 55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

Para as garotas rebeldes de todo o mundo:

Sonhe grande

Mire distante

Lute com bravura

E, na dúvida, lembre-se:

Você está certa.

● SUMÁRIO ●

PREFÁCIO

ADA LOVELACE ● MATEMÁTICA
ALEK WEK ● SUPERMODELO
ALFONSINA STRADA ● CICLISTA
ALICIA ALONSO ● BAILARINA
AMEENAH GURIB-FAKIM ● PRESIDENTA E CIENTISTA
AMELIA EARHART ● AVIADORA
AMNA AL HADDAD ● HALTEROFILISTA
ANN MAKOSINSKI ● INVENTORA
ANNA POLITKOVSKAYA ● JORNALISTA
ARTEMISIA GENTILESCHI ● PINTORA
ASHLEY FIOLEK ● MOTOCICLISTA
ASTRID LINDGREN ● ESCRITORA
AUNG SAN SUU KYI ● POLÍTICA
BALKISSA CHAIBOU ● ATIVISTA
BRENDA CHAPMAN ● DIRETORA
CATARINA, A GRANDE ● IMPERATRIZ
CHOLITAS ESCALADORAS ● ALPINISTAS
CLAUDIA RUGGERINI ● PARTIDÁRIA
CLEÓPATRA ● RAINHA
COCO CHANEL ● ESTILISTA
CORA CORALINA ● POETISA E CONFEITEIRA
COY MATHIS ● ALUNA DO ENSINO FUNDAMENTAL
ELIZABETH I ● RAINHA
EUFROSINA CRUZ ● ATIVISTA E POLÍTICA
EVITA PERÓN ● POLÍTICA
FADUMO DAYIB ● POLÍTICA
FLORENCE NIGHTINGALE ● ENFERMEIRA
FRIDA KAHLO ● PINTORA
GRACE HOPPER ● CIENTISTA DA COMPUTAÇÃO
GRACE O'MALLEY ● PIRATA

HARRIET TUBMAN • DEFENSORA DA LIBERDADE
HATSHEPSUT • RAINHA
HELEN KELLER • ATIVISTA
HILLARY RODHAM CLINTON • POLÍTICA
HIPÁTIA • MATEMÁTICA E FILÓSOFA
IRENA SENDLEROWA • HEROÍNA DE GUERRA
IRMÃS BRONTË • ESCRITORAS
IRMÃS MIRABAL • ATIVISTAS
ISABEL ALLENDE • ESCRITORA
JACQUOTTE DELAHAYE • PIRATA
JANE AUSTEN • ESCRITORA
JANE GOODALL • PRIMATÓLOGA
JESSICA WATSON • MARINHEIRA
JILL TARTER • ASTRÔNOMA
JINGŨ • IMPERATRIZ
JOAN JETT • ESTRELA DO ROCK
JULIA CHILD • CHEFE DE COZINHA
KATE SHEPPARD • SUFRAGISTA
LAKSHMI BAI • RAINHA E GUERREIRA
LELLA LOMBARDI • PILOTA DE FÓRMULA 1
LOZEN • GUERREIRA
MAE C. JEMISON • ASTRONAUTA E MÉDICA
MALALA YOUSAFZAI • ATIVISTA
MANAL AL-SHARIF • ATIVISTA
MARGARET HAMILTON • CIENTISTA DA COMPUTAÇÃO
MARGARET THATCHER • PRIMEIRA-MINISTRA
MARGHERITA HACK • ASTROFÍSICA
MARIA CALLAS • CANTORA DE ÓPERA
MARIA MONTESSORI • MÉDICA E EDUCADORA
MARIA REICHE • ARQUEÓLOGA
MARIA SIBYLLA MERIAN • NATURALISTA
MARIE CURIE • CIENTISTA
MARY ANNING • PALEONTÓLOGA
MARY EDWARDS WALKER • CIRURGIÃ
MARY KOM • BOXEADORA
MATILDE MONTOYA • MÉDICA
MAUD STEVENS WAGNER • TATUADORA
MAYA ANGELOU • ESCRITORA
MAYA GABEIRA • SURFISTA
MELBA LISTON • TROMBONISTA
MICHAELA DEPRINCE • BAILARINA
MICHELLE OBAMA • ADVOGADA E EX-PRIMEIRA-DAMA

MILLO CASTRO ZALDARRIAGA • BATERISTA
MIRIAM MAKEBA • ATIVISTA E CANTORA
MISTY COPELAND • BAILARINA
NANCY WAKE • ESPIÃ
NANNY DOS MAROONS • RAINHA
NELLIE BLY • JORNALISTA
NETTIE STEVENS • GENETICISTA
NINA SIMONE • CANTORA
POLICARPA SALAVARRIETA • ESPIÃ
RITA LEVI MONTALCINI • CIENTISTA
ROSA PARKS • ATIVISTA
RUTH BADER GINSBURG • JUÍZA DA SUPREMA CORTE
RUTH HARKNESS • EXPLORADORA
SEONDEOK DE SILLA • RAINHA
SERENA E VENUS WILLIAMS • TENISTAS
SIMONE BILES • GINASTA
SONITA ALIZADEH • RAPPER
SYLVIA EARLE • BIÓLOGA MARINHA
TAMARA DE LEMPICKA • PINTORA
VIRGINIA WOOLF • ESCRITORA
WANG ZHENYI • ASTRÔNOMA
WANGARI MAATHAI • ATIVISTA
WILMA RUDOLPH • ATLETA
XIAN ZHANG • MAESTRA
YAA ASANTEWAA • RAINHA GUERREIRA
YOKO ONO • ARTISTA
YUSRA MARDINI • NADADORA
ZAHA HADID • ARQUITETA

ILUSTRADORAS

AGRADECIMENTOS

SOBRE AS AUTORAS

● PREFÁCIO ●

Há muitas razões pelas quais este livro sempre será especial para nós. Algumas são óbvias: a quantia recorde de dinheiro que arrecadamos por meio de financiamento coletivo (mais de um milhão de dólares! *Histórias de ninar para garotas rebeldes* é o livro que arrecadou o maior valor na história do financiamento coletivo), o número surpreendente de apoiadores de mais de setenta países e o privilégio de trabalhar com dezenas de mulheres artistas inacreditavelmente talentosas de todo o mundo.

Algumas razões, contudo, são menos óbvias. Como as mensagens de futuras mães e futuros papais nos contando que este foi o primeiro livro que compraram para suas filhas. Ou a amiga da amiga nos dizendo que esta campanha lhe deu o incentivo para começar a trabalhar em um projeto que ela tinha abandonado havia muito tempo por medo de falhar. Ou o e-mail de uma mãe extasiada com um livro que a ajudaria a compartilhar sua perspectiva de mundo com os três filhos — não apenas como mãe, mas como mulher. E, acima de tudo, a profunda confiança que nossos apoiadores depositaram em nós.

Essa confiança não é algo que as mulheres têm chance de experimentar com frequência. Como poderíamos? A maioria das mulheres extraordinárias retratadas neste livro nunca experienciou esse tipo de convicção. Independente da importância das suas descobertas, da audácia das suas aventuras e da extensão da sua genialidade, elas foram constantemente menosprezadas, esquecidas e, em alguns casos, quase excluídas da história.

É importante que as garotas entendam os obstáculos que terão de enfrentar, assim como é importante que elas saibam que esses empecilhos não são insuperáveis, e que elas não apenas podem encontrar um jeito de vencê-los como também podem removê-los para aquelas que virão depois. Do mesmo modo como fizeram as grandes mulheres retratadas aqui.

Cada uma das cem histórias deste livro prova o poder de um coração confiante: o poder de mudar o mundo.

Que essas valentes mulheres inspirem você. Que os retratos delas imprimam em nossas filhas a profunda convicção de que a beleza se manifesta em todas as formas, cores e idades. Que cada leitora saiba que ter grande sucesso é viver uma vida repleta de paixão, curiosidade e generosidade. Que todas nós nos lembremos todos os dias de que temos o direito de sermos felizes e livres.

Agora que você tem este livro em mãos, tudo o que podemos sentir é esperança e entusiasmo pelo mundo que estamos construindo juntas. Um mundo onde gênero não defina quão alto você pode sonhar nem quão longe você pode ir. Um mundo onde cada uma de nós seja capaz de dizer com confiança: sou livre.

Obrigada por fazer parte desta jornada.

Elena Favilli e Francesca Cavallo

HISTÓRIAS DE NINAR
PARA CAROTAS REBELDES

● ADA LOVELACE ●

Era uma vez uma garota chamada Ada. Ela amava máquinas.

Ela também amava a ideia de voar.

Ela estudou os pássaros para determinar o equilíbrio perfeito entre o tamanho das asas e o peso do corpo. Testou materiais e experimentou vários modelos. Ela nunca pôde planar como um pássaro, mas criou um livro lindo repleto de desenhos chamado *Voologia*, no qual registrou todas as suas descobertas.

Certa noite, Ada foi a um baile. Lá, conheceu um matemático velho e ranzinza chamado Charles Babbage. Ela era uma matemática brilhante, e logo os dois se tornaram bons amigos. Charles convidou Ada para ver a máquina que tinha inventado. Ele a chamava de *Máquina Diferencial*. Era capaz de somar e subtrair números automaticamente. Ninguém nunca havia feito aquilo antes.

Ada ficou encantada.

“E se construíssemos uma máquina que pudesse fazer cálculos mais complexos?”, perguntou ela.

Animados, Ada e Charles começaram a trabalhar. A máquina era gigante e exigia um motor a vapor enorme.

Ada queria ir além: “E se a máquina pudesse tocar música e mostrar tanto letras quanto números?”.

Ela estava descrevendo um computador, muito antes de os computadores modernos serem inventados!

Ada escreveu o primeiro algoritmo para computador da História.

10 DE DEZEMBRO DE 1815–27 DE NOVEMBRO DE 1852

REINO UNIDO

ILUSTRAÇÃO DE
ELISABETTA STONICH

"MEU CÉREBRO É MAIS DO
QUE ALGO MERAMENTE MORTAL,
E O TEMPO MOSTRará ISSO."

—ADA LOVELACE

● **ALEK WEK** ●

Era uma vez uma garota chamada Alek, que sempre parava no pé de manga para pegar um lanchinho no caminho de sua casa para a escola. No vilarejo de Alek, não havia água potável nem eletricidade, e ela tinha que andar até um poço para matar a sede. Ainda assim, ela e sua família viviam uma vida simples e feliz.

Então uma guerra terrível teve início, e a vida de Alek mudou para sempre. Quando as sirenes de alerta soaram pelo vilarejo, Alek e sua família tiveram que fugir da batalha.

Era época de chuvas: o rio inundou, as pontes no entorno ficaram submersas. E Alek não sabia nadar. Ela morria de medo de se afogar, mas sua mãe a ajudou a cruzar as águas em segurança até a outra margem. Durante a viagem, a mãe de Alek trocou pacotes de sal por comida e passaportes, porque eles não tinham nenhum dinheiro. Assim, conseguiram escapar da guerra e chegar a Londres.

Um dia, ela estava em um parque quando foi abordada por um caçador de talentos de uma famosa agência de modelos. Ele queria contratar Alek como modelo. Sua mãe não queria saber dessa história, mas o agente insistiu e ela acabou concordando.

Alek era tão diferente de qualquer outra modelo que instantaneamente tornou-se uma sensação.

Agora, ela quer que todas as garotas do planeta saibam disto:

“Você é linda. Tudo bem ser diferente, tudo bem ser tímida. Você não tem que seguir a multidão.”

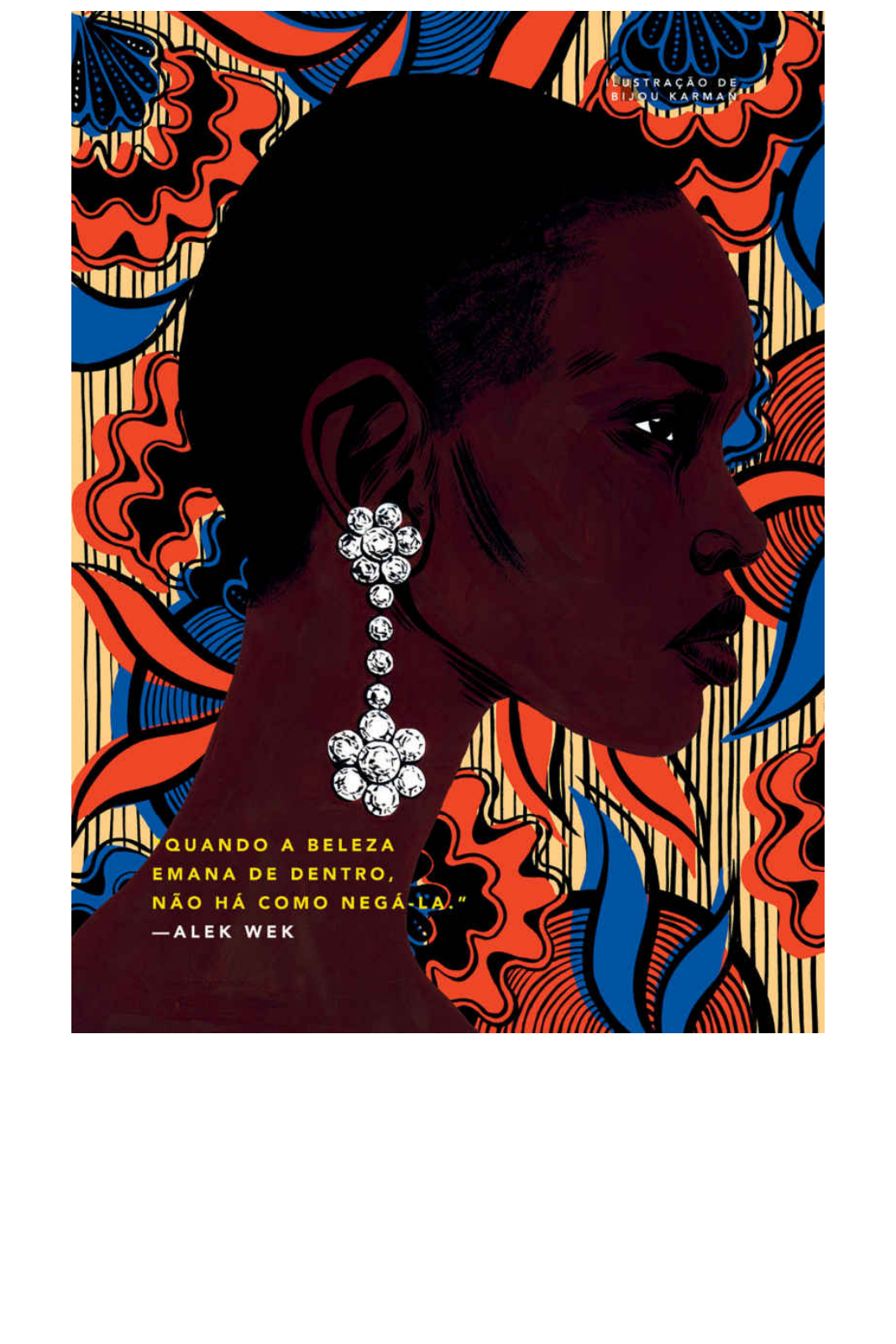


ILUSTRAÇÃO DE
BIJOU KARMAN

QUANDO A BELEZA
EMANA DE DENTRO,
NÃO HÁ COMO NEGÁ-LA."

—ALEK WEK

● ALFONSINA STRADA ●

Era uma vez uma garota que conseguia andar de bicicleta tão rápido que quase não era possível vê-la.

“Não vá tão rápido assim, Alfonsina!”, seus pais gritavam.

Mas era sempre tarde demais, ela já estava longe.

Com o casamento, sua família esperava que Alfonsina finalmente desistisse dessa ideia louca de se tornar ciclista. Em vez disso, no dia da cerimônia, o marido a presenteou com uma bicicleta de corrida novinha. Eles se mudaram para Milão e Alfonsina começou a treinar profissionalmente.

Ela era tão rápida e tão forte que poucos anos depois se classificou para o Giro d'Italia, uma das corridas mais difíceis do mundo. Nenhuma mulher jamais tinha tentado aquilo antes.

“Ela nunca vai conseguir terminar”, as pessoas diziam.

Mas ninguém podia parar Alfonsina.

A corrida era longa e extenuante, com vinte e uma etapas ao longo de um dia inteiro, passando pelas estradas mais íngremes das montanhas europeias. Dos noventa ciclistas que começaram a corrida, apenas trinta cruzaram a linha de chegada. Alfonsina estava entre eles. Ela foi recebida como uma heroína.

No ano seguinte, foi impedida de competir.

“Giro d'Italia é uma corrida masculina”, os organizadores alegaram.

Mas isso também não a impediu. Mesmo assim ela correu. E apesar de usar uma bicicleta de uma marcha só que pesava vinte quilos, ela estabeleceu um recorde que não foi quebrado por vinte e seis anos!

Ela ficaria feliz em saber que as coisas mudaram muito desde então. Agora, o ciclismo feminino é muito popular. É inclusive um esporte olímpico.

ILUSTRAÇÃO DE
CRISTINA PORTOLANO

"NINGUÉM PODE PARAR
MINHA BICICLETA."

—ALFONSINA STRADA



● **ALICIA ALONSO** ●

Era uma vez uma garota cega que se tornou uma grande bailarina.

O nome dela era Alicia.

Alicia nasceu com a visão normal, e já era uma bailarina maravilhosa com uma carreira promissora quando adoeceu. Sua visão foi piorando cada vez mais. Ela foi obrigada a ficar de cama por meses, sem poder se mexer. Mas Alicia tinha que dançar, então dançou do único jeito que podia:

“Dancei na minha mente. Cega, imóvel, deitada, aprendi a dançar *Giselle*.”

Um dia, a bailarina principal do Balé da Cidade de Nova York se machucou. Eles chamaram Alicia para substituí-la. Ela já estava parcialmente cega, mas como poderia recusar? O balé era *Giselle*!

Assim que começou a dançar, a plateia se apaixonou por ela.

Alicia dançou com graça e confiança, mesmo quase sem enxergar. Ela treinou seus parceiros para estarem exatamente onde precisaria que estivessem na hora certa.

Seu estilo era tão único que ela foi convidada a dançar no mundo todo com sua companhia de balé. Mas seu sonho era levar o balé clássico para Cuba, sua terra natal.

Ao retornar das suas viagens, Alicia começou a ensinar balé clássico para dançarinas cubanas. Fundou a Companhia de Balé Alicia Alonso, que mais tarde se tornou o Balé Nacional de Cuba.

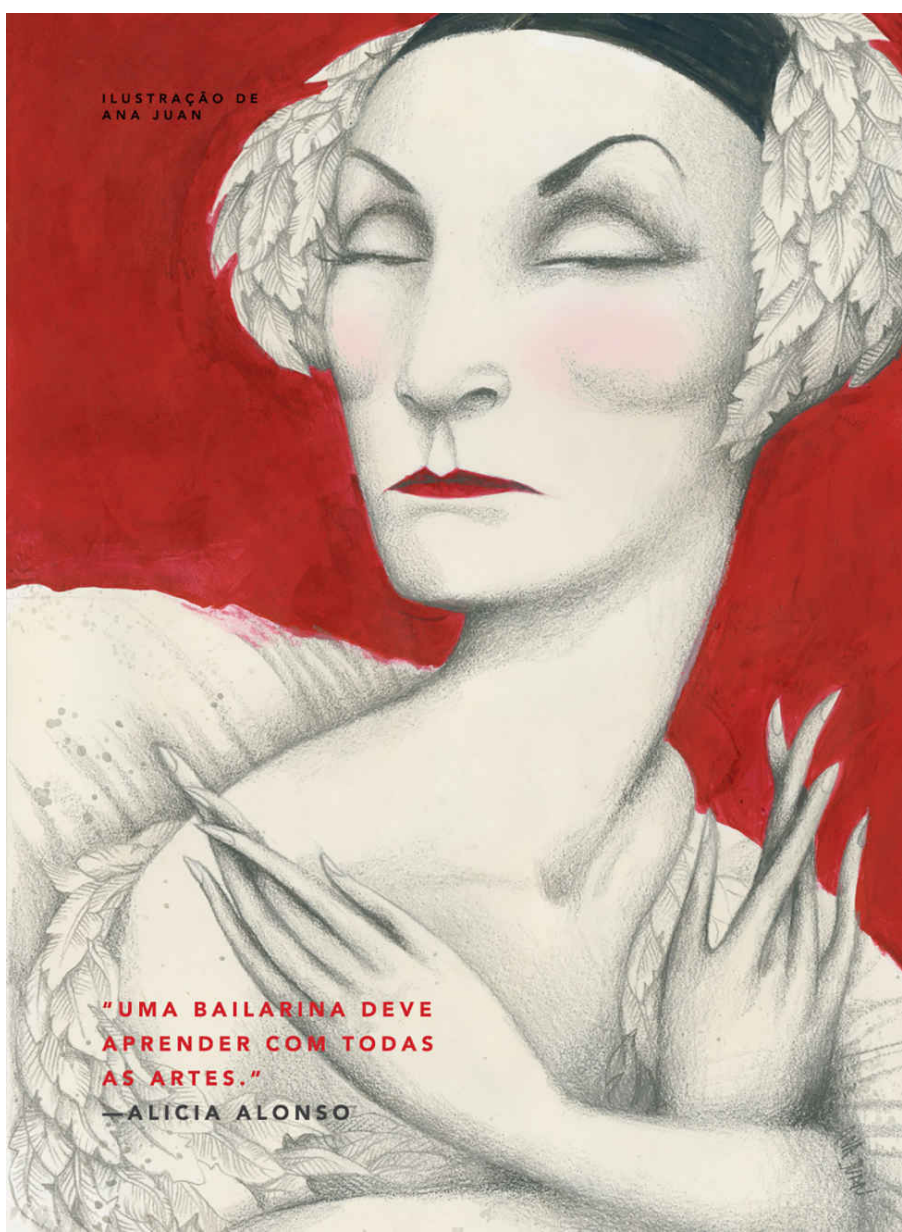
NASCIDA EM 21 DE DEZEMBRO DE 1921

CUBA

ILUSTRAÇÃO DE
ANA JUAN

"UMA BAILARINA DEVE
APRENDER COM TODAS
AS ARTES."

—ALICIA ALONSO



● AMEENAH GURIB-FAKIM ●

Em uma nação insular do Oceano Índico chamada Maurício, viveu uma garota que queria saber tudo sobre plantas. O nome dela era Ameenah.

Ela estudou a biodiversidade.

Analisou centenas de ervas e flores aromáticas e medicinais. Estudou suas propriedades e viajou por vilarejos rurais para aprender com os curandeiros tradicionais como eles usavam as plantas em seus rituais.

As plantas eram suas amigas.

Sua árvore favorita era o baobá, porque ele é muito útil: tem um reservatório de água no tronco, suas folhas são capazes de curar infecções e sua fruta (chamada de *maçã de macaco*) contém mais proteínas que o leite humano.

Ameenah achava que era possível aprender muito com as plantas. Plantas como o benjoim, por exemplo: “As folhas do benjoim têm formas e tamanhos diferentes. Animais não comem plantas que não reconhecem. Assim, eles tendem a deixar essa planta em paz. Muito esperto, não acha?”.

Ela via as plantas como laboratórios biológicos vivos, repletos de informações vitais para os humanos e para todas as outras espécies.

“Toda vez que uma floresta é cortada, perdemos um laboratório inteiro. Um laboratório que nunca mais será recuperado.”

Ameenah Gurib foi eleita presidenta da República de Maurício. Todos os dias, ela luta bravamente pelos habitantes do seu país — sejam pessoas, animais ou plantas (claro!).

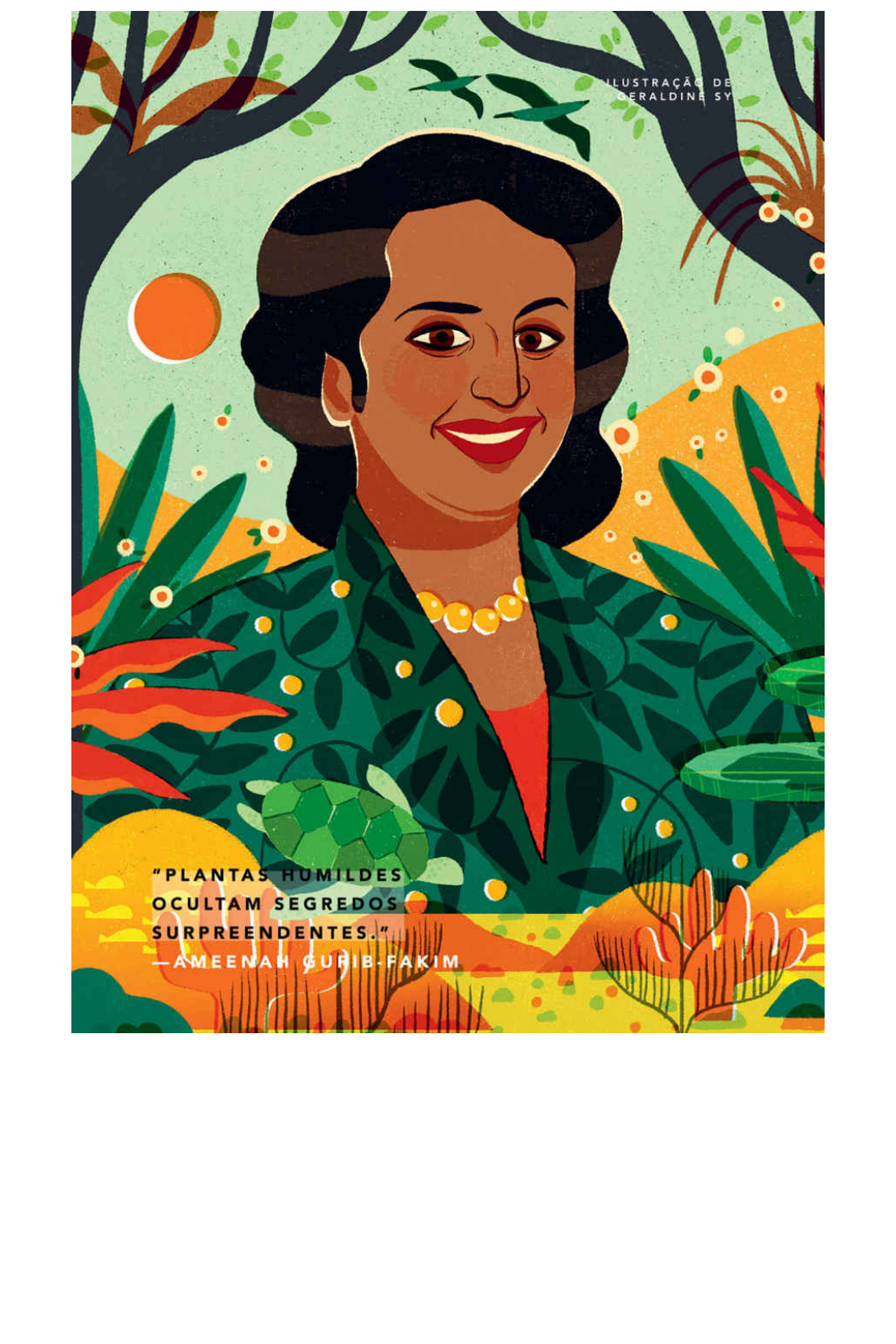


ILUSTRAÇÃO DE
GERALDINE SY

"PLANTAS HUMILDES
OCULTAM SEGREDOS
SURPREENDENTES."

—AMEENAH QURIB-FAKIM

● AMELIA EARHART ●

Era uma vez uma garota chamada Amelia, que economizou dinheiro suficiente para comprar um avião amarelo.

Ela o batizou de O Canário.

Alguns anos depois, ela se tornou a primeira mulher a cruzar o Oceano Atlântico voando sozinha. Foi um voo perigoso. Seu pequeno avião foi arremessado de um lado para o outro por ventos fortes e tempestades de gelo. Ela se alimentou de uma lata de suco de tomate, que tomou com um canudinho. Após quase quinze horas, pousou em uma fazenda na Irlanda do Norte, assustando as vacas.

“Você veio de longe?”, o fazendeiro perguntou.

“Vim lá da América!”, ela riu.

Amelia amava voar e amava fazer coisas que ninguém havia feito antes.

Seu maior desafio foi ser a primeira mulher a dar a volta ao mundo voando. Ela podia levar apenas uma mala pequena, uma vez que todo o espaço do avião tinha que ser ocupado pelo combustível. Seu longo voo estava indo bem. Ela deveria pousar na pequena ilha Howland, mas nunca chegou lá. Em sua última transmissão, Amelia disse que estava voando pelas nuvens e que estava quase sem combustível. Seu avião desapareceu em algum lugar sobre o Oceano Pacífico e nunca foi encontrado.

Antes de partir, ela escreveu:

“Estou bem ciente dos perigos. Quero fazer isso porque quero. As mulheres devem tentar fazer as mesmas coisas que os homens. Se elas falharem, seu fracasso deve servir de desafio para as outras.”

A stylized illustration of Amelia Earhart. She is wearing a dark blue leather flight helmet with a chin strap and large, dark-rimmed aviator goggles. Her eyes are light blue, and she has a slight smile. She is wearing a bright red, fluffy scarf. The background is a light blue sky with a dense layer of stylized, rounded clouds in shades of dark blue, teal, and coral. In the upper right, a small white airplane is visible in the distance. The overall style is flat and modern.

ILUSTRAÇÃO DE
GIULIA FLAMINI

"A AVENTURA POR SI
SÓ JÁ VALE A PENA."
—AMELIA EARHART

● **AMNA AL HADDAD** ●

Era uma vez uma jornalista chamada Amna. Ela não era feliz. Estava acima do peso e fora de forma. Um dia, disse a si mesma:

“Você pode fazer muito mais que isso. Apenas faça alguma coisa. Saia para uma caminhada.”

E foi isso que ela fez.

Ela gostou tanto das caminhadas que queria fazer mais. Correu longas distâncias. Arrancou em alta velocidade. Começou a treinar na academia. Foi então que descobriu o levantamento de peso e soube que aquele era o esporte para ela.

A vida de Amna mudou quando a Federação Internacional de Levantamento de Peso permitiu que mulheres muçulmanas competissem de unitard (uma roupa que cobre toda a pele). Ela começou a competir na Europa e na América e se tornou um ícone para garotas muçulmanas do mundo todo.

“Eu gosto de ser forte”, disse Amna. “Ser uma garota não quer dizer que você não pode ser tão forte quanto um garoto, ou até mais forte!”

Ela gostava tanto de levantamento de peso que começou a treinar para os Jogos Olímpicos do Rio.

Amna acredita que todos deveriam encontrar um esporte que gostam e praticá-lo.

“Independente da sua idade, religião ou etnia, esportes são bons para todos”, ela explica. “Traz paz e une as nações.”

“Não importa quais sejam os desafios, nunca fuja do seu sonho. Quanto mais você insiste, mais próximo você estará das suas metas. Quando as coisas ficam difíceis, simplesmente se fortaleça.”

A stylized illustration of a woman wearing a dark blue hijab and a red and blue horizontally striped shirt. She is looking directly at the viewer with a slight smile. Her right hand is raised, with fingers slightly curled. The background is a textured blue and white. The illustration is done in a bold, graphic style with flat colors and visible brushstrokes.

ILUSTRAÇÃO DE
ELINE VAN DAM

"NINGUÉM PODE ME DIZER O QUE
EU POSSO OU NÃO POSSO FAZER."

—AMNA AL HADDAD

● ANN MAKOSINSKI ●

Era uma vez uma garota que não podia estudar quando anoitecia porque a casa dela não tinha eletricidade. Um dia, sua amiga Ann veio visitá-la e juntas conversaram sobre o problema.

Ann era ótima para construir coisas e era especialmente apaixonada por transistores, um dispositivo que regula o fluxo da corrente elétrica.

“E se eu pudesse inventar uma lanterna que é energizada pelo seu corpo?”, Ann perguntou para a amiga. “Afinal, nosso corpo dispersa muita energia na forma de calor.”

As garotas ficaram muito animadas.

“Imagine quantas pessoas poderiam ter eletricidade se isso funcionasse!”

Ann tinha apenas quinze anos, mas já tinha muita experiência em desmontar e remontar coisas.

Assim, começou a trabalhar nessa nova lanterna misteriosa. Ela a chamou de Lanterna Oca, porque a construiu usando um tubo oco de alumínio.

Quando apresentou a invenção na Feira de Ciências do Google, ganhou o concurso em primeiro lugar! É a primeira lanterna que não precisa de bateria, vento ou sol: apenas o calor do corpo.

Hoje Ann é considerada uma das inventoras mais promissoras da atualidade.

O sonho dela é disponibilizar a Lanterna Oca gratuitamente para todos que não têm eletricidade.

“Gosto da ideia de usar a tecnologia para fazer do mundo um lugar melhor e manter nosso meio ambiente limpo”, ela sempre afirma.



ILUSTRAÇÃO DE
CLAUDIA CARIERI

"SE VOCÊ ESTÁ
VIVO, VOCÊ PRODUZ
ALGUMA LUZ."

—ANN MAKOSINSKI

● ANNA POLITKOVSKAYA ●

Havia um tempo em que vários livros eram proibidos na Rússia. Alguns deles eram de escritores que uma garotinha chamada Anna adorava. Seus pais costumavam contrabandear seus livros favoritos, para que ela pudesse ler e alegrar seu coração.

Anna cresceu e virou jornalista.

Quando uma parte da Rússia conhecida como Chechênia quis se separar para se tornar uma nação independente, o governo russo enviou tropas para impedi-los. Uma guerra brutal teve início. Anna decidiu que tinha que escrever sobre aquilo. Queria contar para o mundo o que realmente estava acontecendo na Chechênia. O governo russo não gostou nem um pouco.

“Por que você está arriscando sua vida?”, o marido de Anna lhe perguntou certa vez.

“Correr risco é parte da minha profissão”, respondeu. “Sei que pode acontecer algo comigo. Só quero que meus artigos tornem o mundo melhor.”

Muitas coisas ruins aconteceram, mas Anna era corajosa.

Uma vez, ela teve que correr a noite toda por uma montanha chechena para escapar do Serviço de Segurança russo. Pessoas de ambos os lados queriam impedi-la de dizer a verdade — alguém até envenenou seu chá para tentar se livrar dela. Mas, apesar desses perigos, ela seguiu com coragem, contando a verdade sobre tudo o que via.

Anna continuou se arriscando até que morreu, escrevendo a verdade para tornar o mundo um lugar melhor.

A stylized illustration of Anna Politkovskaya. She is depicted from the chest up, wearing a dark blue jacket over a light blue ribbed sweater. She has short, dark hair and wears round glasses. Her left hand, adorned with a large green ring, holds a pen over a keyboard. Her right hand rests on a document. The background features a cityscape with yellow buildings and a blue sky. A large, stylized bird is visible on the right side of the background.

ILUSTRAÇÃO DE
LEA HEINRICH

"O QUE IMPORTA É A
INFORMAÇÃO, NÃO O QUE
VOCÊ PENSA SOBRE ELA."

ANNA POLITKOVSKAYA

● ARTEMISIA GENTILESCHI ●

Era uma vez uma garota que era uma pintora incrível. O nome dela era Artemisia e ela era linda e forte.

Seu pai, Orazio, também era pintor. Ele a treinou no seu ateliê desde quando ela era bem pequena.

Aos dezessete anos, Artemisia já tinha pintado várias obras de arte. Ainda assim, as pessoas tinham dúvidas sobre ela.

“Como ela pode pintar tão bem assim?”, sussurravam uns aos outros.

Na época, as mulheres não podiam nem chegar perto dos ateliês de artistas famosos.

Um dia, o pai dela pediu ao amigo, o renomado pintor Agostino Tassi, para ensinar a Artemisia perspectiva, uma técnica para criar espaços tridimensionais em uma superfície plana.

Agostino queria que sua pupila brilhante também se tornasse sua amante.

“Prometo que vou me casar com você”, ele falava.

Artemisia continuava dizendo não.

As coisas ficaram tão complicadas que ela finalmente contou para o pai o que estava acontecendo. Ele acreditou nela e, apesar de Agostino ser um homem poderoso e um inimigo perigoso, Orazio o acusou na justiça.

Durante o julgamento, Agostino negou ter feito qualquer coisa errada. Artemisia encarou uma pressão terrível, mas seguiu dizendo a verdade e não cedeu. No final, Agostino foi julgado culpado. Hoje, Artemisia é considerada uma das maiores pintoras de todos os tempos.

ILUSTRAÇÃO DE
MONICA GARWOOD

**"ENQUANTO ESTIVER VIVA, TEREI
CONTROLE SOBRE O MEU SER."
—ARTEMISIA GENTILESCHI**



● **ASHLEY FIOLEK** ●

Uma garotinha estava brincando na cozinha quando algumas panelas caíram da mesa fazendo um barulhão. Ashley nem se virou. Sua mãe e seu pai decidiram testar a audição dela. Quando os resultados voltaram, descobriram que a filhinha deles era surda.

Aprenderam a linguagem de sinais e mandaram Ashley para um acampamento com outras crianças surdas para que ela pudesse aprender com eles e desenvolvesse autoconfiança.

O pai e o avô de Ashley amavam motocicletas e deram para ela uma motinho para crianças quando ela fez três anos. Os três iam para a floresta, cada um com sua própria moto. Ashley adorava esses passeios e começou a sonhar em se tornar uma motociclista profissional.

A maioria das pessoas dizia para ela que isso era impossível.

“A audição é muito importante para o motociclismo”, explicavam. “O som do motor diz quando você deve trocar as marchas. Você tem que ser capaz de ouvir onde os outros pilotos estão.”

Mas Ashley podia sentir pela vibração do motor o momento de trocar as marchas. Prestava atenção às sombras no canto dos olhos e sabia quando alguém estava se aproximando.

Em cinco anos, ela ganhou quatro títulos nacionais. Ela caiu, sim, muitas vezes! Quebrou o braço esquerdo, o pulso direito, o tornozelo direito, a clavícula (três vezes) e os dois dentes da frente, mas sempre se recuperou e voltou para a moto.

Ashley tem uma caminhonete na garagem. No para-choque, colocou um adesivo que diz: “Buzine o quanto quiser, sou surda!”.

ILUSTRAÇÃO DE
JOÃO PÉRIE

"EU NÃO PENSO NAS
VIBRAÇÕES; NÃO PENSO
EM NADA. SOU PARTE
DA MOTO AGORA."

—ASHLEY FIOLEK



● **ASTRID LINDGREN** ●

Era uma vez uma garotinha que morava em uma fazenda com sua grande família. Ela passava dias inteiros perambulando livremente pelos campos com seus irmãos e irmãs e ajudando a cuidar dos animais da fazenda. Cuidava dos pequenos, como galinhas e patos, e até dos grandes, como cavalos e vacas!

O nome dela era Astrid e ela tinha um espírito bem rebelde.

Ela era forte, corajosa, nunca tinha medo de ficar sozinha e podia fazer todo o tipo de coisas: limpar, cozinhar, arrumar bicicletas, andar pelos telhados, enfrentar valentões, criar histórias fantásticas... Soa familiar? Bem, se você já leu sobre uma outra garotinha forte, corajosa e destemida chamada Píppi Meialonga, não se surpreenderá ao descobrir que Astrid é a autora desse livro brilhante.

Quando *Píppi Meialonga* foi publicado, muitos adultos não gostaram.

“Píppi é muito rebelde”, comentavam. “Nossas crianças vão pensar que ser desobediente é uma coisa normal.”

As crianças, por outro lado, simplesmente amaram. Píppi não era alguém que apenas falava *não* sem razão. Ela mostrou aos jovens leitores a importância de ser independente e de ao mesmo tempo sempre se importar com os outros.

Hoje, *Píppi Meialonga* é um dos livros mais amados da literatura infantil. Astrid seguiu escrevendo e publicando muitos livros, sempre retratando crianças fortes e responsáveis pelas próprias aventuras.

Então, toda vez que estiver em apuros por algo que você fez, pegue uma edição de *Píppi Meialonga*. Ela sempre estará lá para ajudar você!

ILUSTRAÇÃO DE
JUSTINE LECOUFFE



**"TRAVESSURAS NÃO SÃO
ALGO QUE VOCÊ PLANEJA.
APENAS ACONTECEM."
—ASTRID LINDGREN**

● AUNG SAN SUU KYI ●

Era uma vez uma jovenzinha chamada Suu Kyi. Ela veio de uma rica família birmanesa que viajou o mundo.

Suu Kyi, seu marido e seus dois filhos estavam morando na Inglaterra quando o telefone tocou.

“Minha mãe adoeceu”, ela disse para as crianças. “Tenho que voltar para casa para cuidar dela.”

Ela planejava ficar lá por algumas semanas, mas, desde o momento que pousou, se viu envolvida nos protestos contra um ditador militar. Ele tinha tomado o governo do país e prendido todos que se opunham.

Suu Kyi discursou contra ele e rapidamente conseguiu um grande apoio. O ditador percebeu que essa jovem era uma ameaça poderosa. Ele lhe deu uma escolha difícil:

“Você está livre para deixar o país e nunca mais voltar. Ou pode ficar como prisioneira em sua própria casa.”

Suu Kyi pensou sobre aquilo. Ela queria muito voltar para seu marido e seus filhos na Inglaterra, mas sabia que o povo precisava dela.

“Ficarei”, respondeu.

Suu Kyi permaneceu aprisionada em sua casa a maior parte dos vinte e um anos seguintes. Recebia as pessoas, falava sobre suas crenças e divulgava sua mensagem sobre a democracia e uma mudança pacífica. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz e inspirou milhões de pessoas no seu próprio país e ao redor do mundo. Tudo isso sem sair de casa.

Depois de finalmente ser libertada, foi eleita líder do seu país.

NASCIDA EM 19 DE JUNHO DE 1945

BIRMÂNIA

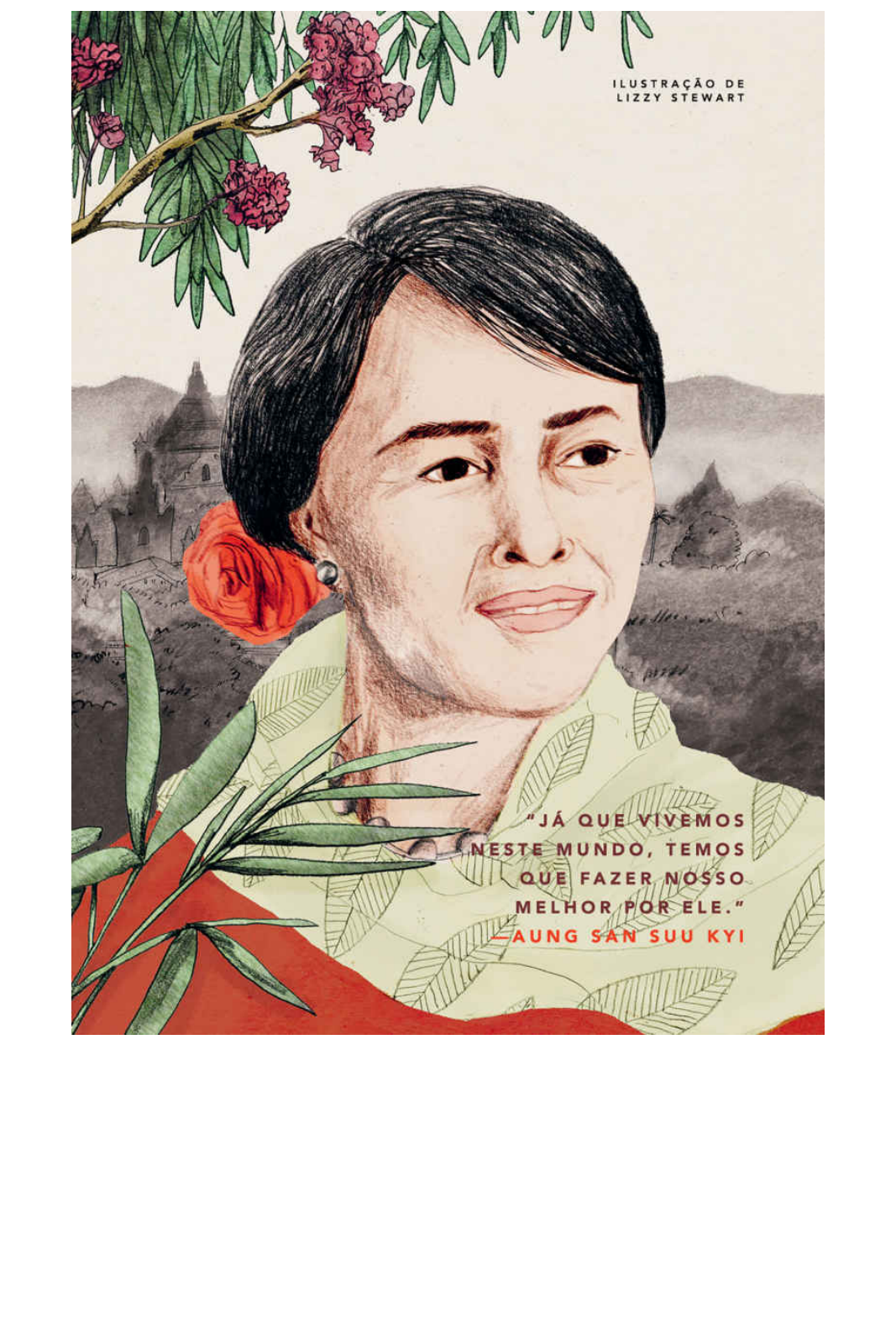


ILUSTRAÇÃO DE
LIZZY STEWART

"JÁ QUE VIVEMOS
NESTE MUNDO, TEMOS
QUE FAZER NOSSO
MELHOR POR ELE."

—AUNG SAN SUU KYI

● **BALKISSA CHAIBOU** ●

Era uma vez uma garota que queria se tornar médica. O nome dela era Balkissa e ela era uma aluna exemplar. Um dia, descobriu que seu tio a tinha prometido em casamento para um dos primos dela.

Balkissa ficou horrorizada.

“Você não pode me forçar a casar! Eu quero ser médica.”

Infelizmente, o país onde Balkissa vivia permite que os familiares arranjem casamentos para suas filhas enquanto elas ainda são crianças.

“Pelo menos me deixem ficar na escola por mais cinco anos”, Balkissa implorou aos pais.

Seus pais concordaram em adiar o casamento, mas durante esses cinco anos o amor de Balkissa pelo aprendizado apenas cresceu. Na noite anterior ao casamento, ela fugiu de casa e correu até o posto policial mais próximo para pedir socorro. Ela decidiu contestar seu tio no tribunal.

Ela tinha muito medo de que isso fizesse sua família inteira ficar contra ela, mas sua mãe logo a encorajou a continuar lutando. O juiz concordou com Balkissa e, quando seu tio a ameaçou, foi forçado a sair do país.

“O dia em que eu ganhei a causa e coloquei meu uniforme escolar de volta, senti minha vida renovada”, ela disse.

Hoje, Balkissa está na universidade estudando arduamente para se tornar médica. Ela também faz campanha para que outras garotas sigam seu exemplo e digam “não” para os casamentos forçados. Ela visita escolas e fala com chefes tribais sobre esse problema.

“Estude com todas as suas forças. Não é fácil, mas é sua única esperança”, ela afirma.

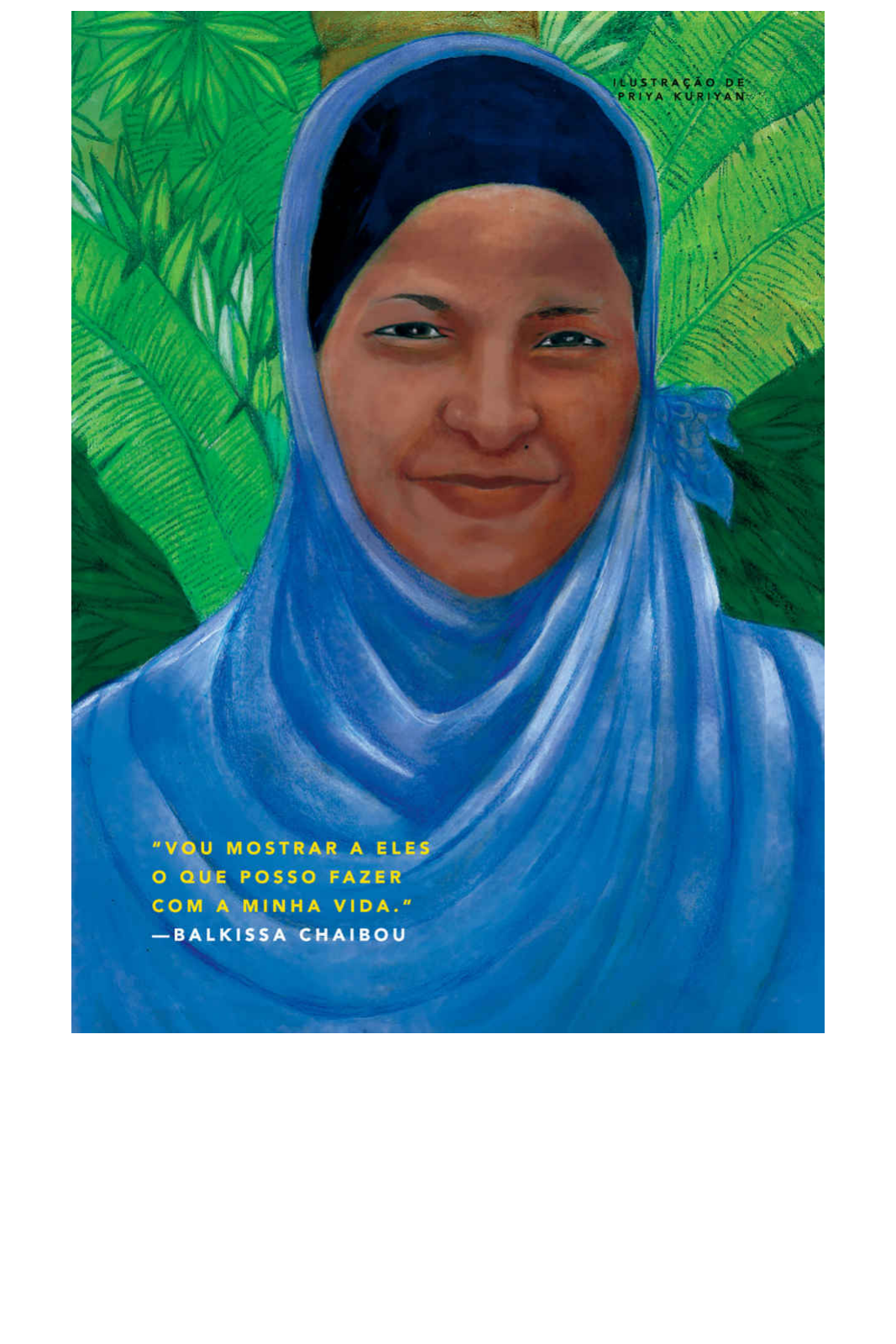


ILUSTRAÇÃO DE
PRIYA KURIYAN

"VOU MOSTRAR A ELES
O QUE POSSO FAZER
COM A MINHA VIDA."
—BALKISSA CHAIBOU

● **BRENDA CHAPMAN** ●

Era uma vez uma garota que tinha cabelos ruivos e cacheados e amava desenhar. O nome dela era Brenda.

Quando tinha quinze anos, Brenda ligou para os Estúdios Walt Disney.

“Sou uma desenhista muito boa”, ela falou. “Vocês podem me dar um emprego?”

Eles responderam que ela deveria entrar em contato novamente quando fosse mais velha e tivesse mais prática.

E foi isso mesmo que ela fez. Estudou animação na CalArts, e alguns anos depois estava fazendo exatamente o que sempre sonhou: estava trabalhando com desenhos animados para a Disney em Los Angeles. Em pouco tempo, descobriu que era uma das pouquíssimas mulheres por lá.

“Foi então que percebi por que as princesas dos filmes deles eram tão indefesas. Todas foram criadas por homens”, relembra.

Ela prometeu que criaria um novo tipo de princesa: forte, independente e...

“...Valente”, pensou. “Que ótimo nome para um filme!”

A princesa Merida de *Valente* é tudo menos indefesa. Ela é uma arqueira fantástica e galopa em seu cavalo enfrentando ursos e vivendo aventuras espetaculares. Para criar a personagem, Brenda se inspirou na sua própria filhinha, Emma — uma menina forte e de espírito livre, igual a mãe!

“Ela é a minha Merida... e eu a amo.”

Brenda ganhou um Oscar e um Globo de Ouro pelo filme.

Também trabalhou em outros filmes premiados, como *A Bela e a Fera*, *A Pequena Sereia* e *O Rei Leão*. Tornou-se a primeira mulher a dirigir uma animação produzida por um grande estúdio de Hollywood, com o *Príncipe do Egito*.

ILUSTRAÇÃO DE
T.S. ABE



"EU DESENHO DESDE
CRIANÇA, E QUERO FAZER
DISSO A MINHA CARREIRA."

—BRENDA CHAPMAN

● CATARINA, A GRANDE ●

Era uma vez uma rainha que não gostava do marido.

O nome dela era Catarina. Seu marido, Pedro, era o imperador da Rússia. O povo russo o considerava cruel e arrogante.

Catarina sabia que ela governaria melhor o país. Tudo o que tinha que fazer era descobrir um jeito de substituí-lo.

Seis meses depois de se tornar imperador, Pedro saiu de férias, deixando Catarina para trás. Aquela era sua grande chance. Ela fez um discurso inspirador para os soldados reais para que ficassem ao seu lado. Eles passaram a ser leais a Catarina, em vez de a Pedro, e um padre a declarou a nova governante da Rússia. Ela mandou fazer uma coroa magnífica, digna dela.

Assim que se tornou imperatriz, ordenou que seu marido fosse preso em uma cela.

Demorou dois meses para a coroa magnífica de Catarina ficar pronta! Era feita de ouro e prata, com 4.936 diamantes e 75 pérolas encrustadas e um rubi enorme no topo.

Durante seu reinado, Catarina expandiu o império russo, vencendo muitas guerras e rebeliões.

Muitas pessoas invejavam aquela mulher poderosa. Diziam coisas horríveis por trás dela enquanto estava viva e, quando morreu, disseram que ela tinha caído no banheiro! Na verdade, ela morreu na cama e foi enterrada em uma tumba dourada suntuosa na Catedral de São Pedro e São Paulo em São Petersburgo.

ILUSTRAÇÃO DE
ARIJKE BUURLAGE



"SOU DAQUELAS
PESSOAS QUE AMAM OS
PORQUÊS DAS COISAS."
—CATARINA, A GRANDE

● CHOLITAS ESCALADORAS ●

Era uma vez, no sopé de uma bela montanha na Bolívia, uma mulher chamada Lydia Huayllas.

Durante toda a sua vida, Lydia e suas amigas cozinham para os alpinistas antes de eles partirem dos acampamentos para a escalada da montanha. Ela costumava vê-los colocando os capacetes, ajustando as mochilas, amarrando as botas e enchendo os cantis. Ela via a emoção no olhar deles.

Lydia e as outras mulheres não sabiam como o topo da montanha era. Os maridos e os filhos delas sabiam. Eles trabalhavam como guias e carregadores, levavam grupos de alpinistas em segurança para o topo e os traziam de volta enquanto as mulheres ficavam no acampamento, no vale.

Um dia, Lydia disse:

“Vamos subir e ver com nossos próprios olhos.”

Enquanto as mulheres colocavam suas botas e crampons sob as saias (*cholitas*), os homens riam.

“Vocês não podem usar *cholitas*”, gracejaram. “Vocês têm que usar um equipamento apropriado para escalada.”

“Bobagem”, Lydia respondeu, afivelando o capacete. “Podemos usar o que quisermos, somos as *cholitas* escaladoras!”

Enfrentando tempestades de neve e ventos cruéis, as mulheres escalaram pico após pico.

“Somos fortes. Queremos escalar oito montanhas”, afirmaram.

Enquanto você lê isto, elas provavelmente estão passeando pela neve, com o vento balançando suas saias multicoloridas, cheias de emoção por ver o mundo de outro pico.

An illustration by Sarah Wilkins depicting three mountaineers ascending a steep, snow-covered mountain. The climber in the foreground is wearing a yellow helmet, a red poncho with orange floral patterns, and a large, flowing blue skirt. They are using a yellow ice axe. Behind them, another climber wears a yellow helmet, a red poncho, and a green and white patterned skirt. A third climber, partially visible on the left, wears a yellow helmet, a red poncho, and a pink skirt. The background shows more snow-capped mountain peaks under a pale blue sky.

ILUSTRAÇÃO DE
SARAH WILKINS

"ESTAR NO TOPO É MARAVILHOSO.
É UM OUTRO MUNDO."

—LYDIA HUAYLLAS

● **CLAUDIA RUGGERINI** ●

Era uma vez uma garota que teve de mudar de nome.

“Ei, Marisa!”, suas amigas a chamavam.

Ninguém podia saber que seu verdadeiro nome era Claudia, era perigoso demais.

Claudia viveu em uma época em que a Itália era governada por um tirano chamado Benito Mussolini. Durante a ditadura dele, você não podia ler determinados livros, não podia assistir a determinados filmes, não podia expressar certas opiniões e não podia votar.

Claudia acreditava na liberdade e decidiu lutar contra esse homem com todas as suas forças. Assim, juntou-se a um grupo de partidários (*partigiani*, em italiano) para ajudar a derrubar o ditador.

O grupo de Claudia era formado por jovens universitários. Eles se encontravam em segredo depois da aula para editar seu próprio jornal. Mas como poderiam espalhar sua mensagem com a polícia de Mussolini por toda a parte?

Claudia era incrivelmente corajosa. Ela andou por todos os lados com sua bicicleta entregando jornais e mensagens em vários esconderijos por quase dois anos. Um dia, o regime finalmente colapsou. A rádio nacional anunciou que a Itália estava livre do fascismo e as pessoas foram às ruas para celebrar.

Claudia — Marisa — tinha uma tarefa. Com um pequeno grupo de partidários, ela entrou nos escritórios do jornal nacional italiano, *Il Corriere della Sera*, e oficialmente os libertou da censura que durara vinte anos. Finalmente, estavam livres para imprimir a verdade e os amigos de Claudia agora podiam chamá-la pelo seu nome verdadeiro.

A stylized illustration of a woman with short, wavy, reddish-brown hair. She is wearing a blue patterned jacket with white bows at the collar and cuffs. The background is white with scattered pink cherry blossoms and petals. There are green and pink geometric shapes in the corners.

ILUSTRAÇÃO DE
CRISTINA PORTOLANO

"O DESEJO DE LUTAR
PELA LIBERDADE É MAIS
FORTE QUE O MEDO."

—CLAUDIA RUGGERINI

● CLEÓPATRA ●

Era uma vez, no Egito antigo, um faraó que morreu e deixou seu reino para seu filho de dez anos de idade, Ptolomeu XIII, e para sua filha Cleópatra, de dezoito anos.

Os dois tinham ideias tão diferentes sobre como governar o país que logo Cleópatra foi expulsa do palácio e uma guerra civil se iniciou.

Júlio César, o imperador de Roma, viajou até o Egito para ajudar Cleópatra e Ptolomeu a chegarem a um acordo.

“Se ao menos pudesse me encontrar com César antes do meu irmão”, Cleópatra pensou, “poderia convencê-lo de que sou a melhor governante.”

Mas ela tinha sido banida do palácio. Os guardas impediriam a entrada dela.

Então Cleópatra pediu para seus servos que a enrolassem em um tapete e a levassem em segredo para os aposentos de César. Impressionado com essa ousadia, César devolveu o trono a Cleópatra. Eles se tornaram um casal e tiveram um filho. Cleópatra se mudou para Roma, mas César foi assassinado e ela teve que voltar para o Egito.

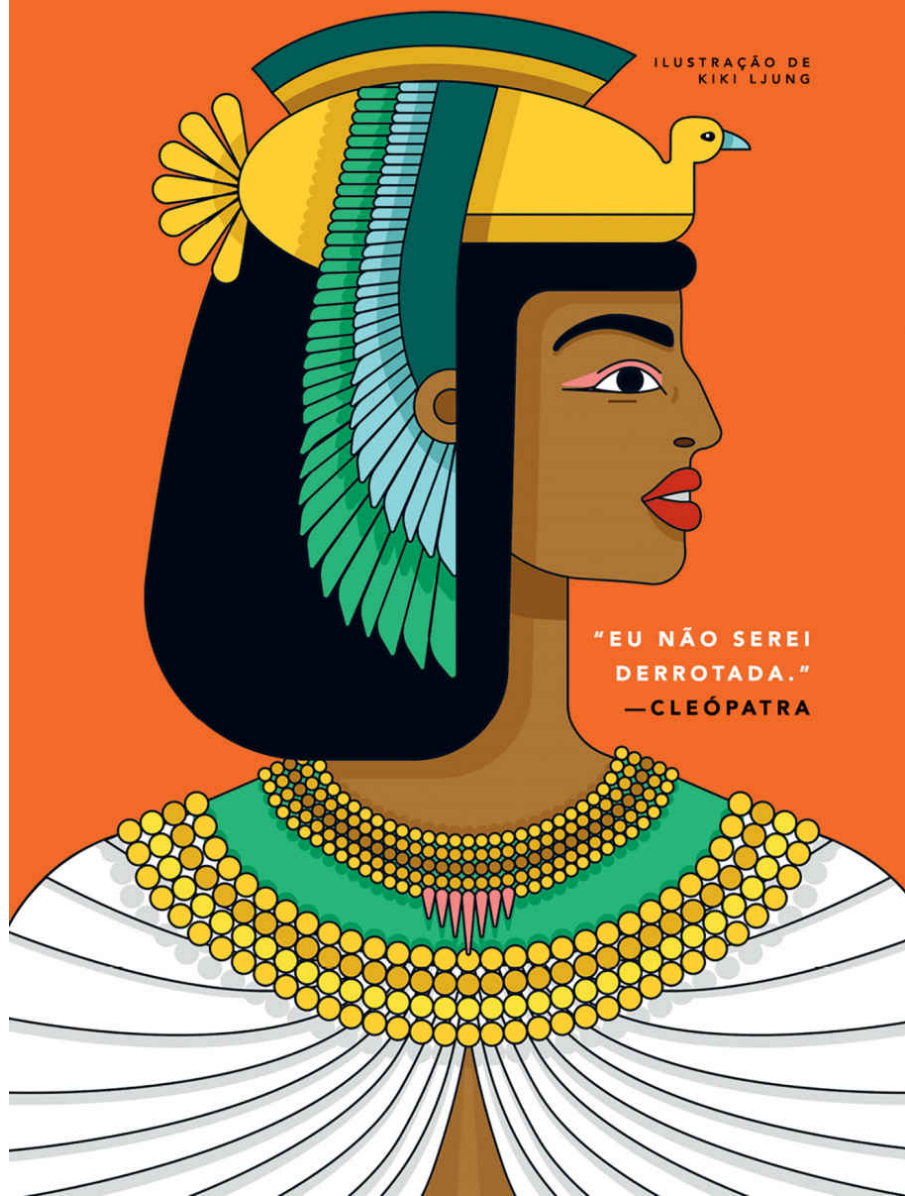
O novo líder de Roma, Marco Antônio, tinha ouvido muito sobre a força da rainha egípcia e queria conhecê-la. Dessa vez, ela chegou em um navio dourado, cercada por pedras preciosas e seda.

Foi amor à primeira vista.

Cleópatra e Marco Antônio eram inseparáveis. Tiveram três filhos e se amaram até o fim da sua vida.

Quando Cleópatra morreu, o império também se encerrou. Ela foi a última de uma linhagem de faraós que governaram o Egito Antigo.

ILUSTRAÇÃO DE
KIKI LJUNG



"EU NÃO SEREI
DERROTADA."
—CLEÓPATRA

● **COCO CHANEL** ●

Era uma vez, no interior da França, uma garota que vivia em um convento, cercada de freiras vestidas de branco e preto. O nome dela era Gabrielle Chanel.

No convento, as garotas aprendiam a costurar, mas não tinham muitas cores para escolher. Elas usavam os mesmos tecidos que as freiras, logo todas as bonecas delas tinham roupinhas brancas e pretas também!

Quando cresceu, Gabrielle passou a trabalhar como costureira de dia e cantora à noite. Os soldados para quem ela cantava no bar a chamavam de Coco e esse apelido a acompanharia para o resto da vida.

Coco sonhava em ter sua própria loja em Paris. Um dia, um amigo rico lhe emprestou dinheiro para realizar esse sonho.

As roupas de Coco eram fabulosas, mesmo quando o tecido era liso.

“Onde você compra isso?”, as chiques senhoras parisienses perguntavam para ela.

“Eu mesma faço”, ela respondia. “Venha à minha loja e posso fazer um para você também.”

Os negócios cresceram rapidamente e logo Coco devolveu o dinheiro do amigo.

Sua peça de roupa de maior sucesso foi o clássico “vestidinho preto”. Ela transformou a cor que sempre esteve associada com funerais a algo perfeito para um evento glamoroso à noite.

O estilo de várias das roupas que usamos hoje foi muito influenciado por Coco Chanel, a estilista que começou fazendo roupinhas de boneca com retalhos das saias das freiras.

ILUSTRAÇÃO DE
KAROLIN SCHNOOR

"ALGUMAS PESSOAS
PENSAM QUE O LUXO
É O OPOSTO DA
POBREZA. NÃO É.
É O OPOSTO DA
VULGARIDADE."

—COCO CHANEL



● CORA CORALINA ●

Era uma vez uma casa em uma ponte. Lá vivia uma garotinha chamada Cora, que sabia que era poetisa.

Sua família não achava isso. Eles não queriam que ela lesse livros e não queriam mandá-la para o ensino médio. Eles pensavam que seu trabalho era encontrar um bom marido e formar uma família.

Quando cresceu, Cora se apaixonou por um homem e eles se casaram. Ela se mudou com ele para a cidade grande e tiveram quatro filhos. Ela trabalhou em todos os tipos de empregos para garantir que seus filhos pudessem ir para a escola.

Cora teve uma vida ocupada, mas nunca se esqueceu de que era uma poetisa. Ela escrevia todos os dias.

Quando estava com sessenta anos, se mudou de volta para a casa na ponte. Decidiu que era hora de começar sua carreira como poetisa. Cora ainda precisava de dinheiro, então assava bolos para vender junto com seus poemas na porta da sua casa.

Os poemas de Cora começaram a ser admirados por outros poetas e escritores. Ela ganhou prêmios, medalhas e — quando estava com setenta e cinco anos — publicou seu primeiro livro.

Jornalistas vieram do país todo para entrevistá-la enquanto ela assava bolos. E quando eles se foram, ela se sentou à escrivaninha e começou a escrever de novo, cercada pelo delicioso cheiro de tortas, biscoitos e bolos.

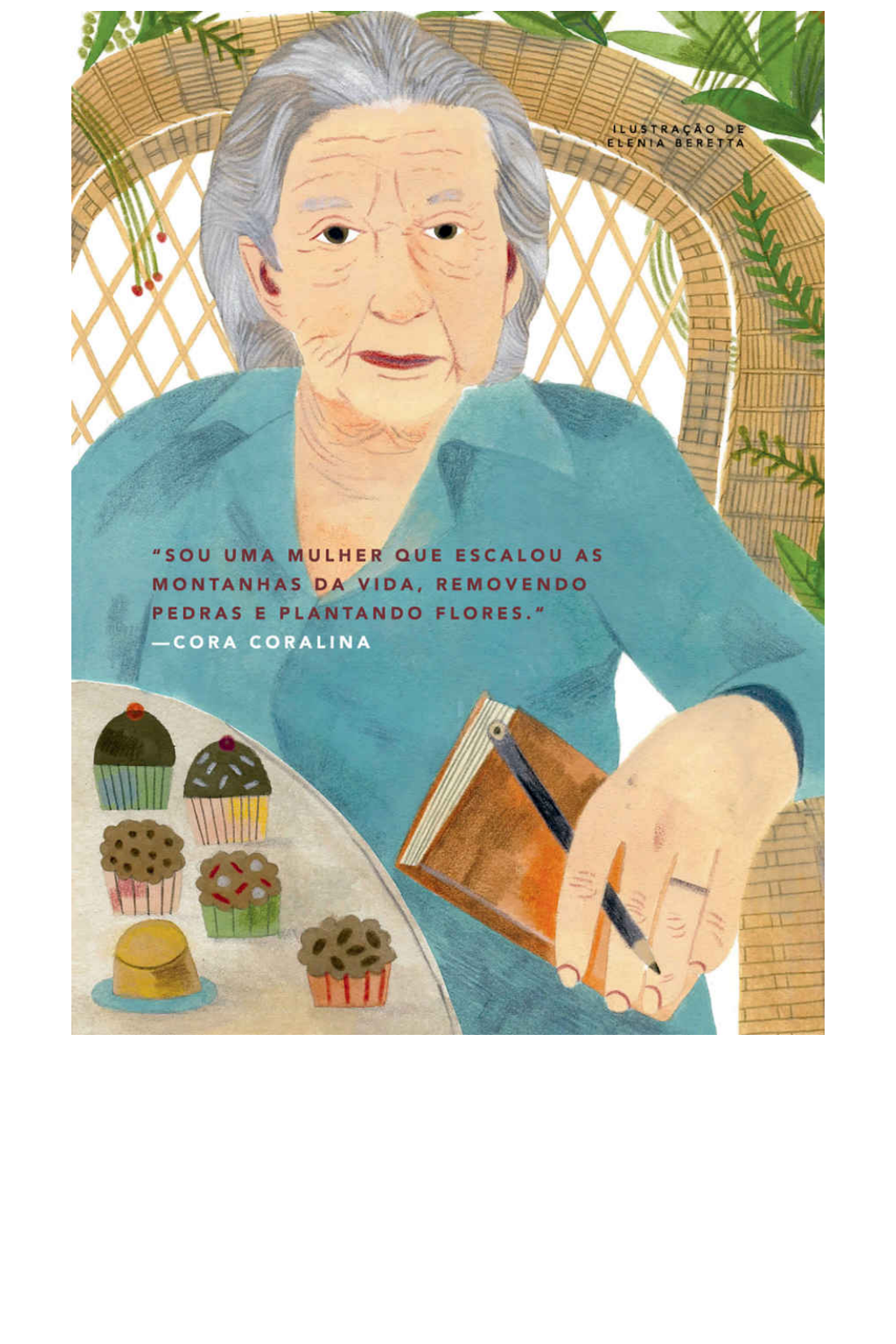


ILUSTRAÇÃO DE
ELENIA BERETTA

**"SOU UMA MULHER QUE ESCALOU AS
MONTANHAS DA VIDA, REMOVENDO
PEDRAS E PLANTANDO FLORES."**

—CORA CORALINA

● COY MATHIS ●

Era uma vez um garotinho chamado Coy. Ele amava vestidos, a cor rosa e sapatos brilhantes.

Coy queria que seus pais se referissem a ele como “ela” e não gostava de vestir roupas de meninos. Seus pais deixaram que ele vestisse o que quisesse.

Uma noite, Coy perguntou para sua mãe:

“Quando vamos para o médico para você me transformar em uma garota de verdade?”

O médico explicou:

“Normalmente, garotos se sentem bem como garotos e garotas se sentem bem como garotas. Mas tem alguns meninos que se sentem meninas, e meninas que se sentem meninos. Eles são chamados transgêneros, e Coy é uma garota transgênera. Ela nasceu no corpo de um garoto, mas, lá no fundo, se sente como uma garota, e deve-se permitir que ela seja uma.”

Desde então, seus pais pediram para todos a tratarem como uma garota.

Mas quando as aulas começaram, tiveram um problema inesperado.

“Coy tem que usar ou o banheiro dos meninos ou o dos deficientes”, os professores disseram.

“Mas eu não sou um garoto!”, Coy reclamou. “E não sou deficiente! Sou uma garota.”

Os pais de Coy conversaram com um juiz sobre a situação.

O juiz pensou e decidiu: “Eles devem deixar Coy usar o banheiro que ela quiser.”

Coy e seus pais deram uma grande festa para comemorar. Comeram um bolo cor-de-rosa, Coy usou um vestido cor-de-rosa brilhante e belos sapatos cor-de-rosa.

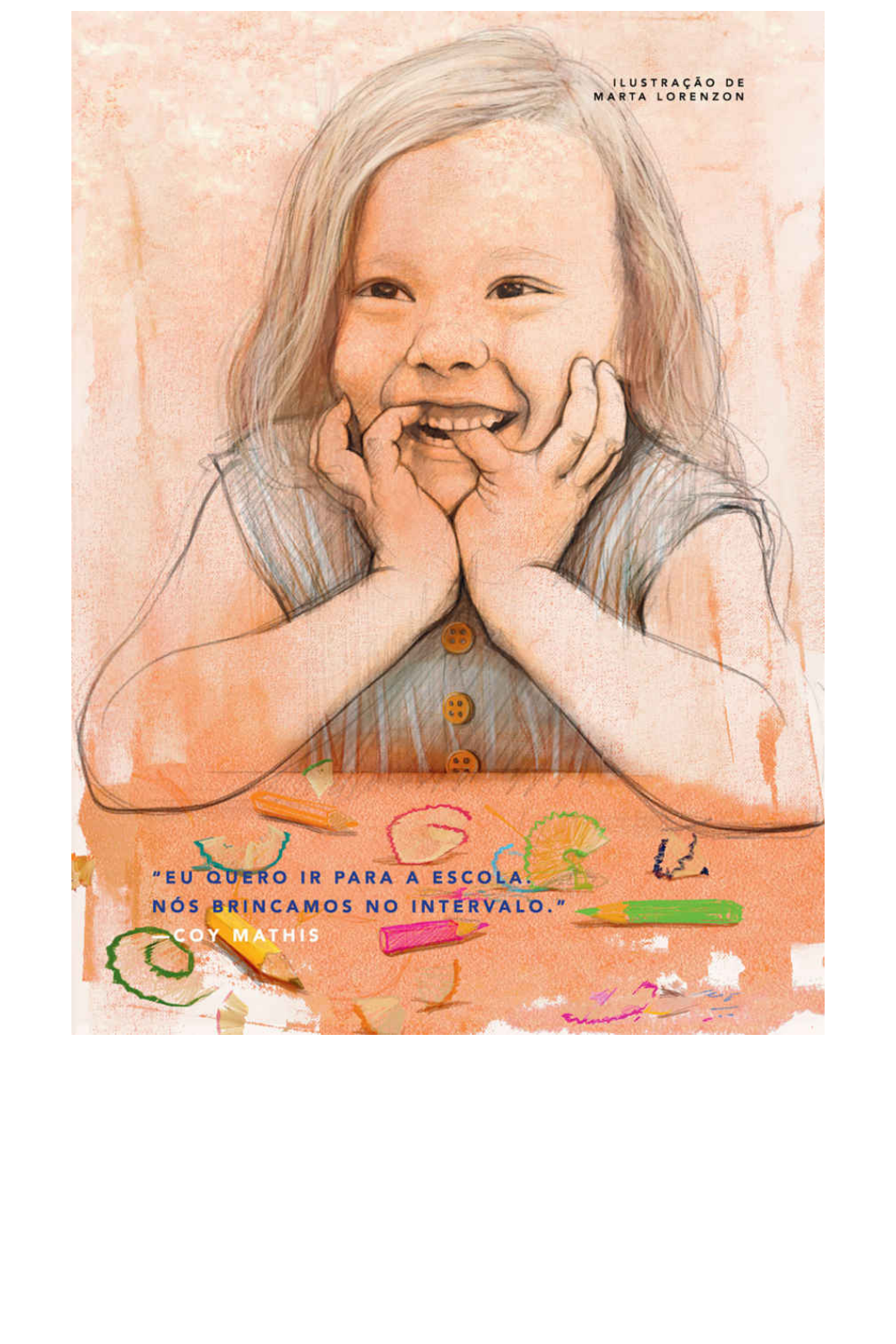


ILUSTRAÇÃO DE
MARTA LORENZON

"EU QUERO IR PARA A ESCOLA.
NÓS BRINCAMOS NO INTERVALO."

— COY MATHIS

● ELIZABETH I ●

Era uma vez um rei que queria deixar seu reino para um filho.

Quando sua esposa deu à luz uma filha, o rei Henrique VIII ficou tão furioso que a abandonou. Ele mandou a criança para longe e se casou com outra mulher. Ele acreditava que apenas um homem seria capaz de governar o país depois que ele morresse e ficou satisfeito quando sua nova esposa deu à luz um garoto, Edward.

A filha de Henrique, Elizabeth, cresceu e se tornou uma garota brilhante, com um cabelo ruivo notável e um temperamento impetuoso.

Edward tinha apenas nove anos quando se tornou rei após a morte do pai. Alguns anos depois, ele também adoeceu e morreu, e sua irmã, Mary, se tornou rainha. Mary pensava que Elizabeth estava tramando contra ela, então a aprisionou na Torre de Londres.

Um dia, os guardas da Torre entraram em sua cela.

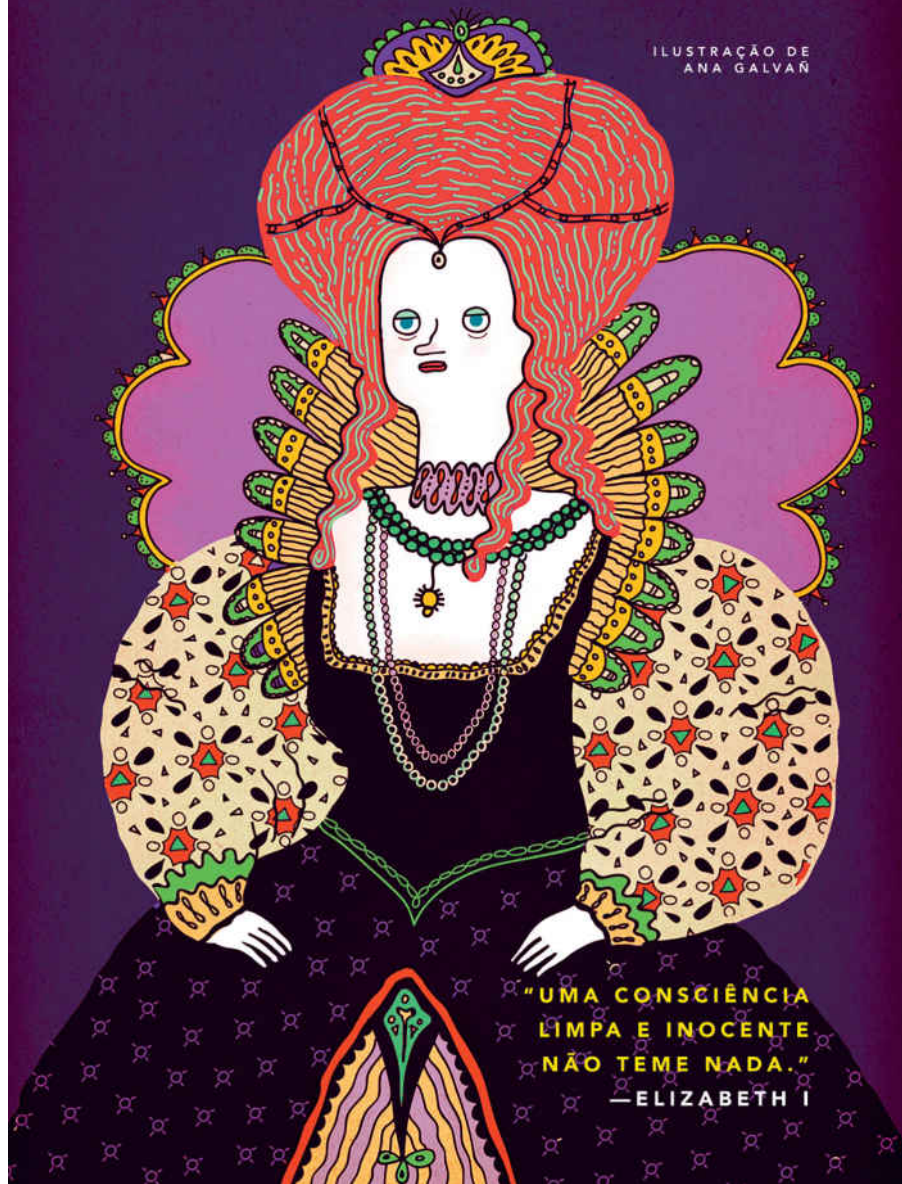
“A rainha está morta”, anunciaram.

E então ajoelharam-se diante dela. Elizabeth passou instantaneamente de prisioneira da Torre para nova rainha do país.

A corte de Elizabeth era a casa de músicos, poetas, pintores e escritores de peças teatrais. O mais famoso deles era William Shakespeare, cujas peças Elizabeth adorava. Ela usava vestidos suntuosos, decorados com pérolas e laços. Ela nunca se casou: valorizava sua independência tanto quanto a do seu país.

Seu povo a amava muito e, quando ela morreu, os londrinos foram para as ruas em luto pela maior rainha que tiveram.

ILUSTRAÇÃO DE
ANA GALVÃO



"UMA CONSCIÊNCIA
LIMPA E INOCENTE
NÃO TEME NADA."
—ELIZABETH I

● **EUFROSINA CRUZ** ●

Era uma vez uma garota que não queria fazer *tortillas*. Quando seu pai lhe disse que uma mulher só podia fazer *tortillas* e filhos, ela começou a chorar e prometeu provar a ele que aquilo não era verdade.

“Você pode sair de casa, mas não espere um centavo meu”, ele lhe disse.

Eufrosina começou vendendo chicletes e frutas nas ruas para pagar seus estudos. Formou-se em contabilidade e voltou para sua cidade natal empregada como professora. Começou a ensinar garotinhas indígenas como ela para que também pudessem encontrar forças e recursos para construir a própria vida.

Um dia, decidiu concorrer para prefeita da cidade. Teve muitos votos, mas, apesar disso, os vereadores cancelaram a eleição.

“Uma mulher como prefeita? Não sejam ridículos”, disseram.

Furiosa, Eufrosina começou a trabalhar mais duro ainda. Fundou uma organização chamada Quiego para ajudar mulheres indígenas a lutar por seus direitos. O símbolo delas era o lírio.

“Aonde quer que eu vá, levo essa flor para lembrar que as mulheres indígenas são exatamente como ela: naturais, belas e resistentes”, Eufrosina afirmava.

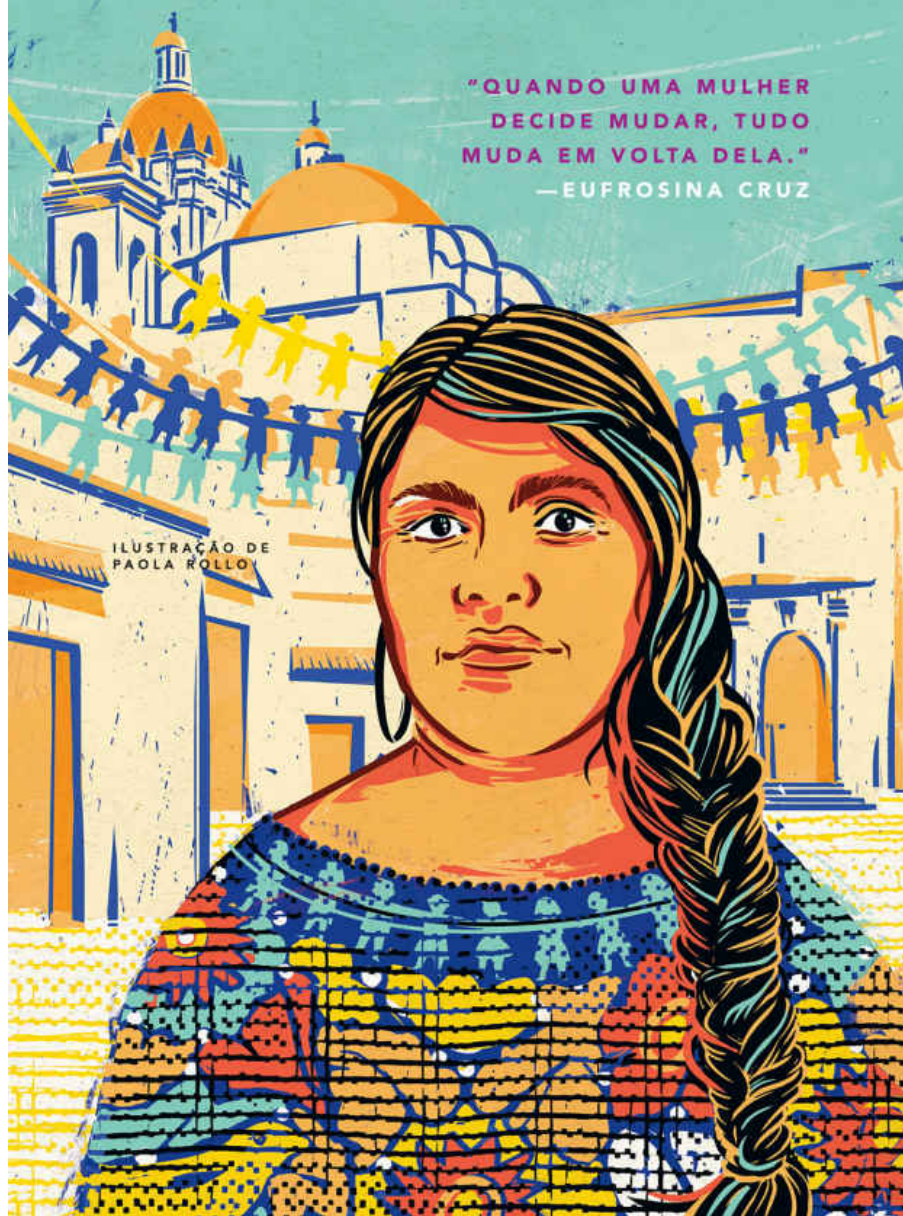
Alguns anos depois, Eufrosina se tornou a primeira indígena a ser eleita presidenta do congresso estadual. Quando a primeira-dama do México veio visitá-la, Eufrosina andou lado a lado com ela, na frente da população local.

Ela provou para o pai — e para o mundo todo — que não há nada que uma mulher indígena forte do México não possa fazer.

"QUANDO UMA MULHER
DECIDE MUDAR, TUDO
MUDA EM VOLTA DELA."

—EUFROSINA CRUZ

ILUSTRAÇÃO DE
PAOLA ROLLO



● EVITA PERÓN ●

Era uma vez, na América do Sul, uma bela garota chamada Eva. Quando criança, Eva sonhava em escapar da sua vida de pobreza tornando-se uma atriz famosa e uma estrela de cinema.

Quando tinha apenas quinze anos, Eva se mudou para uma cidade grande chamada Buenos Aires para perseguir seu sonho. Com talento, beleza e determinação, ela logo se tornou uma atriz celebrada nos palcos e no rádio. Mas Eva queria mais: queria ajudar as pessoas que não tinham a mesma sorte que ela.

Uma noite, em uma festa, conheceu o coronel Juan Perón, um político poderoso. Eles se apaixonaram e em pouco tempo se casaram.

Um ano depois, quando Juan Perón foi eleito presidente da Argentina, Eva logo ficou conhecida pelo seu apelido carinhoso, Evita. As pessoas amavam a paixão e o comprometimento dela em ajudar os pobres. Ela lutou duro pelos direitos das mulheres e ajudou as mulheres a conquistarem o direito de votar.

Evita se tornou uma figura tão lendária que foi chamada para concorrer como vice-presidente para compor o governo junto com seu marido. Apesar de ser amada pelos pobres, muitos poderosos temiam seu carisma e poder.

“Eles simplesmente não conseguem lidar com uma mulher jovem e bem-sucedida”, costumava declarar.

Depois de descobrir que tinha uma doença séria, Evita decidiu não concorrer. Mesmo assim, ajudou o marido a ganhar seu segundo mandato como presidente. Quando ela morreu, poucos meses depois, o anúncio feito na rádio nacional foi: “Perdemos a líder espiritual da nossa nação”.

A stylized illustration of Evita Perón. She has blonde hair styled in a bun, wearing a red and white striped earring, a blue dress with a white rose pinned to it, and a necklace with red circular beads. The background is a solid orange color.

ILUSTRAÇÃO DE
CRISTINA AMODEO

**"VOCÊ PRECISA QUERER! VOCÊ
TEM QUE TER O DIREITO DE PEDIR!
VOCÊ PRECISA DESEJAR."**

—EVITA PERÓN

● FADUMO DAYIB ●

Era uma vez uma garota que passou a infância tentando escapar da guerra. Fadumo e sua família precisavam ficar um passo à frente da batalha. Assim, ela não pôde ir para a escola. Ela não aprendeu a ler até completar catorze anos.

Um dia, sua mãe lhe disse:

“Você tem que deixar o país. Pegue seu irmão e vá!”

Fadumo sabia que sua mãe estava certa. O campo de guerra que a Somália se tornara era um dos lugares mais perigosos do mundo para crianças.

Quando finalmente chegaram à Finlândia, puderam fazer todas as coisas que as crianças fazem quando vivem em um país pacífico e democrático. Tinham uma casa e camas. Tinham comida todos os dias. Podiam brincar e ir para escola. Nunca apanhavam e podiam ir gratuitamente ao médico quando adoeciam.

Mas Fadumo nunca se esqueceu da Somália.

Ela queria aprender tudo o que podia e voltar para seu país para ajudar seu povo a resgatar a paz e a liberdade. Depois de concluir três mestrados, deixou sua família na Finlândia e começou a trabalhar com as Nações Unidas para construir hospitais em toda a Somália.

“Eu tenho que estar lá”, falou para seu marido.

Hoje, Fadumo é a primeira mulher candidata à presidência. Nunca uma mulher somaliana tinha concorrido à presidência antes porque era algo extremamente perigoso. Mas Fadumo não tinha dúvidas:

“Minha mãe sempre disse: ‘Você tem todas as possibilidades do mundo nas palmas das mãos’. E isso é verdade.”

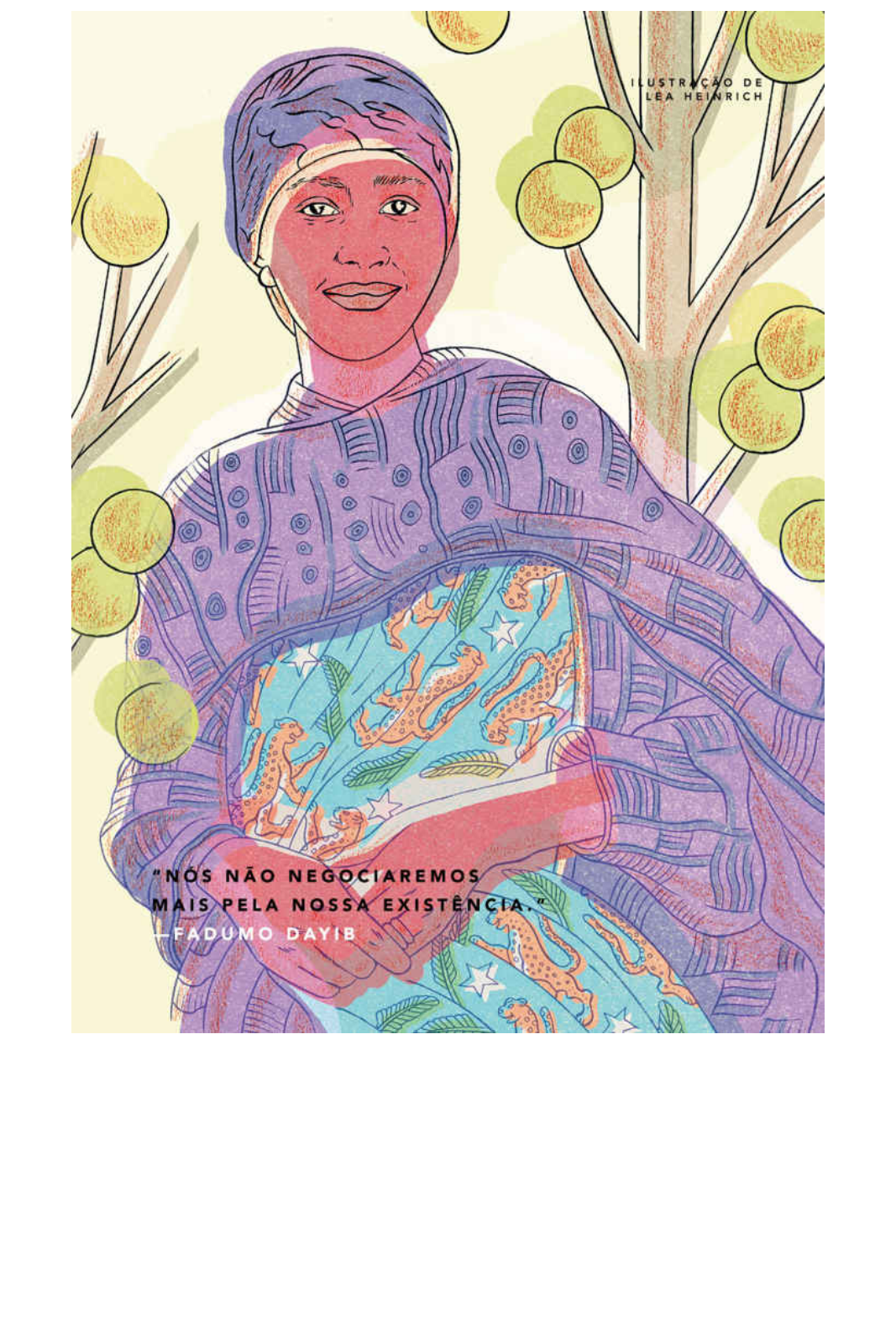


ILUSTRAÇÃO DE
LEA HEINRICH

**"NÓS NÃO NEGOCIAREMOS
MAIS PELA NOSSA EXISTÊNCIA."**
— FADUMO DAYIB

● FLORENCE NIGHTINGALE ●

Era uma vez um casal inglês que teve um bebê enquanto viajava pela Itália. Eles decidiram batizar a filha em homenagem à cidade em que ela nasceu, então a chamaram de Florence.

Florence amava viajar, amava matemática e ciência e amava colecionar informações. Sempre que viajava para um novo lugar, anotava quantas pessoas viviam lá, quantos hospitais existiam e qual o tamanho da cidade.

Ela amava números.

Florence estudou enfermagem e se tornou tão boa nisso que o governo a enviou para gerenciar um hospital de soldados na Turquia.

Assim que chegou, Florence começou a coletar e analisar todos os dados que pôde encontrar. Descobriu que a maioria dos soldados não morria devido aos ferimentos, mas por causa de infecções e doenças contraídas no hospital.

“O primeiro requisito para um hospital é que ele não cause mal para os doentes”, afirmou.

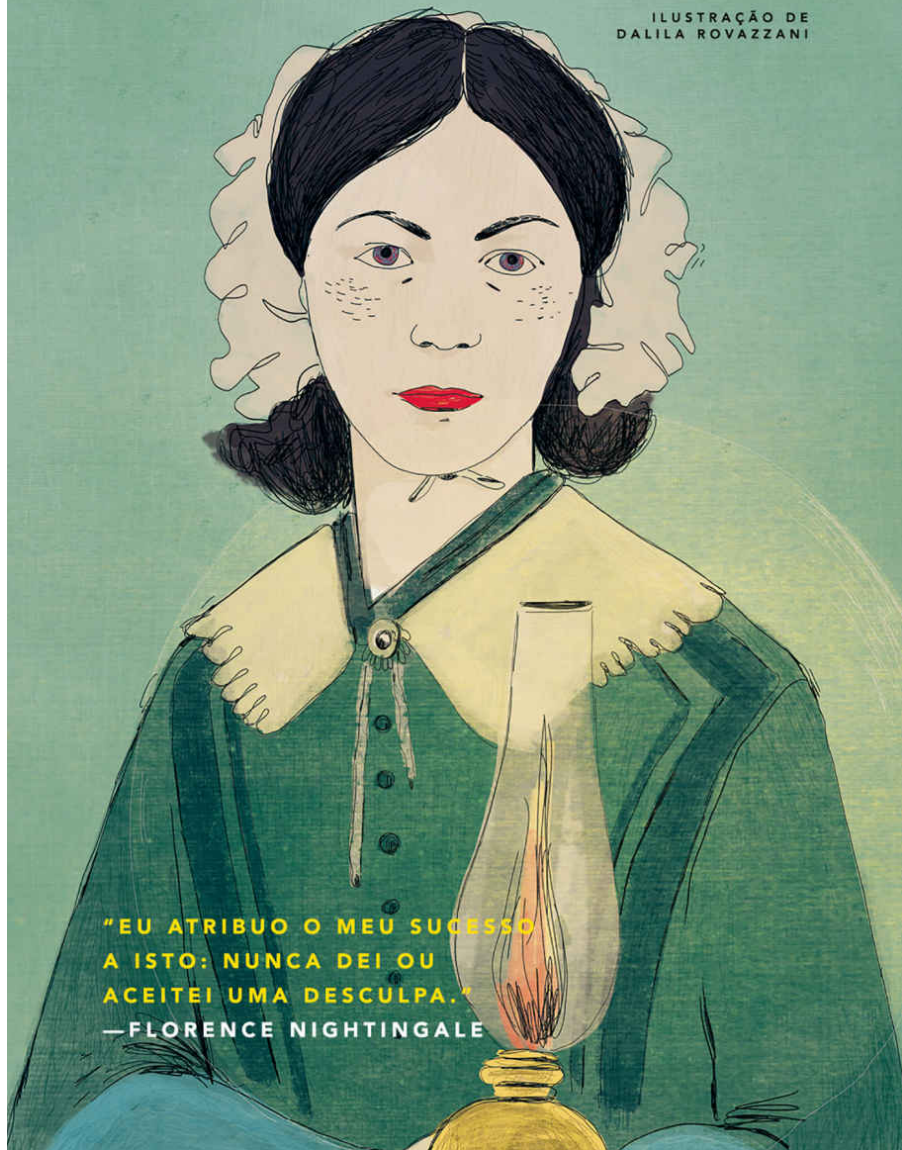
Ela se certificou de que todo mundo que trabalhava lá lavasse as mãos com frequência e mantivesse tudo limpo. À noite, ela levava uma lanterna enquanto fazia suas rondas, conversando com os pacientes para lhes dar esperança.

Graças a ela, muitos soldados voltaram em segurança para casa e ela passou a ser conhecida como “A Senhora da Lanterna”.

ILUSTRAÇÃO DE
DALILA ROVAZZANI

"EU ATRIBUO O MEU SUCESSO
A ISTO: NUNCA DEI OU
ACEITEI UMA DESCULPA."

—FLORENCE NIGHTINGALE



● FRIDA KAHLO ●

Era uma vez uma casa azul brilhante próxima à cidade do México onde vivia uma garotinha chamada Frida. Ela cresceu e se tornou uma das pintoras mais famosas do século 20 — só que ela quase não cresceu.

Quando tinha seis anos, contraiu poliomielite e escapou da morte por um triz. A doença a deixou coxa para sempre, mas isso não a impediu de brincar, nadar e brigar como todas as outras crianças.

Depois, quando tinha dezoito anos, sofreu um terrível acidente de ônibus. Ela quase morreu mais uma vez e, de novo, passou meses na cama. Sua mãe fez um cavalete especial para que ela pudesse pintar deitada. Mais do que tudo, Frida amava pintar.

Assim que voltou a andar, foi ver o artista mais famoso do México, Diego Rivera.

“Minhas pinturas são boas?”, perguntou para ele.

As pinturas dela eram incríveis, ousadas, brilhantes e belas. Ele se apaixonou por elas e por Frida.

Diego e Frida se casaram. Ele era um homem grande com um chapéu de aba larga. Ela parecia minúscula ao lado dele. As pessoas os chamavam de “o elefante e a pomba”.

Frida pintou centenas de belos autorretratos durante a vida, muitas vezes cercada pelos animais e pássaros que tinha. A casa azul brilhante onde viveu foi preservada do jeito que ela deixou, cheia de cor, alegria e flores.

6 DE JULHO 1907–13 DE JULHO 1954

MÉXICO

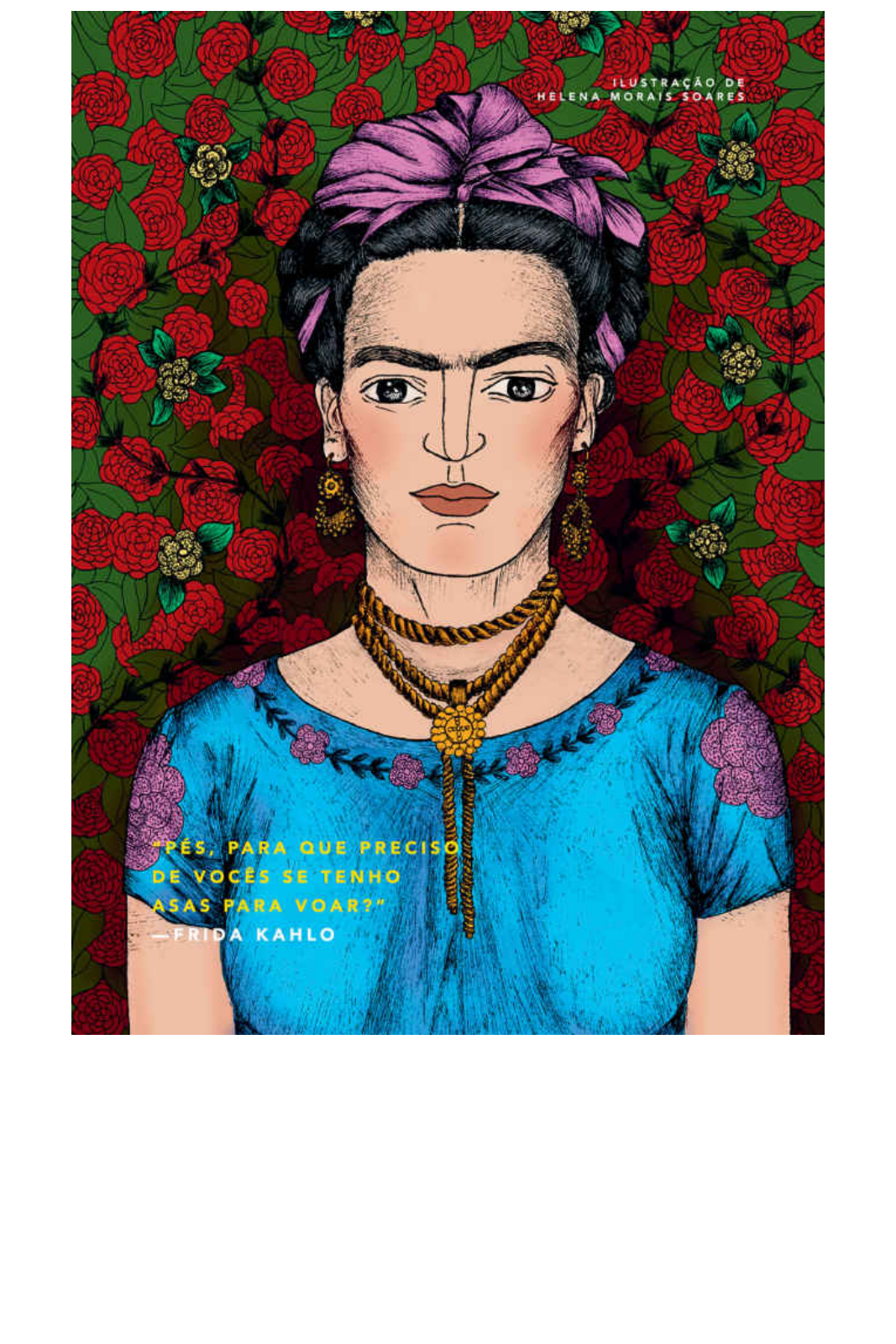


ILUSTRAÇÃO DE
HELENA MORAIS SOARES

"PÉS, PARA QUE PRECISO
DE VOCÊS SE TENHO
ASAS PARA VOAR?"

—FRIDA KAHLO

● GRACE HOPPER ●

Era uma vez uma garotinha chamada Grace, que realmente queria entender como o alarme dos relógios funcionavam. Começou desmontando todos os relógios que conseguiu encontrar. Primeiro um, depois outro e então o terceiro... Quando chegou ao sétimo relógio, sua mãe percebeu que não havia mais relógios na casa e a mandou parar!

Grace continuou mexendo em tudo que achava interessante. Anos depois, ela se tornou professora de matemática e física. Durante a Segunda Guerra Mundial, se alistou na marinha, como seu avô, que era almirante.

Ela foi designada para trabalhar em um projeto especial.

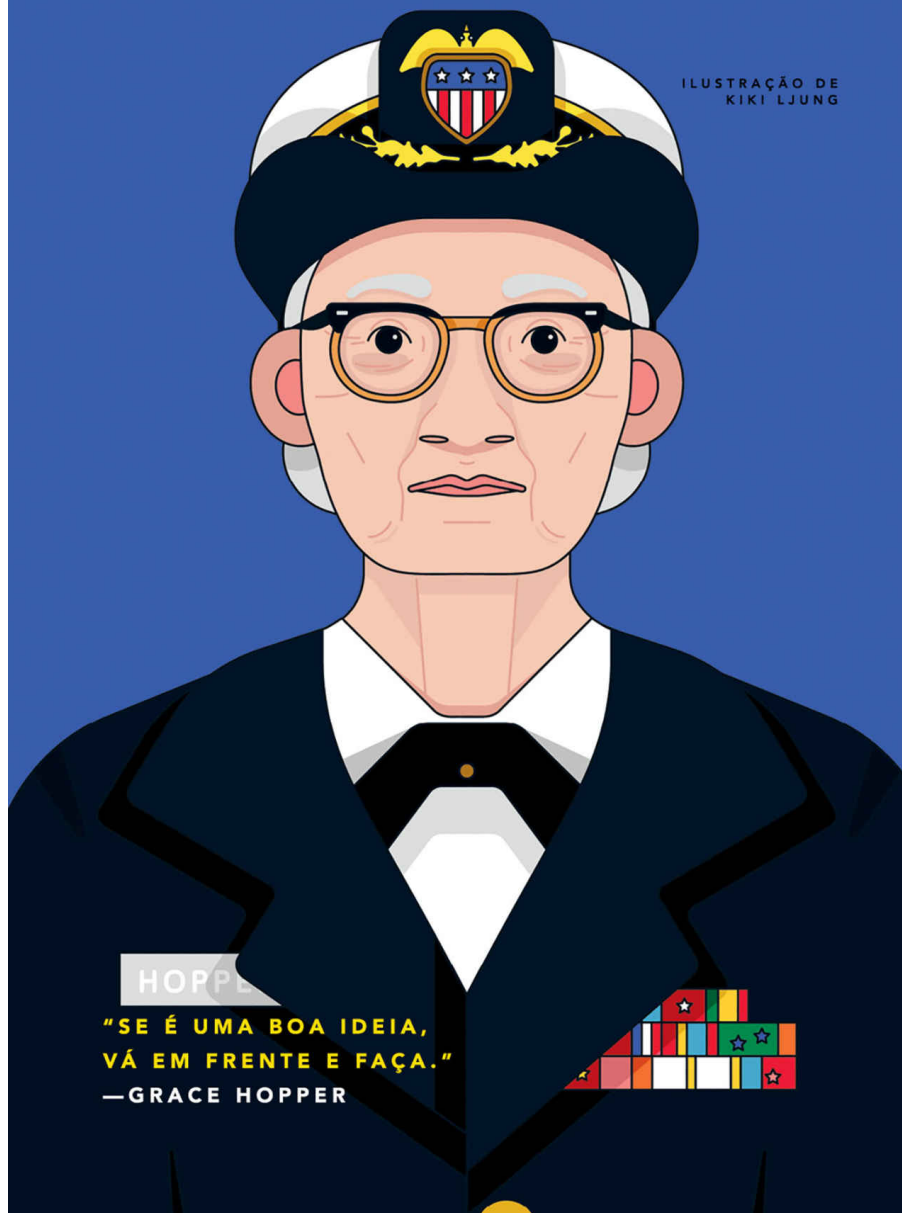
“Venha e conheça o Mark”, disseram.

Ela entrou em uma sala, mas, em vez de encontrar uma pessoa, foi apresentada ao primeiro computador! Chamado de “Mark I”, ele ocupava a sala toda e — por ser o primeiro — ninguém sabia ao certo como usá-lo. Assim, Grace começou a estudá-lo. Deu muito trabalho, mas, graças aos programas que ela escreveu para Mark I e seus sucessores, as forças militares dos EUA foram capazes de decodificar mensagens enviadas pelos inimigos durante a guerra.

Quando já estava velhinha, tentou se aposentar mais de uma vez, mas sempre era chamada de volta por causa do seu conhecimento extraordinário. Ela chegou a se tornar almirante, como seu avô.

Durante toda sua vida, Grace ia para a cama cedo e acordava às cinco da manhã para trabalhar em codificação de computadores. Ela nunca deixou de ser curiosa e seu trabalho mostrou para o mundo o que os computadores podiam fazer.

ILUSTRAÇÃO DE
KIKI LJUNG



● GRACE O'MALLEY ●

Era uma vez uma ilha verdejante onde viveu uma garota de longos cabelos ruivos. O nome dela era Grace.

Quando o vento soprava e as ondas quebravam contra as rochas, Grace ficava em pé no topo do penhasco e sonhava em navegar pelos mares tempestuosos.

“Garotas não podem ser marinheiras”, o pai dela disse. “Além do quê, seus cabelos longos iriam se enroscar nas cordas do navio.”

Grace não gostou nada daquilo. Cortou o cabelo curtinho e se vestiu como um garoto para provar para a família que ela também poderia viver como marinheira.

Finalmente, um dia, seu pai concordou em levá-la para navegar, com uma condição:

“Se cruzarmos com um navio pirata, se esconda embaixo do convés”, ele alertou.

Mas, quando foram atacados, Grace saltou das cordas e caiu nas costas de um dos piratas! O ataque surpresa funcionou e eles conseguiram expulsá-los.

Grace era uma boa marinheira e queria fazer algo mais excitante do que pescar. Quando a Inglaterra atacou seu castelo, ela preferiu se tornar uma pirata a se submeter ao governo inglês. Grace foi tão bem-sucedida que logo teve sua própria frota de navios, bem como várias ilhas e castelos ao longo da costa oeste da Irlanda.

Quando a Inglaterra capturou seus filhos, Grace seguiu de navio para se encontrar com a rainha da Inglaterra, Elizabeth I, para tentar salvá-los. Para a surpresa de todos, a rainha e Grace ficaram amigas. A rainha devolveu os filhos e as propriedades dela, e Grace a ajudou na luta contra os inimigos dos ingleses, os espanhóis.

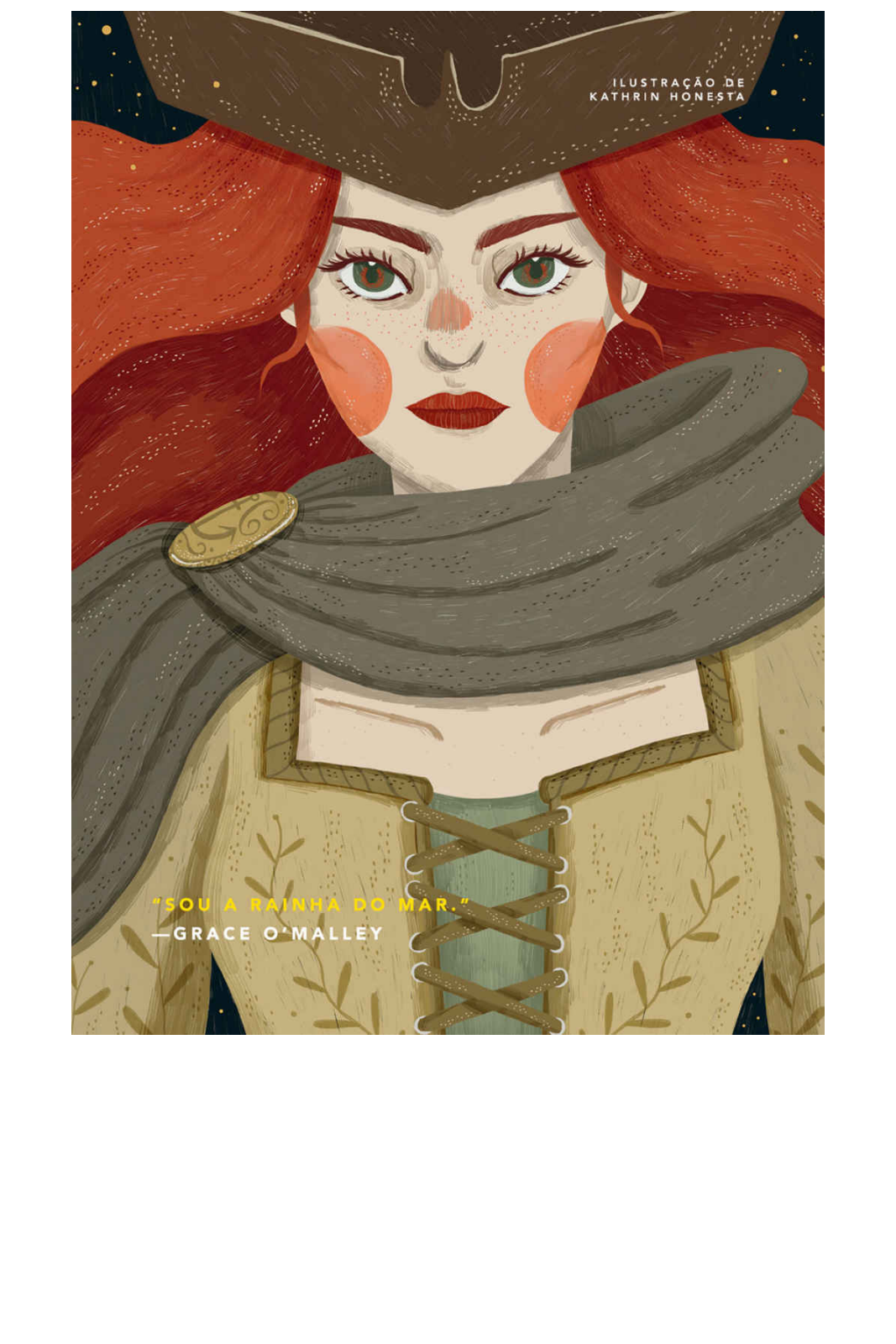
A stylized illustration of Grace O'Malley, a historical Irish pirate queen. She is depicted from the chest up, wearing a dark brown pirate-style hat with a white outline. Her long, wavy red hair flows down her shoulders. She has a fair complexion with rosy cheeks and red lips. A thick, grey, textured scarf is wrapped around her neck, secured with a large, ornate gold brooch. She is wearing a tan-colored tunic with a green lace-up bodice and a decorative gold brooch at the collar. The background is a dark blue night sky with small yellow stars.

ILUSTRAÇÃO DE
KATHRIN HONESTA

"SOU A RAINHA DO MAR."

—GRACE O'MALLEY

● HARRIET TUBMAN ●

Um belo dia, uma garotinha estava parada em frente a um mercado quando um homem negro passou correndo por ela. Ele estava sendo perseguido por um homem branco que gritava:

“Parem esse homem! Ele é meu escravo!”

Ela não fez nada para pará-lo. O nome dessa garota era Harriet, ela tinha doze anos e também era escrava. Harriet torceu para o homem escapar. Ela queria ajudá-lo.

Naquele instante, o capataz arremessou um objeto de metal no fugitivo. Ele errou, mas atingiu a cabeça de Harriet. Ela ficou muito machucada, mas seu cabelo grosso amorteceu a pancada o suficiente para salvar a vida dela.

“Meu cabelo nunca foi penteado”, ela disse, “e é firme como um cesto gigante.”

Alguns anos depois, a família que era sua proprietária a colocou à venda, então Harriet decidiu fugir.

Ela se escondia de dia e viajava à noite. Quando cruzou a fronteira da Pensilvânia, percebeu que, pela primeira vez na vida, estava livre.

“Olhei para as minhas mãos para ver se eu era a mesma pessoa agora que estava livre. Tudo era tão glorioso que me senti no céu.”

Ela pensou no escravo fugitivo e na família dela em Maryland, que ainda estava escravizada. Sabia que tinha que ajudá-los. Nos onze anos seguintes, ela voltou dezenove vezes e resgatou centenas de pessoas escravizadas.

Ela nunca foi capturada e nunca perdeu ninguém.

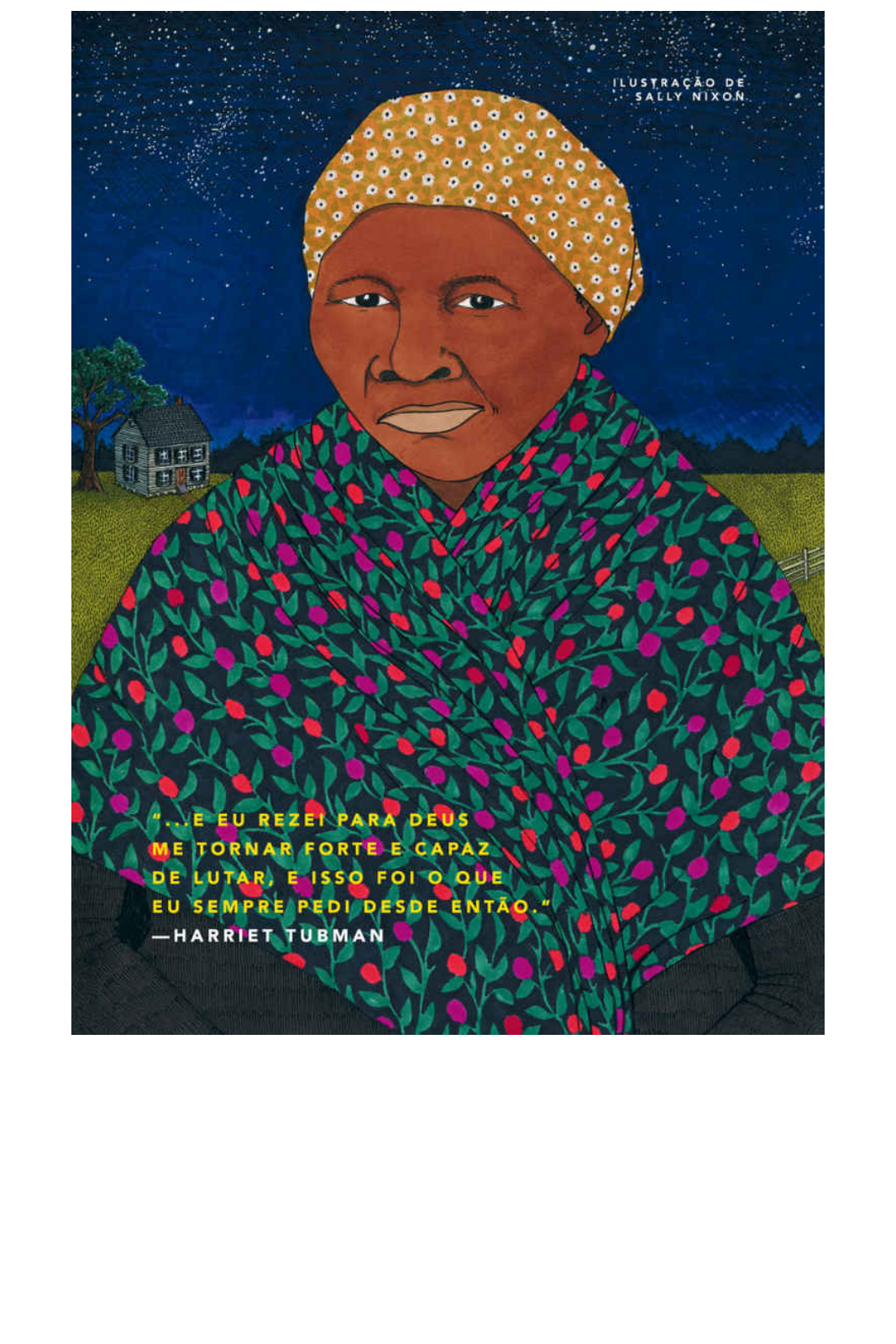
A stylized illustration of Harriet Tubman. She is depicted from the chest up, wearing a yellow headscarf with a white floral pattern and a dark blue shawl with a vibrant pattern of red and pink flowers and green leaves. She has a gentle expression and is looking slightly to the right. The background is a deep blue night sky filled with white stars. In the distance, to the left, is a small white house with a dark roof and a single tree. To the right, a white picket fence is visible. The overall style is reminiscent of mid-20th-century folk art or children's book illustrations.

ILUSTRAÇÃO DE
SALLY NIXON

"...E EU REZEI PARA DEUS
ME TORNAR FORTE E CAPAZ
DE LUTAR, E ISSO FOI O QUE
EU SEMPRE PEDI DESDE ENTÃO."

—HARRIET TUBMAN

● HATSHEPSUT ●

Muito antes de Cleópatra, uma mulher governou o Egito por vinte e cinco anos. O nome dela era Hatshepsut e ela foi a primeira mulher a ascender ao posto dos faraós.

Na época, a ideia de uma mulher se tornar faraó era tão estranha que Hatshepsut teve que fingir ser homem para convencer os egípcios de que era a líder legítima deles. Ela se proclamou *rei* e não *rainha* e excluiu o sufixo feminino do seu nome. Ela vestia roupas masculinas e, algumas vezes, até colocava uma barba falsa!

Hatshepsut reinou por mais tempo e com mais sucesso que qualquer outro faraó em toda a história do Egito. Mas, aparentemente, isso não foi o suficiente. Vinte anos depois da morte dela, alguém tentou apagá-la da história. As estátuas dela foram destruídas e seu nome foi removido dos registros.

Por quê? Porque uma mulher no cargo de faraó assustava as pessoas. E se seu sucesso encorajasse outras mulheres a buscar o poder?

Felizmente, não é tão fácil apagar a lembrança de alguém imortalizado nas pedras.

Vestígios do trabalho dela sobreviveram para que os arqueólogos modernos remontassem sua história.

A múmia de Hatshepsut, enrolada em linho e resinas perfumadas, tinha sido removida do seu túmulo original e escondida, mas foi encontrada no Vale dos Reis alguns anos depois.

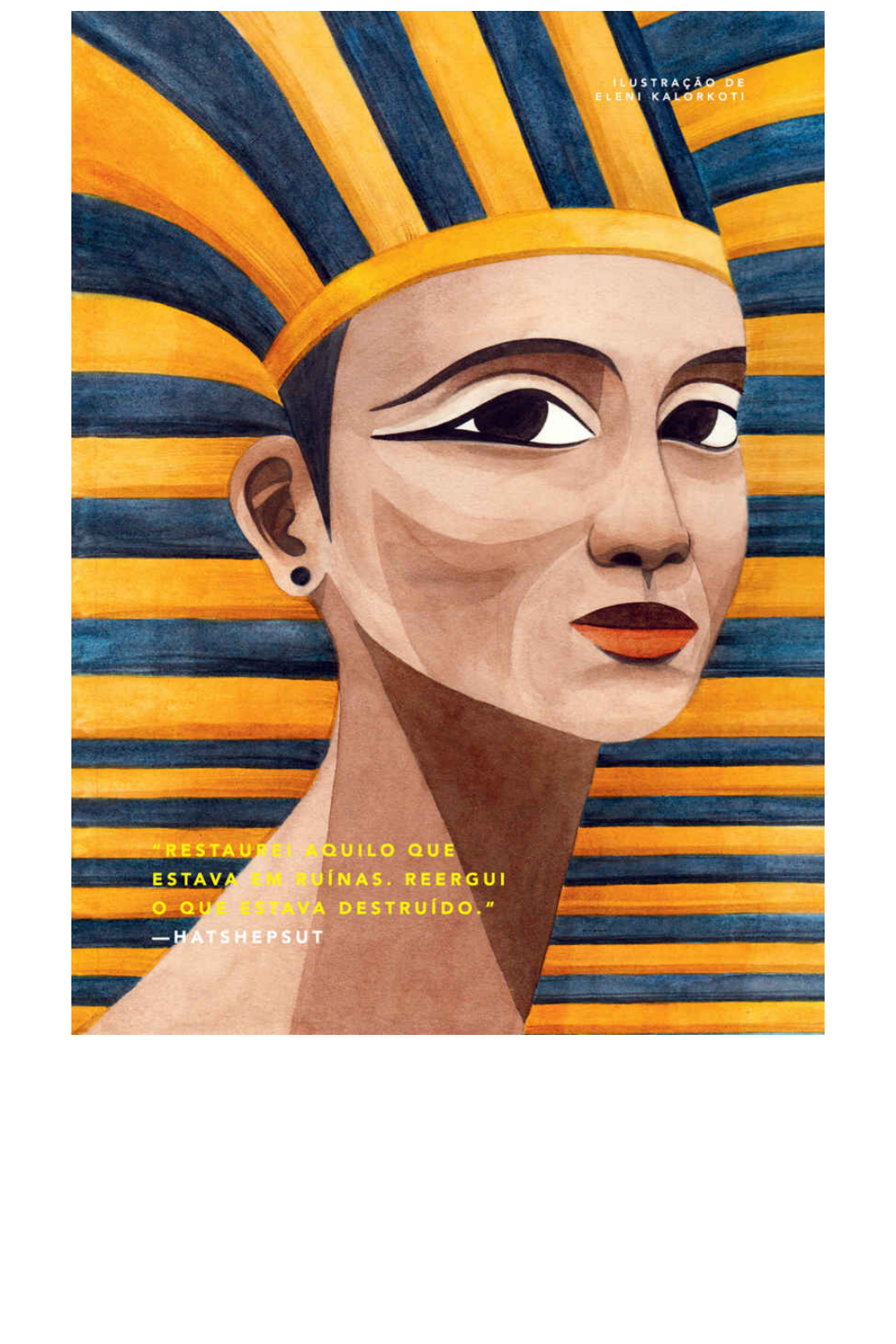


ILUSTRAÇÃO DE
ELENI KALORKOTI

"RESTAUREI AQUILO QUE
ESTAVA EM RUÍNAS. REERGUI
O QUE ESTAVA DESTRUÍDO."

—HATSHEPSUT

● HELEN KELLER ●

Era uma vez uma garota chamada Helen. Ela teve uma febre terrível que a deixou surda e cega. Frustrada e furiosa, ela costumava deitar no chão, chutar e gritar.

Um dia, sua mãe a levou para uma escola especial para cegos. Uma professora jovem e talentosa chamada Anne Sullivan decidiu tentar ensinar Helen a falar.

“Mas como é possível aprender a palavra *boneca* se você não pode ver sua boneca?”, Anne refletiu. Como você pode dizer *água* se nunca ouviu ninguém falar?

Anne percebeu que tinha que usar o tato de Helen. Ela segurava os dedos da garota embaixo da água corrente e soletrava a palavra *água* na mão dela. Depois, soletrava a palavra *boneca* quando Helen abraçava a boneca favorita. Helen de repente entendeu que existiam palavras diferentes para coisas diferentes!

Com os dedos nos lábios de Anne, Helen sentiu as vibrações quando essas palavras eram ditas e, aos poucos, aprendeu a falar aquelas palavras sozinha. Pouco tempo depois, já estava falando alto pela primeira vez.

Helen aprendeu a ler braile passando os dedos pelos pontos em alto-relevo. Até aprendeu línguas diferentes como francês, alemão, latim e grego!

Helen fez discursos públicos e defendeu os direitos das pessoas com deficiências. Viajou pelo mundo com sua incrível professora e seu amado cachorrinho. Ela não precisava de palavras para dizer para eles como se sentia, apenas lhes dava um abraço apertado e amoroso.

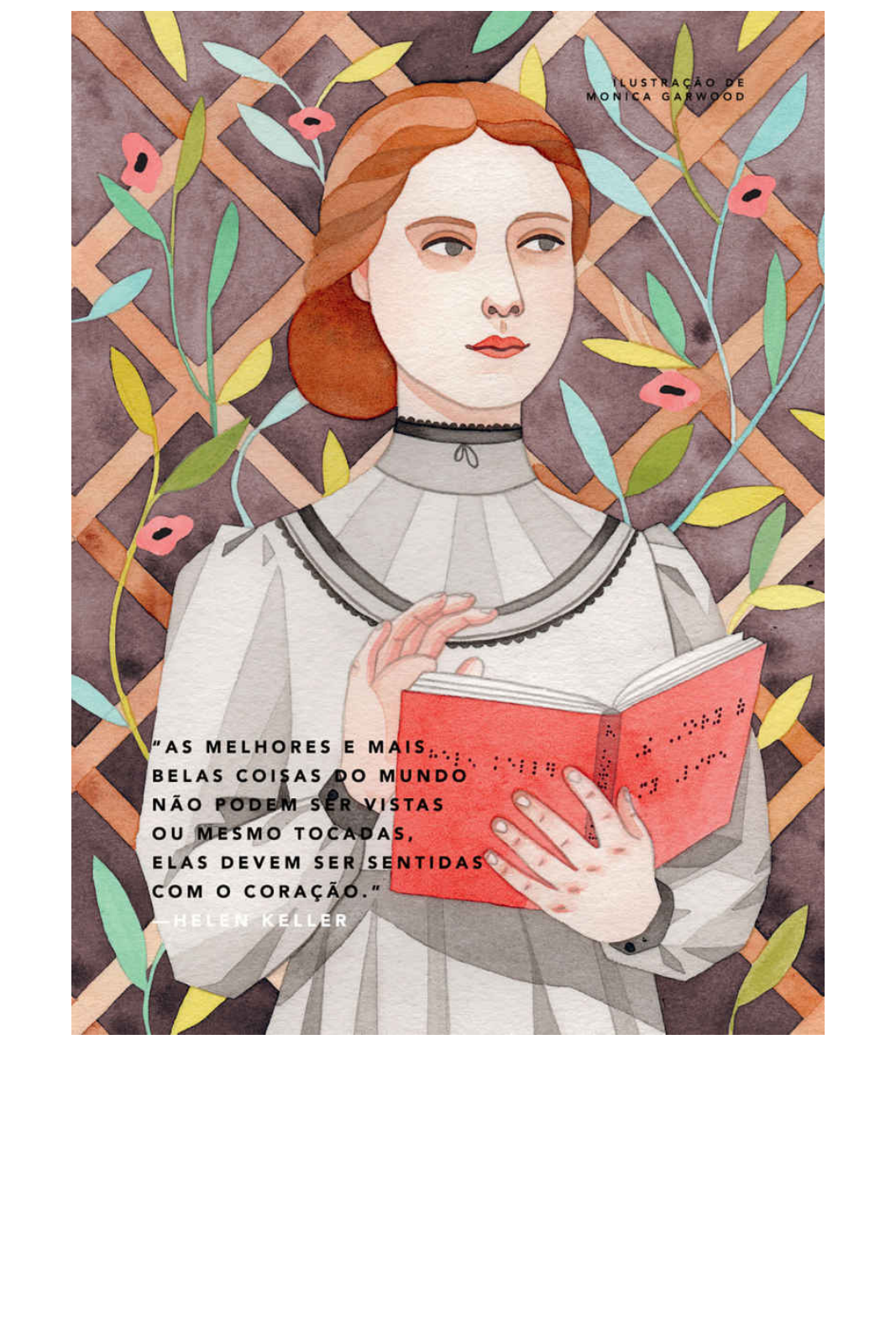
An illustration of a woman with reddish-brown hair, wearing a white dress with a high collar and a black choker. She is holding an open red book with both hands. The background is a dark purple lattice with green and yellow leaves and pink flowers. The text is overlaid on the image.

ILUSTRAÇÃO DE
MONICA GARWOOD

"AS MELHORES E MAIS
BELAS COISAS DO MUNDO
NÃO PODEM SER VISTAS
OU MESMO TOCADAS,
ELAS DEVEM SER SENTIDAS
COM O CORAÇÃO."

— HELEN KELLER

● HILLARY RODHAM CLINTON ●

Houve um tempo em que apenas os garotos podiam ser o que quisessem: atletas, médicos, juízes, policiais, presidentes. Naquela época, em Illinois, nasceu uma garota chamada Hillary.

Hillary era loira, corajosa, usava óculos grossos e tinha uma curiosidade sem limites. Ela queria sair e explorar o mundo, mas tinha medo dos meninos valentões da vizinhança que riam dela e a xingavam.

Uma vez, sua mãe a viu se escondendo em casa.

“Hillary, vá lá e lide com eles. Se não fizer isso, eles terão vencido sem nem lutar.”

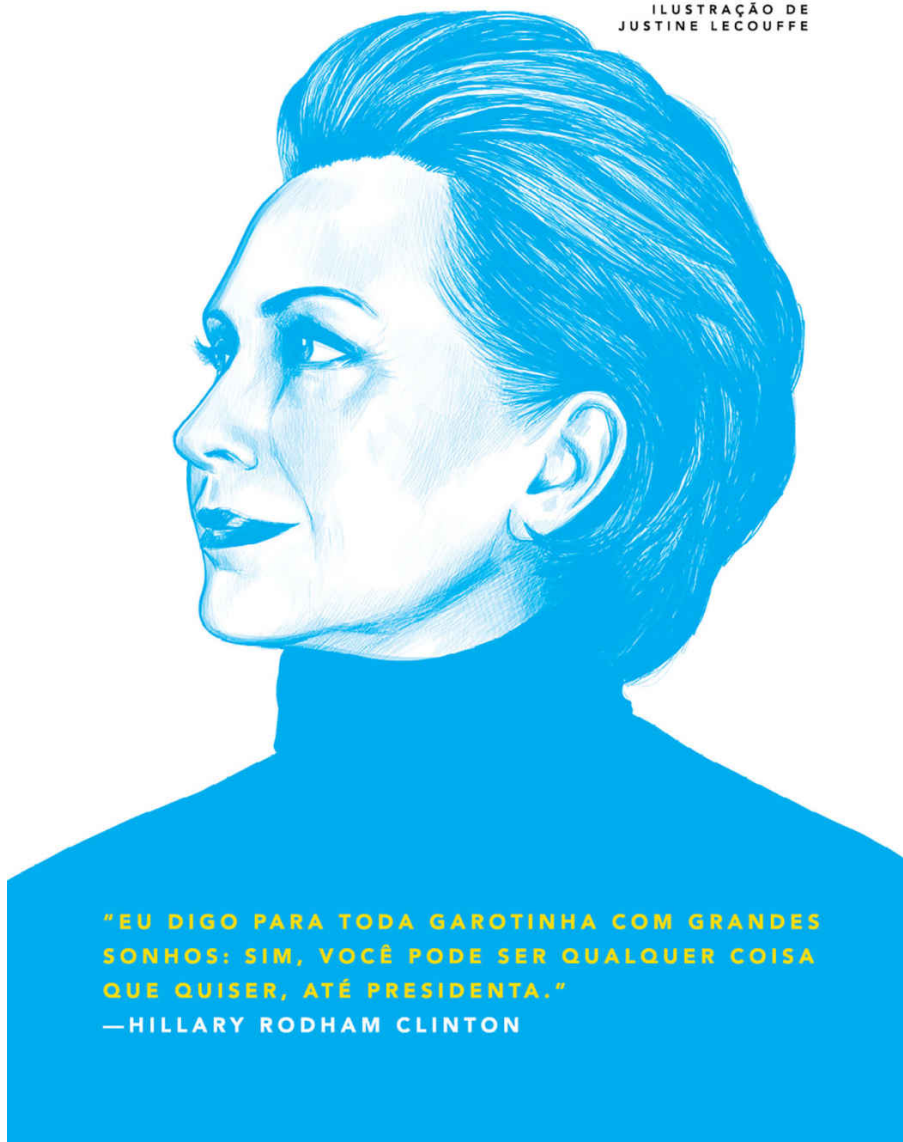
Então ela foi. Aprendeu a enfrentar valentões e logo encontrou outras pessoas que também lutavam: negros contra o racismo, mães solteiras se esforçando para criar os filhos. Hillary ouviu a história de todos e tentou achar um jeito de ajudá-los.

O melhor jeito de lutar pela justiça, decidiu, era entrar para a política. Como muitos americanos não estavam acostumados a ver uma mulher na política, eles a criticaram pelas razões mais bobas, como o seu corte de cabelo, o som da sua voz ou as roupas que usava. Tentaram dar uma de valentões para afastá-la da política. Mas Hillary tinha aprendido como lidar com eles e os enfrentou.

Hillary se tornou a primeira mulher a ser indicada por um grande partido para se candidatar à presidência dos Estados Unidos.

Houve um tempo em que garotas não podiam ser o que quisessem. Mas esse tempo se foi.

ILUSTRAÇÃO DE
JUSTINE LECOUFFE



**"EU DIGO PARA TODA GAROTINHA COM GRANDES
SONHOS: SIM, VOCÊ PODE SER QUALQUER COISA
QUE QUISER, ATÉ PRESIDENTA."**

—HILLARY RODHAM CLINTON

● HIPÁTIA ●

Era uma vez, em uma cidade do antigo Egito chamada Alexandria, uma enorme biblioteca. Naquela época, era a maior biblioteca do mundo. No entanto, lá não havia livros nem papel. As pessoas escreviam em papiro, que era feito com uma planta e enrolado em formato de pergaminho — não parecia nada com os livros de hoje. A biblioteca abrigava milhares de rolos de pergaminhos, cada um escrito à mão por um escriba e guardado com cuidado em prateleiras.

Nessa antiga biblioteca de Alexandria, um pai e uma filha sentavam-se lado a lado para estudar pergaminhos juntos. Filosofia, matemática e ciências eram as disciplinas prediletas.

Seus nomes eram Téon e Hipátia.

Hipátia resolvia equações e testava novas teorias geométricas e aritméticas. Ela gostava tanto de estudar que logo começou a escrever os próprios livros (ops! pergaminhos!). Ela até construiu um instrumento chamado astrolábio para calcular a posição do sol, da lua e das estrelas a qualquer momento.

Hipátia lecionava astronomia, e suas aulas faziam sucesso; estudantes e outros eruditos se acotovelavam para assistir a suas palestras. Ela se recusava a se vestir com roupas femininas e se apresentava com a túnica típica dos eruditos, como os outros professores. Infelizmente, todos os seus trabalhos foram destruídos no incêndio da biblioteca. Por sorte, seus alunos escreveram sobre ela e sobre suas ideias brilhantes, e assim ficamos conhecendo essa gênio de Alexandria.

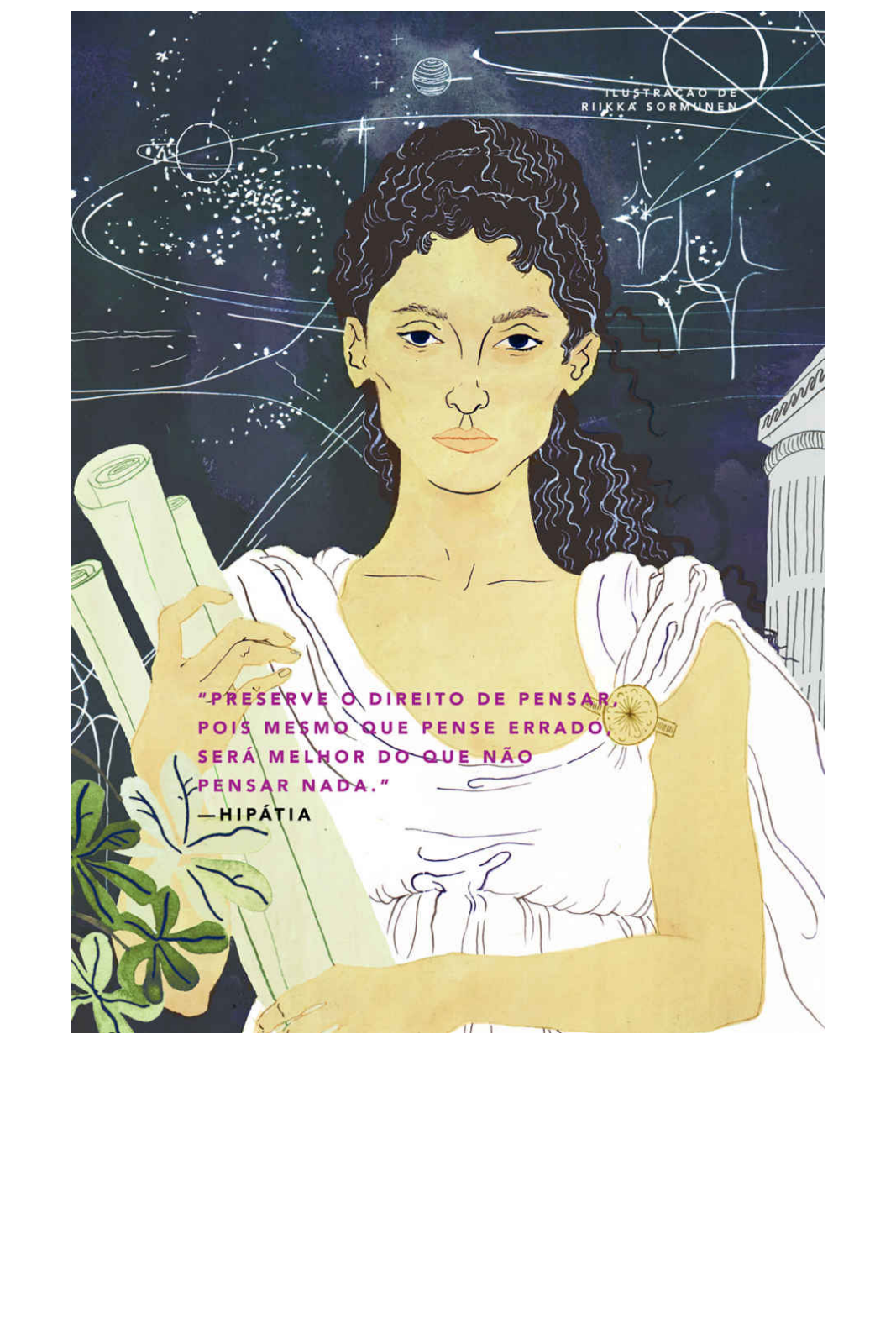
An artistic illustration of Hypatia, a woman with dark curly hair, wearing a white classical-style dress with a gold brooch on her shoulder. She holds several rolled-up scrolls in her left hand and a green plant in her right. The background is a dark blue night sky with white stars, constellations, and a small planet. A classical column is visible on the right.

ILUSTRAÇÃO DE
RIIKKA SORMINEN

"PRESEERVE O DIREITO DE PENSAR,
POIS MESMO QUE PENSE ERRADO,
SERÁ MELHOR DO QUE NÃO
PENSAR NADA."

—HIPÁTIA

● IRENA SENDLEROWA ●

Na Polônia, havia uma menininha chamada Irena que amava muito seu pai.

Certo dia, uma epidemia terrível de tifo eclodiu na cidade onde moravam, Varsóvia. O pai de Irena era um médico corajoso. Ele podia ter se afastado dos doentes, para não se arriscar, mas escolheu cuidar deles, até que ele mesmo ficou doente.

Antes de morrer, ele falou para a filha:

“Irena, se você vir alguém se afogando, deve mergulhar para salvá-lo.”

Irena valorizava essas palavras. Quando os judeus começaram a ser perseguidos pelos nazistas, ela ajudou famílias judias a salvar suas crianças.

Ela dava nomes cristãos a essas crianças e encontrava famílias cristãs que as acolhiam em segurança. Ela escrevia os nomes reais junto aos novos em pequenas tiras de papel, que enrolava e escondia em potes de geleia. Depois, enterrava os potes no quintal de um amigo, sob uma árvore enorme.

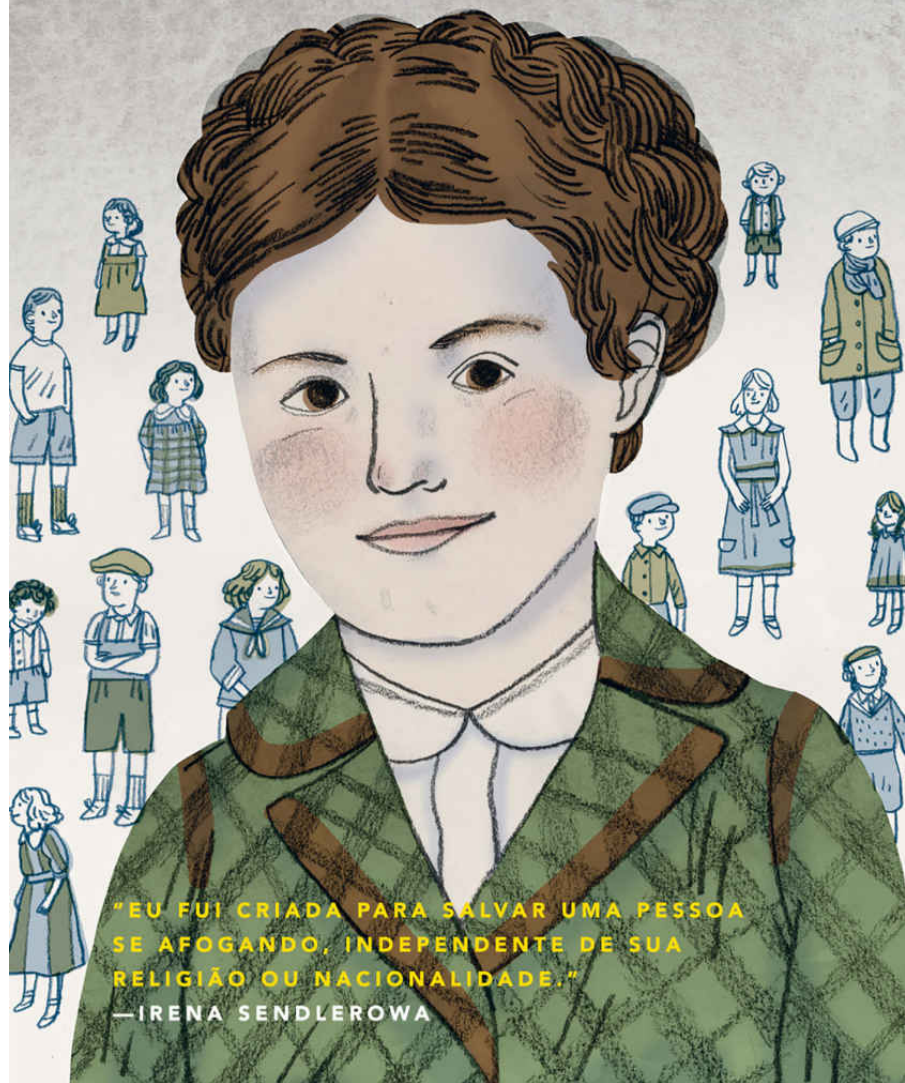
Às vezes, as crianças menores choravam quando Irena os levava embora. Para distrair os guardas nazistas e disfarçar o barulho, Irena treinou um cachorro para latir sob comando.

Ela escondeu crianças em sacos, em malas de roupas, caixas, e até mesmo em caixões!

Em três meses, ela salvou 2.500 crianças.

Depois da guerra, ela desenterrou os potes de geleia e reuniu muitas crianças com suas famílias.

ILUSTRAÇÃO DE
ZOZIA DZIERZAWSKA



"EU FUI CRIADA PARA SALVAR UMA PESSOA
SE AFOGANDO, INDEPENDENTE DE SUA
RELIGIÃO OU NACIONALIDADE."

—IRENA SENDLEROWA

● IRMĀS BRONTĒ ●

Era uma vez uma casa gelada e sombria no norte da Inglaterra onde viviam três irmãs. Charlotte, Emily e Anne passavam muito tempo sozinhas, escrevendo histórias e poemas para se entreter.

Um dia, Charlotte decidiu enviar seus poemas para um famoso poeta inglês para pedir a opinião dele. A resposta foi:

“Não gosto de nada nos seus poemas. Literatura é um negócio para homens!”

Charlotte continuou escrevendo.

Uma noite, achou um caderno aberto na mesa de Emily.

“Por que você não nos mostrou seus poemas antes?”, Charlotte perguntou. “Eles são lindos.”

Emily ficou furiosa com a irmã por ela ter lido suas anotações pessoais sem permissão. Mas depois que se acalmou, Charlotte propôs:

“Por que não escrevemos um livro de poesias juntas?”

Emily e Anne concordaram.

Quando finalmente publicaram, o livro vendeu apenas duas cópias. Mesmo assim, elas não desistiram e continuaram trabalhando em segredo, discutindo seus textos na mesa de jantar.

Dessa vez, cada uma trabalhou em um romance diferente. E, quando foram publicados, se tornaram grandes sucessos. As pessoas da época não conseguiam acreditar que aqueles livros tinham sido escritos por três garotas do interior, e as irmãs tiveram que viajar até Londres para provar que eram de fato as autoras.

Os livros das irmãs Brontë foram traduzidos para várias línguas e lidos por milhares de pessoas do mundo todo.

ILUSTRAÇÃO DE
ELISABETTA STONICH

"NÃO SOU UM ANJO E
NÃO SEREI UM ATÉ MORRER:
SEREI EU MESMA."

—CHARLOTTE BRONTË

● IRMÃS MIRABAL ●

Quando um cruel ditador chamado Raphael Trujillo tomou o poder na República Dominicana, quatro irmãs iniciaram sua luta pela liberdade. Eram as irmãs Mirabal: Minerva, Patria, Maria Teresa e Dedé.

O povo as chamava de *Las Mariposas*, as borboletas.

Elas distribuíram panfletos e organizaram um protesto contra Trujillo e a favor da democracia em seu país. Trujillo não gostou nem um pouco disso.

Para ele, garotas como as irmãs Mirabal eram boa companhia para festas. Elas deveriam elogiá-lo, receber flores e presentes, sorrir e agradecer. Não deveriam elevar a voz, discordar ou tentar derrubar seu governo! A independência vigorosa das Borboletas o assustou, por isso ele tentou silenciá-las de diversas maneiras.

Ele as botou na cadeia, impediu-as de advogar, prendeu Minerva e a mãe delas em um quarto de hotel. Ele inclusive tentou seduzir Minerva! Mas ela disse não. Ela não estava à venda. Minerva não queria virar a namorada de um tirano poderoso. Ela só queria a liberdade de seu país.

A coragem das irmãs inspirou os dominicanos e lhes deu força para se oporem ao regime de Trujillo, que acabou sendo derrubado.

No obelisco de quarenta e dois metros que Trujillo ergueu para celebrar seu poder, hoje se encontra um mural em celebração às irmãs Mirabal, as quatro borboletas que desafiaram um tirano.

PATRIA, 27 DE FEVEREIRO DE 1924–25 DE NOVEMBRO DE 1960; MINERVA, 12 DE MARÇO DE 1926–25 DE NOVEMBRO DE 1960;

MARIA TERESA, 15 DE OUTUBRO DE 1935–25 DE NOVEMBRO DE 1960; DEDÉ, 1.º DE MARÇO DE 1925–1.º DE FEVEREIRO DE 2014

REPÚBLICA DOMINICANA

"NÃO PODEMOS PERMITIR
QUE NOSSAS CRIANÇAS
CRESÇAM NESTE REGIME
CORRUPTO E TIRÂNICO."

—PATRIA MIRABAL



ILUSTRAÇÃO DE
RITA PETRUCCIOLI

● ISABEL ALLENDE ●

Não muito tempo atrás, no Chile, vivia uma menina apaixonante chamada Isabel.

Isabel sempre reclamava que era tratada de forma diferente apenas por ser menina. Sempre que alguém lhe dizia que não podia fazer algo “porque ela era menina”, seu coração inflamava de indignação.

Ela amava escrever e era fascinada por pessoas e suas histórias de vida, então decidiu se tornar jornalista.

Um dia, ela entrevistou um famoso poeta chileno chamado Pablo Neruda.

“Você tem uma imaginação tão vívida que devia escrever romances, não artigos de jornal”, ele lhe disse.

Alguns anos depois, Isabel recebeu uma notícia triste: seu avô estava morrendo. Ela estava na Venezuela, longe de casa, e não podia voltar ao Chile para vê-lo, então começou a lhe escrever uma carta.

Uma vez que ela começou a escrever, não conseguiu parar mais. Escreveu sobre sua família, sobre pessoas vivas e pessoas mortas. Escreveu sobre um ditador cruel, sobre histórias de amor apaixonadas, um terremoto terrível, poderes sobrenaturais e fantasmas.

A carta ficou tão longa que se tornou um romance.

A *casa dos espíritos* fez um sucesso estrondoso, e Isabel se tornou uma das romancistas mais famosas de nossos tempos. Ela escreveu mais de vinte livros e ganhou mais de cinquenta prêmios literários.

NASCIDA EM 2 DE AGOSTO DE 1942

CHILE

ILUSTRAÇÃO DE
PAOLA ROLLO

"ESCREVA O QUE NÃO DEVE
SER ESQUECIDO."

—ISABEL ALLENDE

OCEANIC
Atlantic
Ocean

ATLANTIC
OCEAN

● JACQUOTTE DELAHAYE ●

Era uma vez no Haiti uma garota de cabelo vermelho feito fogo. Seu nome era Jacquotte.

Sua mãe morrerá durante o parto do irmãozinho. Seu pai morrerá pouco depois. Jacquotte teve de se virar para se sustentar e sustentar o irmão. Então, ela decidiu se tornar pirata.

Jacquotte virou a líder de uma gangue de centenas de piratas. Juntos, no mar, eles comiam carne defumada, jogavam, colocavam pólvora em canhões e assaltavam navios espanhóis. Ela tinha até uma ilha secreta, onde morava com seus piratas!

Jacquotte possuía muitos inimigos: tanto o governo quanto bucaneiros rivais. Para escapar, decidiu fingir a própria morte e se esconder. Mudou de nome e passou a se vestir como homem, mas o truque durou pouco tempo. Ninguém mais tinha um cabelo tão vermelho e flamejante! Logo ela voltou à vida de pirata e foi apelidada de “Vermelha Renascida”.

Jacquotte tinha uma amiga que também era pirata! O nome dela era Anne Dieu-le-Veut, que era casada e tinha dois filhos. Depois da morte do marido durante uma batalha, ela tomou o comando do navio e se aliou à ruiva.

Elas eram umas das piratas mais temidas do Caribe. Suas histórias se tornaram mitos repetidos por piratas de ambos os sexos, sob a luz das estrelas, deitados em suas redes, ninados pelas ondas, sonhando com aventuras que os aguardavam ao amanhecer.



ILUSTRAÇÃO DE
RITA PETRUCCIOLI

"EU NÃO PODERIA
AMAR UM HOMEM
QUE ME COMANDASSE.
DA MESMA FORMA QUE
NÃO PODERIA AMAR UM
QUE SE DEIXASSE SER
COMANDADO POR MIM."

—JACQUOTTE DELAHAYE

● JANE AUSTEN ●

Era uma vez, no interior da Inglaterra, uma garota que amava livros mais do que tudo. O lugar preferido de Jane era o sofá da biblioteca de seu pai, onde se acomodava com o nariz enfiado num livro. Ela ficava tão absorta nas histórias que às vezes até discutia com os personagens, como se eles pudessem respondê-la.

Jane e seus sete irmãos encenavam peças e recitavam adivinhas para se distrair e divertir os pais. Quando era ainda muito jovem, começou a escrever as próprias histórias, que lia para a irmã Cassandra, arrancando dela algumas risadas. Sua escrita combinava com sua personalidade: inteligente, inventiva, espirituosa e afiada. Para Jane, cada detalhe contava: uma briga de casal, o modo de caminhar de alguém, a conversa entre as empregadas, tudo era uma pista sobre a personalidade das pessoas. Jane anotava tudo em seus cadernos, para depois usar em seus escritos.

Naquela época, meninas deviam se casar. Mas Jane não queria, e nunca se casou.

“Oh, Lizzy! Faça qualquer coisa, menos se casar sem afeição”, ela escreveu em um de seus romances.

Jane Austen se tornou uma das escritoras mais famosas da história da literatura inglesa. É possível visitar sua bela casa de campo, onde ela costumava se sentar em uma pequena mesa e escrever, olhando pela janela com vista para um jardim.

16 DE DEZEMBRO DE 1775–18 DE JULHO DE 1817

REINO UNIDO

ILUSTRAÇÃO DE
SOPHIA MARTINECK



**"AH! NADA COMO
O VERDADEIRO
CONFORTO DO LAR."
—JANE AUSTEN**

● JANE GOODALL ●

Havia uma garota na Inglaterra que adorava subir em árvores e ler livros. Ela se chamava Jane.

O sonho dela era ir para a África e conhecer os animais selvagens que lá viviam.

Então, certo dia, Jane viajou para a Tanzânia com um caderno e binóculos, determinada a estudar os chimpanzés em seu ambiente natural.

No começo, foi difícil se aproximar deles. Assim que a viam, os chimpanzés fugiam. Mas Jane continuou a frequentar o mesmo local todos os dias, no mesmo horário. Por fim, os animais permitiram que ela se aproximasse.

Mas se aproximar não era o suficiente: ela queria fazer amizade. Então, ela começou um “clube da banana”. Sempre que os visitava, compartilhava bananas com eles.

Naquela época, pouco se sabia sobre chimpanzés. Alguns cientistas os observavam de longe, com binóculos. Outros estudavam macacos em jaulas.

Jane, por sua vez, passava horas na companhia de chimpanzés. Ela tentava conversar com eles através de grunhidos e gritos. Ela subia em árvores e comia a mesma comida que eles. Descobriu que chimpanzés possuem rituais e utilizam ferramentas, e que sua linguagem abarca ao menos vinte sons diferentes. Descobriu também que eles não são vegetarianos.

Ela salvou um chimpanzé ferido e o curou. Quando o levou de volta à natureza, ele retornou e lhe deu um abraço longo e carinhoso, como se dissesse: “Obrigado e adeus!”.

NASCIDA EM 3 DE ABRIL DE 1934

REINO UNIDO

An illustration by Emmanuelle Walker. It depicts an elderly woman with white hair and a black monkey in a jungle setting. The woman is wearing a brown tunic and has her eyes closed, smiling. The monkey is sitting on her shoulder, also with its eyes closed and a smile. The background is a warm, reddish-brown color with stylized leaves and a small monkey in the upper left corner. The overall style is minimalist and artistic.

ILUSTRAÇÃO DE
EMMANUELLE WALKER

"APENAS SE ENTENDEREMOS,
VAMOS NOS IMPORTAR. APENAS
SE NOS IMPORTARMOS, VAMOS
AJUDAR. APENAS SE AJUDARMOS,
TODOS SERÃO SALVOS."

—JANE GOODALL

● JESSICA WATSON ●

Era uma vez uma garota chamada Jessica. Ela tinha medo de água.

Certa manhã de verão, Jessica brincava com sua irmã e seus primos à beira da piscina. As outras crianças formavam uma fila e se preparavam para pular na água de mãos dadas.

A mãe de Jessica observava pela janela, para ver se estava tudo bem com a filha. Ela achava que Jessica se afastaria, mas ficou assombrada ao vê-la saltar junto com os outros. Um... dois... três... *splash!* Todas as crianças pularam na água, gritando e gargalhando.

Daquele dia em diante, Jessica passou a amar a água. Ela se inscreveu em um clube de vela e decidiu navegar ao redor do mundo, sozinha e sem paradas. Ela pintou o barco de rosa-choque e o batizou de *Ella's Pink Lady* (A senhora rosa de Ella).

Ela encheu o barco com tortas de carne e fígado, batatas, e latas e mais latas de feijão, além de cento e cinquenta garrafas de leite e muita água, e zarpou do porto de Sidney. Ela tinha apenas dezesseis anos.

Sozinha, Jessica velejou. Lutou contra ondas da altura de arranha-céus, acordou diante dos mais lindos pores do sol e observou estrelas cadentes acima de sua embarcação.

Sete meses mais tarde, ela retornava a Sidney. Milhares de pessoas foram recebê-la. Estenderam um tapete especial para ela: rosa-choque, como seu barco!

ILUSTRAÇÃO DE
KATHRIN_HONESTA

"VOCE NÃO PODE ALTERAR
AS CONDIÇÕES, PODE
MUDAR APENAS SEU MODO
DE LIDAR COM ELAS."

— JESSICA WATSON



● JILL TARTER ●

Havia uma garota que queria se tornar amiga das estrelas.

O nome dela era Jill.

Ela pensava: “Como podemos estar sozinhos no universo, se o céu é tão grande?”.

Ela não conseguia parar de pensar nisso, então, quando cresceu, decidiu ir até o céu em busca de vida extraterrestre. Ela se tornou astrônoma e diretora do SETI, o mais importante centro de pesquisa científica que estuda a possibilidade de existir vida no espaço.

Por anos, Jill e sua equipe investigaram centenas de sistemas estelares, usando radiotelescópios localizados ao redor do mundo. Todas as noites, ela procurava sinais de civilização em algum planeta distante.

Ninguém sabia — e não sabemos até hoje — que tipo de sistemas de comunicação os alienígenas podem estar usando. A única coisa que sabemos é que o universo é grande demais para sermos seus únicos habitantes.

Jill apreciava muito suas solitárias caminhadas noturnas sob o céu estrelado.

“Eu ia até o centro de controle para começar meu turno à meia-noite. Órion estava bem acima, como uma antiga amiga.”

A pesquisa ainda não apresentou provas científicas de vida extraterrena, mas ela não perdeu a esperança.

“Ninguém nunca disse que não há peixe no mar só porque um copo de água saiu vazio dele”, ela afirma.



ILUSTRAÇÃO DE
ZOZIA DZIERŻAWSKA

**"IDEIAS CIENTÍFICAS ESPALHAM
LUZ PELOS CANTOS ESCUROS."**

—JILL TARTER.

● JINGŪ ●

Era uma vez, no Japão, uma imperatriz grávida.

Um dia, seu marido, o imperador, declarou guerra a um grupo de rebeldes. Jingû não concordou com a decisão. Ela lhe contou sobre uma visão que tivera em um sonho: eles deveriam invadir a Coreia, “um país cheio de coisas maravilhosas que encantavam os olhos”.

O marido de Jingû não aceitou o conselho, perdeu a batalha e morreu.

Ainda grávida, Jingû manteve a morte do marido em segredo, vestiu suas roupas e derrotou os rebeldes. Então liderou o exército japonês pelo Mar do Japão e conquistou a Coreia, como previsto em seu sonho.

Além dos sonhos, que lhe ajudavam a vencer batalhas, acreditava-se que Jingû possuía outros poderes mágicos. Diziam que ela controlava marés com duas joias especiais de sua caixa de joias. Também diziam que seu filho, Öjin, permaneceu em seu ventre por três anos, para dar tempo à mãe de invadir a Coreia e retornar para casa antes de dar à luz.

O mais provável é que ela fosse apenas excepcionalmente talentosa e durona.

Jingû foi uma guerreira heroica, que não tinha medo de se responsabilizar por suas ações. “Se esta expedição for bem-sucedida, será graças a vocês, meus ministros; se não for, eu serei a única culpada”, disse ela.

A expedição foi um sucesso e ela reinou por mais de setenta anos.

ILUSTRAÇÃO DE
ANA GALVÃO



"ERGUENDO NOSSAS ARMAS,
ENFRENTAREMOS ONDAS ENORMES.
NOSSA FROTA ESTÁ PRONTA PARA
TOMAR A TERRA DOS TESOUROS."
—JINGU—

● JOAN JETT ●

Joan adorava rock'n'roll. Aos treze anos, ela ganhou de presente de Natal sua primeira guitarra.

Ela ficou extasiada, porém... algo estava faltando. Era legal tocar sozinha, mas ela pensou: “Se eu quiser me tornar uma estrela do rock, preciso de uma banda”.

Um ano depois, sua banda estava formada: Sandy na bateria, Cherie no vocal, Jackie no baixo e Lita na guitarra principal. Com Joan na guitarra rítmica e cantando elas eram... The Runaways!

Elas tinham quinze anos de idade, faziam muito barulho e estavam orgulhosas de tudo isso. No palco, Joan usava um macacão de couro vermelho, e Cherie muitas vezes vestia apenas a roupa de baixo.

“Vocês são muito jovens”, as pessoas diziam.

“E daí?”, elas gritavam de volta.

“Vocês tocam alto demais”, as pessoas reclamavam.

Elas aumentavam ainda mais o som.

“Meninas não podem ser roqueiras punk.”

“Ah, é? Então olha só!”

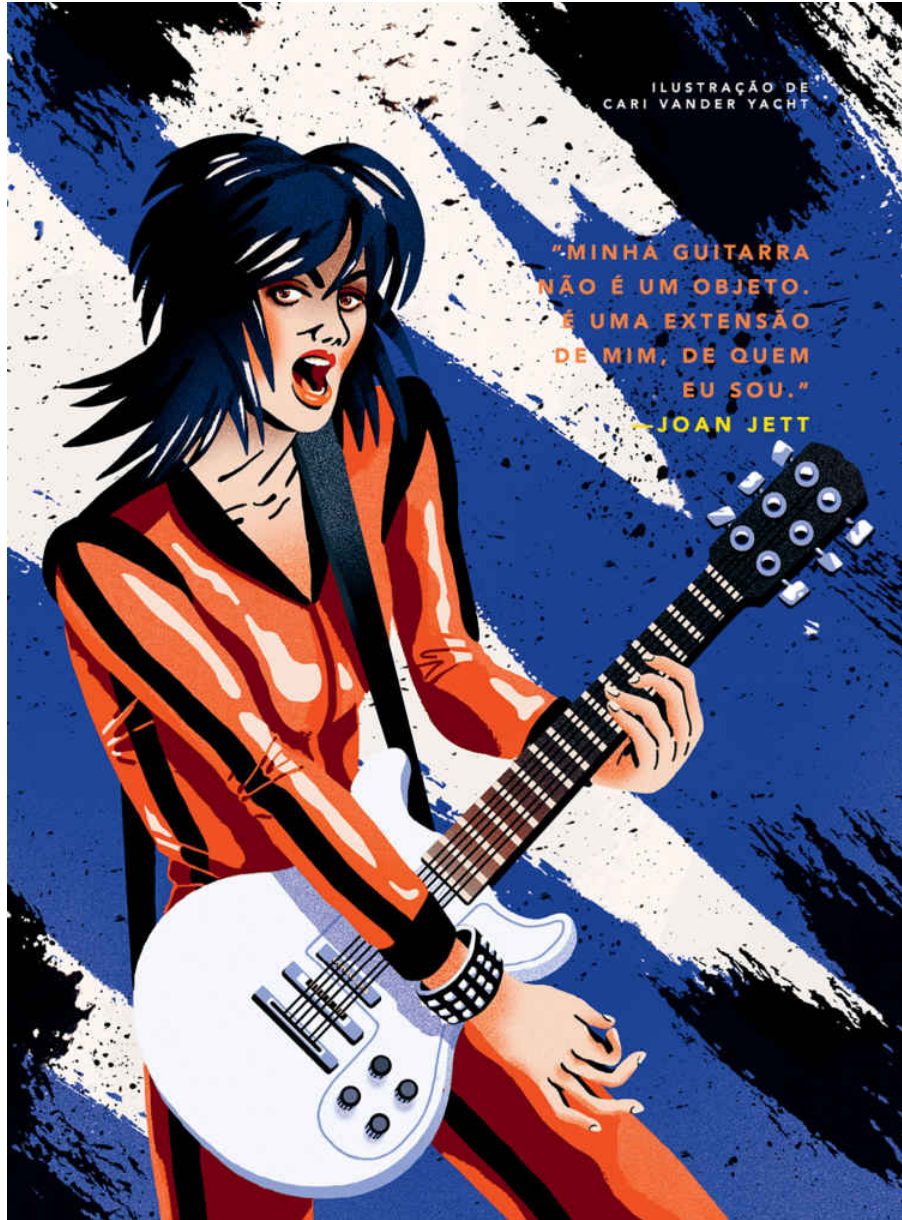
Uma das primeiras músicas delas, “Cherry Bomb”, foi um sucesso. O segundo álbum, *Queens of Noise*, se tornou a sensação do Japão.

Nem sempre foi fácil. Nos Estados Unidos, elas rodavam a turnê em uma van velha e surrada, viajando de cidade em cidade durante a noite. Às vezes, as pessoas gritavam com elas ou jogavam coisas no palco. Mas as Runaways não davam bola. Elas viviam pela música; elas se sentiam originais e vivas.

ILUSTRAÇÃO DE
CARI VANDER YACHT

"MINHA GUITARRA
NÃO É UM OBJETO.
É UMA EXTENSÃO
DE MIM, DE QUEM
EU SOU."

—JOAN JETT



● **JULIA CHILD** ●

Com 1,87 metro de altura, Julia Child era alta para uma garota.

Quando a Segunda Guerra Mundial eclodiu, Julia estava determinada a se juntar ao exército. Foi rejeitada por ser muito alta. A Marinha também a recusou por isso. Então, ela se tornou espiã.

Uma de suas primeiras missões foi resolver um problema altamente explosivo. Por todo o oceano, havia bombas subaquáticas mirando submarinos alemães. O problema era que elas acabavam sendo acionadas por tubarões que nadavam perto demais. Nenhum agente sabia o que fazer. Julia, no entanto, teve uma ideia.

Ela começou a cozinhar.

Misturando vários tipos de ingredientes nojentos, ela assou bolos que cheiravam a tubarão morto. Os tubarões não arriscavam se aproximar. Sabe quando você passa repelente de insetos? Ela fez o mesmo, mas com tubarões e bombas.

Depois da guerra, Julia e o marido se mudaram para a França por conta do emprego dele. Quando ela experimentou comida francesa pela primeira vez, não acreditou naquela delícia. Foi o fim dos repelentes de tubarão para ela. Decidiu se matricular na Le Cordon Bleu — a escola de culinária mais prestigiada do mundo — e aprender tudo o que aqueles chefes de cozinha poderiam ensinar.

Julia se tornou uma autoridade mundial em comida francesa. Seu livro, *Dominando a arte da culinária francesa*, foi um *best-seller*. Ela até teve seu próprio programa de TV.

“*Bon appétit*”, ela dizia, “exceto se você for um tubarão!”

ILUSTRAÇÃO DE
BARBARA DZIADOSZ

"UMA FESTA
SEM BOLO É
APENAS UMA
REUNIÃO."
—JULIA CHILD



● KATE SHEPPARD ●

Houve um tempo em que os homens acreditavam que as mulheres nasciam para servi-los. Pensavam que elas deveriam cozinhar, limpar, cuidar das crianças e não se preocupar com mais nada. Mulheres deveriam usar “roupas femininas”, ou seja, vestidos longos com corpetes apertados. Não importava que assim elas mal conseguissem se mexer ou mesmo respirar: o importante era ficar bonita.

Ter um emprego estava fora de questão, praticar esportes também, governar um país então... nem se fala. As mulheres não podiam sequer votar!

Mas Kate achava que as mulheres deveriam ter a mesma liberdade que os homens — liberdade para dizer o que pensavam, para votar em quem quisessem e para vestir roupas confortáveis.

Um dia, ela se levantou e declarou:

“Mulheres devem votar. E parar de usar corpetes.”

As pessoas ficaram chocadas, enraivecidas e inspiradas pelas ideias radicais de Kate.

Kate e as amigas reuniram tantas assinaturas na petição que precisaram colar as folhas de papel umas nas outras para formar um rolo comprido. Elas o carregaram até o parlamento e o desenrolaram no chão, como um tapete bem longo. Imagine setenta e quatro *food trucks* estacionados um atrás do outro: pois o rolo era mais comprido que isso! Foi a maior petição já apresentada. Os legisladores ficaram boquiabertos. Graças a Kate, a Nova Zelândia foi o primeiro país onde as mulheres conquistaram o direito de votar.

10 DE MARÇO DE 1847–13 DE JULHO DE 1934

NOVA ZELÂNDIA

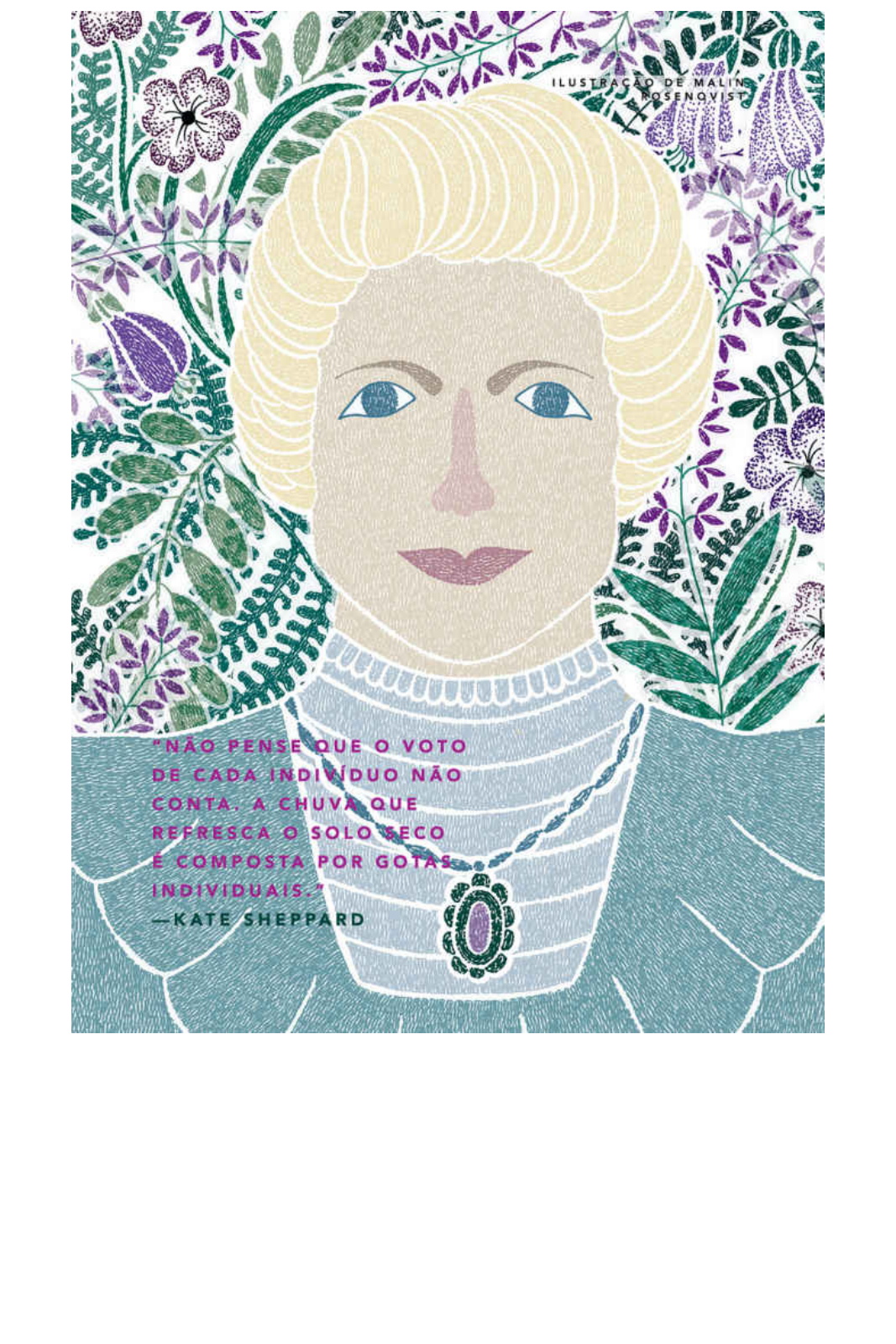


ILUSTRAÇÃO DE MALIN
ROSENQVIST

"NÃO PENSE QUE O VOTO
DE CADA INDIVÍDUO NÃO
CONTA. A CHUVA QUE
REFRESCA O SOLO SECO
É COMPOSTA POR GOTAS
INDIVIDUAIS."

—KATE SHEPPARD

● LAKSHMI BAI ●

Era uma vez, no estado de Jhansi, na Índia, uma garota que amava lutas.

Ela estudava autodefesa, arco e flecha e espadas. Ela treinava levantamento de peso e luta de solo, e cavalgava brilhantemente também. Ela formou um exército particular com garotas que eram excelentes guerreiras como ela.

Lakshmi Bai casou-se com Gangadhar Rao, marajá de Jhansi, e se tornou rainha (*rani*, em sânscrito). Lakshmi e Gangadhar tiveram um filho, mas o garoto morreu terrivelmente cedo. O marajá nunca se recuperou da tristeza e logo faleceu também.

Nessa época, os britânicos governavam a Índia e queriam dominar Jhansi também. Usaram a morte do filho e do marido de Lakshmi como desculpa e ordenaram que ela deixasse o palácio. Primeiro, *rani* Lakshmi Bai tentou lutar contra os britânicos na justiça, mas eles se recusaram a ouvir seu caso. Então, ela reuniu um exército de vinte mil rebeldes, composto por homens e mulheres.

Depois de uma batalha feroz, seu exército foi derrotado, mas mesmo assim *rani* Lakshmi Bai não desistiu. Ela deixou a cidade fazendo com que seu cavalo pulasse um muro enorme e seguiu para o leste, onde se encontrou com mais rebeldes (muitas garotas como ela). *Rani* Lakshmi Bai liderou uma nova batalha com essa tropa, vestida de homem e sobre um cavalo.

Um dos generais britânicos a descreveu como “a mais perigosa de todos os líderes rebeldes”.

ILUSTRAÇÃO DE
LIEKE VAN DER HORST

"ATACARI!"
—LAKSHMI BAI



● **LELLA LOMBARDI** ●

Havia uma garota que gostava de ajudar o pai a fazer entrega de carnes em sua van. Todas as vezes que havia uma entrega, ela pulava no banco do motorista e o pai marcava seu tempo. O nome dela era Maria Grazia, mas todo mundo a chamava de Lella.

Lella dirigia tão bem que, a cada entrega, estabelecia um novo recorde. Todos na cidade já estavam acostumados a ver a van dos Lombardi a toda pelas colinas, com os salames sacolejando na parte de trás.

Aos dezoito anos, Lella usou suas economias para comprar um carro de corrida usado e começou a competir profissionalmente. Quando seus pais leram no jornal que ela havia ganhado o Campeonato de Fórmula 850, não ficaram nada surpresos.

Lella não se importava de ser a única mulher na disputa. Ela apenas dirigia o mais rápido que conseguia para se tornar uma competidora de Fórmula 1.

A primeira tentativa foi um desastre: ela nem se qualificou. Mas, no ano seguinte, ela já tinha um bom empresário, um patrocinador e um carro fantástico: branco, com uma bandeira italiana na frente. Durante o Grande Prêmio da Espanha, Lella terminou em sexto lugar, tornando-se a primeira piloto a marcar pontos em uma corrida de Fórmula 1.

Apesar do sucesso, a equipe dela decidiu contratar um piloto e Lella percebeu que a Fórmula 1 ainda não estava pronta para encarar mulheres na direção.

Ela continuou a correr durante toda a vida. Nenhuma outra piloto jamais bateu seu recorde na Fórmula 1.

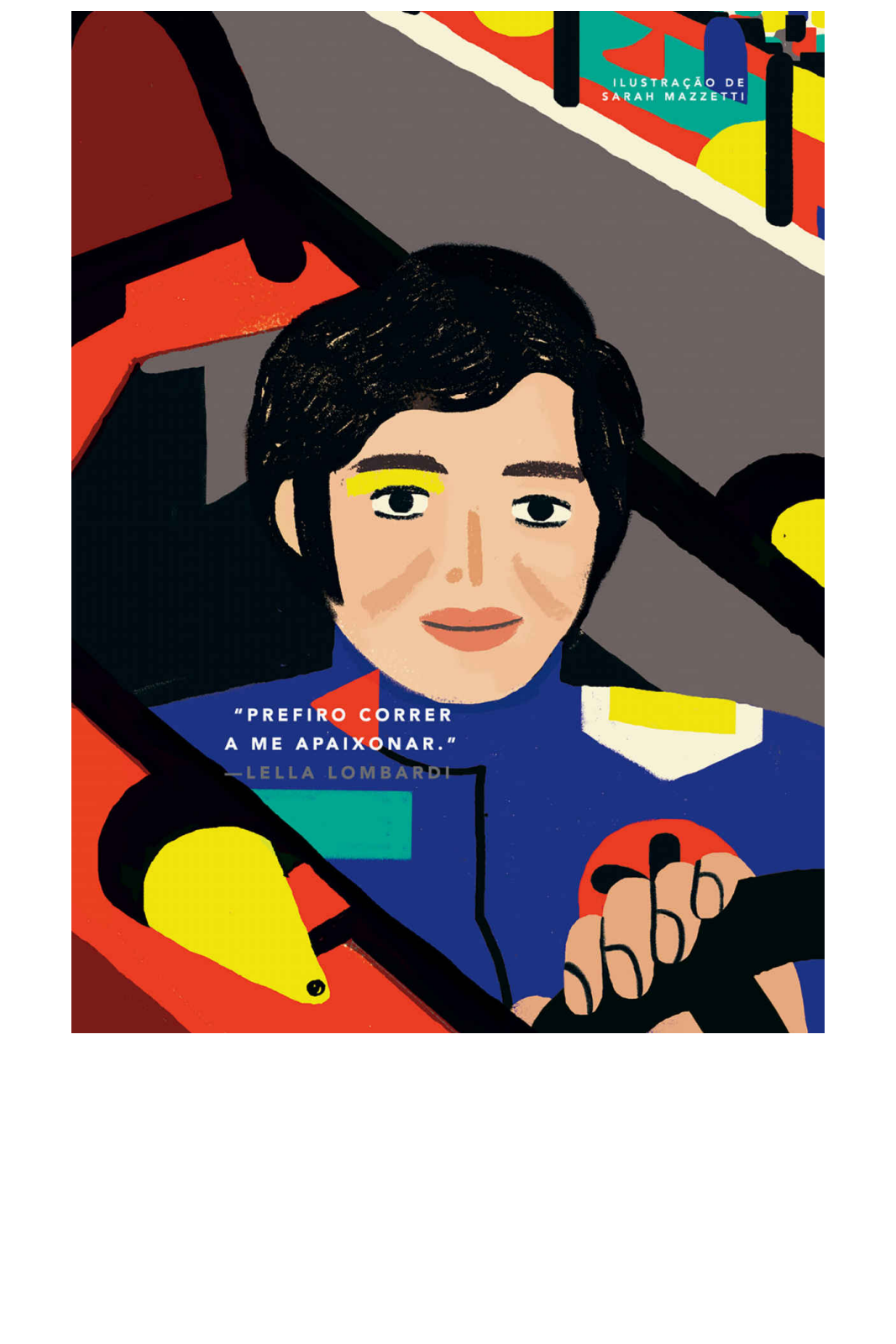
A stylized, high-contrast illustration of a woman with dark, wavy hair driving a car. She is wearing a blue racing suit with yellow and red accents. The background is composed of large, bold geometric shapes in red, black, and grey, with a colorful abstract pattern in the upper right corner. The overall style is reminiscent of mid-century modern graphic design.

ILUSTRAÇÃO DE
SARAH MAZZETTI

"PREFIRO CORRER
A ME APAIXONAR."

—LELLA LOMBARDI

● LOZEN ●

Era uma vez uma garota que queria ser uma guerreira. Seu nome era Lozen e ela pertencia a uma tribo apache, um povo nativo dos Estados Unidos que habitava o que hoje são os estados do Arizona, Novo México e Texas.

Quando Lozen ainda era uma menininha, o exército americano atacou o povo apache para conquistar sua terra. Ela viu muitos amigos e parentes morrerem na batalha. Dali em diante, jurou dedicar a vida a defender sua tribo e sua gente.

“Eu não quero aprender o trabalho das mulheres e não quero me casar”, ela disse ao irmão Victorio. “Quero me tornar uma guerreira.”

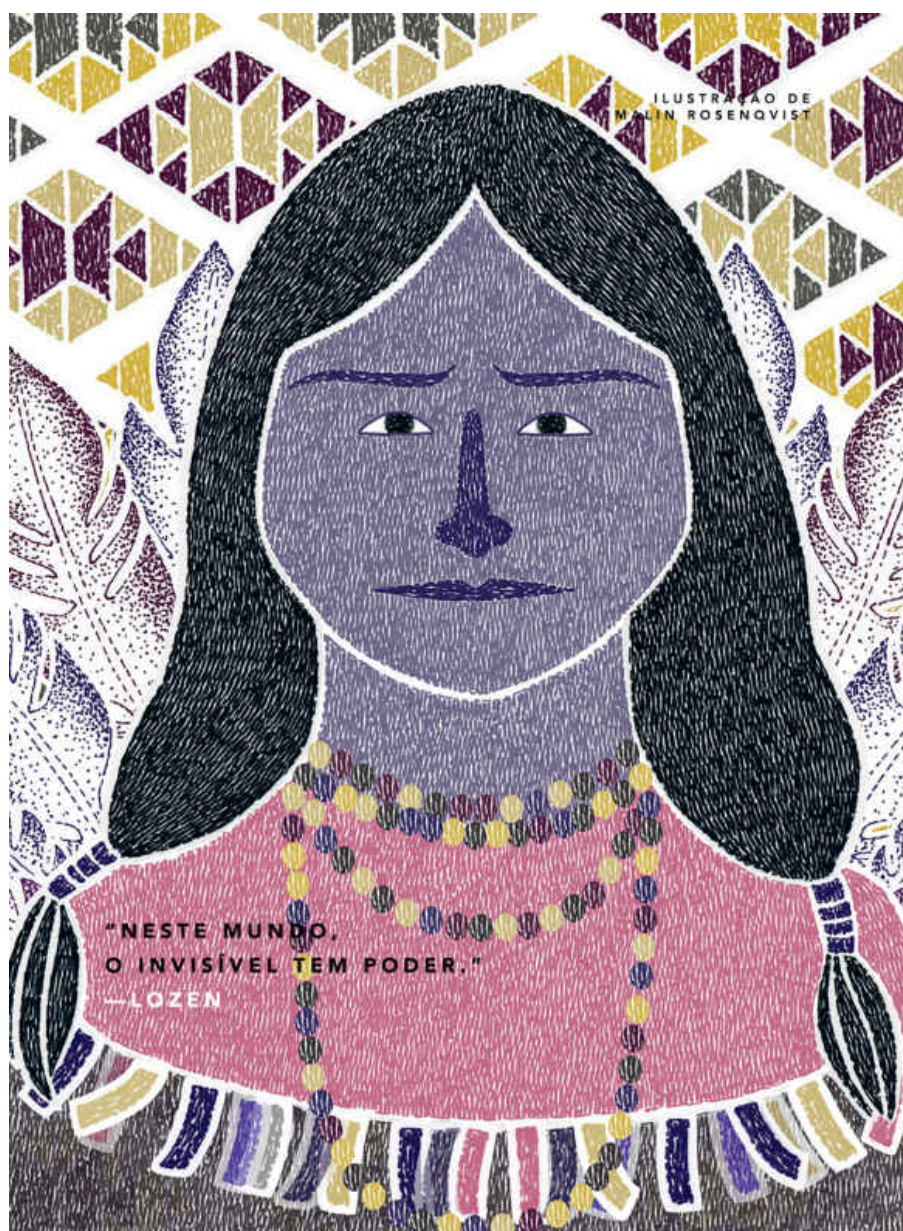
Victorio era o líder da tribo deles e ensinou Lozen a lutar e caçar. Ele sempre a queria ao seu lado no campo de batalha.

“Lozen é minha mão direita”, ele costumava dizer. “É forte como um homem, mais corajosa do que a maioria e sagaz na estratégia. Lozen é um escudo para o nosso povo.”

A coragem e a força dela se tornaram lendárias. As pessoas acreditavam que ela possuía poderes sobrenaturais que lhe permitiam antecipar os movimentos dos adversários. Ela se tornou a líder espiritual da tribo, bem como sua curandeira. Depois da morte do irmão, Lozen juntou forças com o famoso líder dos apaches, Geronimo. Ela acabou sendo capturada com o último grupo de apaches livres, mas ainda vive no coração de todos os que lutam pela liberdade.

ILUSTRAÇÃO DE
MALIN ROSENQVIST

"NESTE MUNDO,
O INVISÍVEL TEM PODER."
— LOZEN



● MAE C. JEMISON ●

Era uma vez uma menina curiosa chamada Mae. Ela não conseguia se decidir sobre o que queria ser quando crescesse.

Quando costurava roupas para suas bonecas Barbie, queria ser estilista; quando lia um livro sobre viagem no espaço, queria ser astronauta; ao consertar um brinquedo quebrado, pensava que engenharia era uma escolha melhor; no teatro, pensava: “Quero ser dançarina”.

O mundo era o laboratório de Mae e havia muitos experimentos a fazer. Ela estudou engenharia química, estudos afro-americanos e medicina. Aprendeu a falar russo, suaíle e japonês. Ela se tornou médica e foi voluntária no Camboja e em Serra Leoa. Então ela se inscreveu na Nasa para se tornar astronauta. Mae foi selecionada e, depois de um ano de treino, foi enviada ao espaço a bordo de um ônibus espacial.

Como, além de astronauta, ela também era médica, sua missão era conduzir experimentos sobre gravidade zero e enjoo, coisas que podem se tornar um problema quando se está de ponta-cabeça no espaço. Então ela aplicava testes nos outros membros da tripulação.

Quando Mae retornou à Terra, percebeu que, embora tivesse gostado muito da experiência, sua verdadeira paixão era melhorar as condições de saúde na África. Ela deixou a Nasa e fundou uma companhia que utiliza satélites para alcançar esse fim.

Mae Jemison foi a primeira mulher afro-americana a viajar para o espaço.

ILUSTRAÇÃO DE
KARABO MOYETSANE

"EU SEMPRE SOUBE
QUE VIAJARIA PARA
O ESPAÇO!"
— MAE C. JEMISON



● MALALA YOUSAFZAI ●

Era uma vez uma garota que amava a escola. O nome dela era Malala. Ela vivia em uma região tranquila do Paquistão. Até que um dia um grupo de homens armados chamado Talibã passou a controlar o local. Eles assustavam as pessoas com suas armas.

O Talibã proibia meninas de frequentar a escola. Muitos discordavam, mas achavam mais seguro manter as garotas em casa.

Malala achava isso muito injusto e escrevia a respeito na internet. Ela adorava a escola mesmo. Então, um dia, falou na TV:

“Educação é poder para as mulheres. O Talibã está fechando escolas para meninas, pois não querem mulheres poderosas.”

Alguns dias depois, Malala pegou o ônibus para a escola, como era de costume. De repente, dois homens do Talibã pararam o veículo e gritaram:

“Quem é a Malala?”

Quando as amigas olharam para ela, os homens dispararam, acertando Malala na cabeça.

Ela foi para o hospital e não morreu. Milhares de crianças lhe enviaram cartões desejando sua melhora e ela se recuperou mais rápido do que as previsões.

“Eles pensaram que balas nos silenciariam, mas não conseguiram”, disse ela. “Vamos pegar nossos livros e canetas. Essas são as armas mais poderosas. Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo.”

Malala é a pessoa mais jovem a ser agraciada com o prêmio Nobel da Paz.

NASCIDA EM 12 DE JULHO DE 1997

PAQUISTÃO

ILUSTRAÇÃO DE
SARA BONDI



**"QUANDO O MUNDO ESTÁ
EM SILÊNCIO, UMA ÚNICA
VOZ SE TORNA PODEROSA."
—MALALA YOUSAFZAI**

● **MANAL AL-SHARIF** ●

Havia uma garota que queria dirigir. Ela vivia na Arábia Saudita, um país onde regras religiosas proibiam as mulheres de dirigir.

Um dia, ela decidiu quebrar as regras.

Ela pegou o carro do irmão e saiu dirigindo pela cidade. Ela postou um vídeo no YouTube mostrando o que estava fazendo, para que muitas pessoas vissem e tivessem coragem de fazer o mesmo.

“Por que os homens podem dirigir e as mulheres não?”, ela perguntava no vídeo.

Era uma pergunta simples, mas as autoridades religiosas não gostaram.

“E se outras mulheres começarem a dirigir? Vão ficar descontroladas”, berraram as autoridades.

Então, alguns dias depois, Manal foi presa e teve que prometer não dirigir outra vez.

Nesse meio-tempo, o vídeo foi assistido por milhares de pessoas. Algumas semanas depois, centenas de corajosas mulheres sauditas saíram dirigindo carros, desafiando as autoridades religiosas.

Manal foi presa outra vez, mas não se calou e continuou encorajando mulheres a dirigir e lutar pelos seus direitos.

“Não espere a proibição acabar. Saia dirigindo.”

ILUSTRAÇÃO DE
KATE PRIOR



"SAIA DIRIGINDO."
—MANAL AL-SHA'RIE

● MARGARET HAMILTON ●

Havia uma garota que colocou o homem na Lua. O nome dela era Margaret e ela era muito boa com computadores.

Com apenas vinte e cinco anos, ela se juntou à Nasa, a agência norte-americana que explora o espaço sideral. Ela aceitou o emprego para ajudar no sustento do marido e da filha, sem se dar conta de que logo estaria liderando uma revolução científica que mudaria o mundo.

Margaret era engenheira e liderou a equipe que programou o código da espaçonave Apollo 11, permitindo que ela pousasse em segurança na superfície da Lua.

Margaret levava a filha Lauren no trabalho aos fins de semana e à noite. Enquanto a menina de quatro anos dormia, a mãe programava, criando sequências de código que seriam adicionadas ao computador do módulo de comando do Apollo.

Em 20 de julho de 1969, poucos minutos antes de Apollo 11 tocar a superfície lunar, o computador começou a emitir mensagens de erro. A missão estava em perigo. Por sorte, Margaret havia programado o computador para focar na tarefa principal e ignorar o resto. Então, em vez de abortar a missão, a Apollo 11 pousou em segurança na Lua.

O pouso foi considerado “um pequeno passo para o homem, mas um grande salto para a humanidade”. E ele não teria acontecido se não fosse pela programação brilhante e sensata de uma mulher: a engenheira da Nasa Margaret Hamilton.

NASCIDA EM 17 DE AGOSTO DE 1936

ESTADOS UNIDOS

ILUSTRAÇÃO DE
EDITH CARRON

"EU TRABALHEI EM TODAS
AS MISSÕES APOLLO."

—MARGARET HAMILTON



● MARGARET THATCHER ●

Era uma vez na Grã-Bretanha uma garota que não se importava com o que pensavam dela. Ela só queria fazer o que achava certo. Algumas pessoas gostavam da sua honestidade, outras a consideravam mal-educada. Margaret dava de ombros e seguia em frente.

Ela estudou química e se tornou cientista, mas era apaixonada mesmo por política. Então, tentou se eleger para o parlamento britânico. Na primeira vez, não conseguiu. Na segunda também não. Porém, Margaret não desistia facilmente.

Ela decidiu voltar para a faculdade e estudar direito. Ela se casou e teve gêmeos. Na época das eleições, ela nem foi considerada, pois os homens de seu partido pensaram que uma jovem mãe não se adequaria à vida parlamentar.

Finalmente, anos depois, seu sonho se tornou realidade, e Margaret foi eleita. Foi bem-sucedida no parlamento, logo se tornou líder do Partido Conservador, e depois primeira-ministra. A primeira primeira-ministra da história britânica.

Quando ela tirou o leite gratuito das escolas primárias, tornou-se impopular. Mas, quando ganhou a Guerra das Malvinas contra a Argentina, foi admirada por sua força e determinação.

Margaret gostava de trabalhar duro e era uma pessoa muito prática. Por vezes, foi pressionada a tomar decisões com as quais não concordava, mas nunca cedeu. Por isso, ficou conhecida como Dama de Ferro.

ILUSTRAÇÃO DE
DEBORA GUIDI

"ÀS VEZES É PRECISO LUTAR
A MESMA BATALHA MAIS DE
UMA VEZ PARA VENCÊ-LA."

—MARGARET THATCHER

● **MARGHERITA HACK** ●

Era uma vez, em uma rua chamada Via delle Cento Stelle (rua de centenas de estrelas), em Florença, uma bebezinha recém-nascida. Seu nome era Margherita e ela se tornaria uma astrofísica incrível (ou seja, estudaria as propriedades das estrelas e dos planetas).

Enquanto estudava física, interessava-se cada vez mais pelas estrelas:

“Somos parte da evolução do universo”, disse ela. “Do cálcio em nossos ossos ao ferro em nosso sangue, somos feitos inteiramente de elementos gerados no coração das estrelas. Somos, de fato, ‘filhos das estrelas’.”

O lugar preferido de Margherita era o Observatório Arcetri. Do alto de um morro em Florença, ela observava os céus através de seu enorme telescópio, com a mente repleta de perguntas: Como as galáxias evoluem? Qual a distância de uma estrela para outra? O que podemos aprender com a luz das estrelas?

Margherita viajou o mundo dando palestras e inspirando outras pessoas a estudar as estrelas. Em Florença, tornou-se a primeira mulher da Itália a ocupar o cargo de diretora de um observatório astronômico.

Margherita dizia que algumas de suas melhores amigas eram estrelas: Eta Boötis, Tauri, Zeta Herculis, Omega Tauri e 55 Cygni. Uma estrela até foi batizada com seu nome!

Para Margherita, ser cientista significava basear o conhecimento em fatos, observações e experimentos, e ser apaixonadamente curiosa pelo mistério da vida.



ILUSTRAÇÃO DE
CRISTINA SPANO

"ESTRELAS NÃO SÃO
MUITO DIFERENTES
DE NÓS: NASCEM,
ENVELHECEM E MORREM."

—MARGHERITA HACK



● MARIA CALLAS ●

Maria era uma menina desajeitada e nada popular.

Ela tinha certeza de que a mãe amava mais a irmã, já que ela era mais magra, mais bonita e mais popular.

Um dia, sua mãe descobriu que Maria possuía uma voz incrível. Ela a encorajou a cantar para ganhar dinheiro e ajudar a família.

Sua mãe tentou matriculá-la no Conservatório Nacional, em Atenas, mas Maria foi rejeitada porque não possuía formação na área. Então, a mãe contratou uma professora particular.

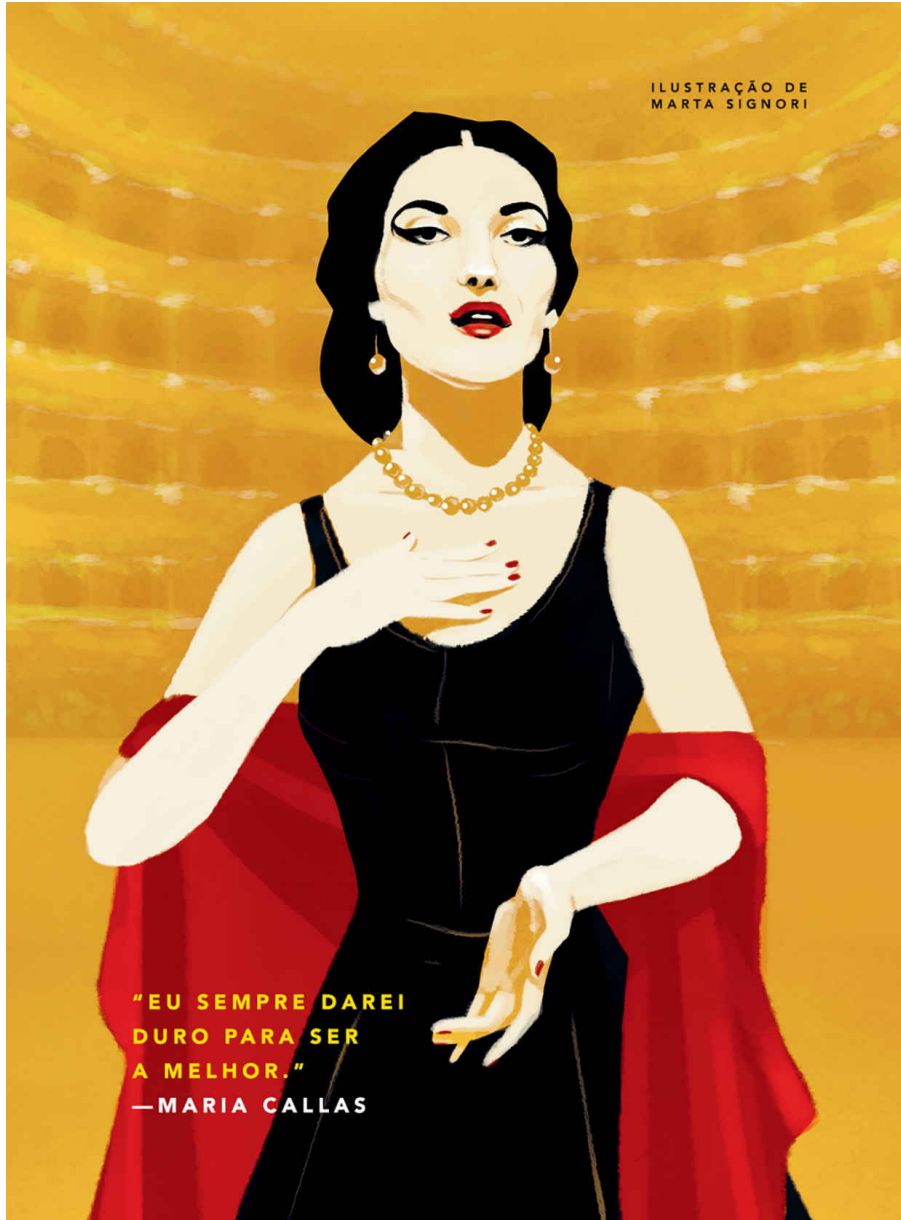
Quando a professora ouviu Maria cantar pela primeira vez, ficou atônita. Era a voz mais impressionante que já ouvira. Não apenas a menina conseguiu dominar as árias mais difíceis em apenas poucos meses, como seu estilo de canto era muito emocionante.

Uma noite, ela fez sua estreia no palco de uma das mais prestigiosas casas de ópera do mundo: La Scala, em Milão. A plateia ficou embevecida com cada nota e cada palavra, enquanto sua voz levava todos para um lugar cheio de paixão, ira, alegria e amor. Ao final, aplaudiram de pé, ovacionando e gritando, e encheram o palco com rosas.

Maria se tornou conhecida como La Divina, a soprano mais famosa de todos os tempos.

ILUSTRAÇÃO DE
MARTA SIGNORI

"EU SEMPRE DAREI
DURO PARA SER
A MELHOR."
—MARIA CALLAS



● MARIA MONTESSORI ●

Era uma vez uma professora que ensinava crianças deficientes. Seu nome era Maria, e ela também era médica.

Em vez de aplicar métodos de ensino antigos, Maria observava as crianças para ver como elas aprendiam. Na escola dela, as crianças não eram forçadas a fazer o que o professor mandava. Elas se movimentavam livremente e escolhiam as atividades de que mais gostavam.

As técnicas inovadoras de Maria se mostraram efetivas com as crianças deficientes, então ela decidiu abrir uma escola para todas, aplicando os mesmos métodos. Ela chamou a escola de Casa das Crianças.

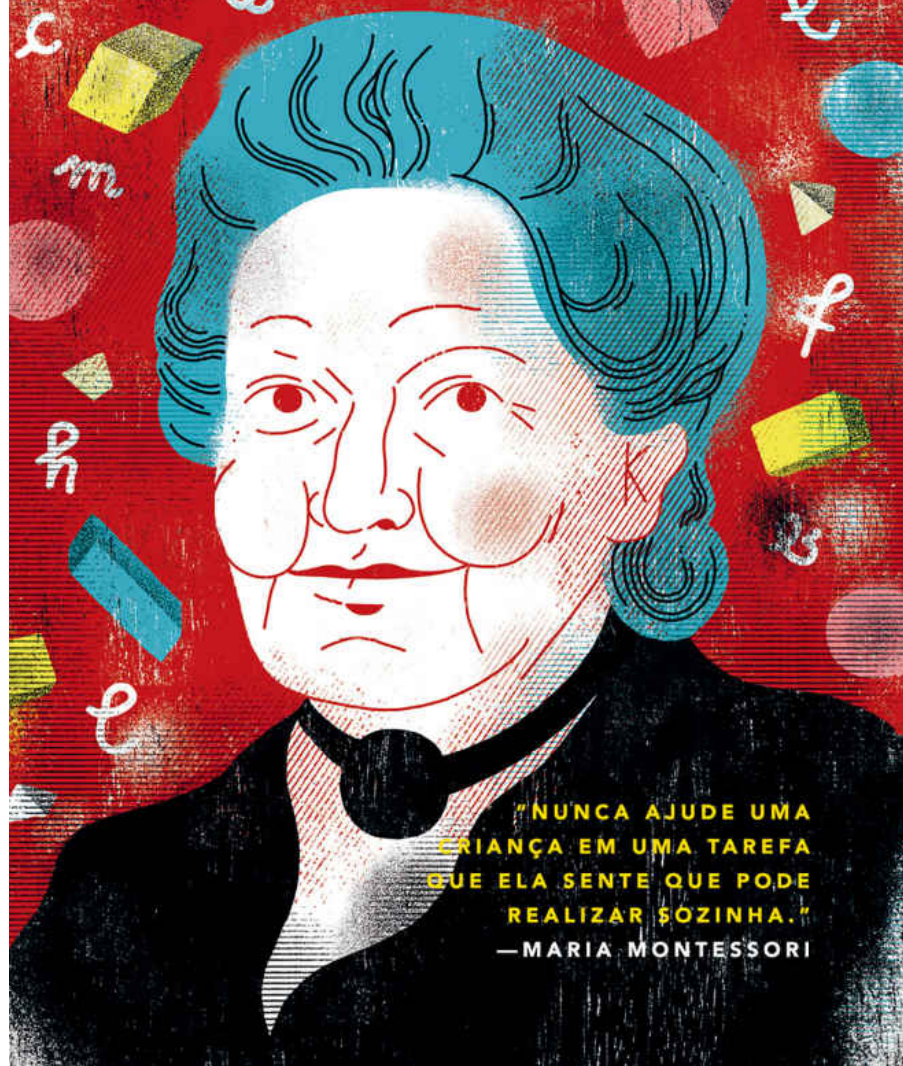
Maria até inventou móveis adequados para crianças, como cadeiras pequenas e leves que elas poderiam arrastar com facilidade, e prateleiras baixas, para que alcançassem as coisas sem precisar de um adulto.

Maria também inventou brinquedos que encorajavam as crianças a descobrir o mundo de forma prática e independente. Em suas aulas, elas aprendiam como abotoar e desabotoar suas camisas, como carregar um copo de água sem derramar, como servir a mesa.

“Crianças devem aprender a ser autossuficientes. Se souberem amarrar os sapatos e se vestirem sozinhas, sentirão a alegria da independência.”

Hoje, o método de Maria Montessori é aplicado em milhares de escolas, ajudando crianças de todo o mundo a crescer fortes e livres.

ILUSTRAÇÃO DE
CRISTINA SPANO



"NUNCA AJUDE UMA
CRIANÇA EM UMA TAREFA
QUE ELA SENTE QUE PODE
REALIZAR SOZINHA."

—MARIA MONTESSORI

● MARIA REICHE ●

Em uma pequena casa no deserto peruano, vivia uma matemática alemã muito aventureira. Seu nome era Maria Reiche.

Nas rochas do deserto, havia centenas de linhas gravadas. Ninguém sabia o significado delas, por que estavam lá, e muito menos por quanto tempo.

Essas linhas misteriosas, chamadas de Linhas de Nazca, tornaram-se a paixão de Maria. Ela sobrevoava o local em aviões e helicópteros para mapear as linhas. E quando não tinha avião, ela simplesmente subia na escada mais alta para observá-las do alto. Algumas linhas estavam cobertas por areia, então ela as varria. Maria tinha tantas vassouras que algumas pessoas pensavam que era uma bruxa!

Estudando essas linhas, ela descobriu algo incrível: não eram apenas rabiscos aleatórios. Eram desenhos enormes, feitos pelas pessoas que moraram lá milênios antes. Eram beija-flores, mãos entrelaçadas, flores, aranhas gigantes, todos os tipos de formas geométricas!

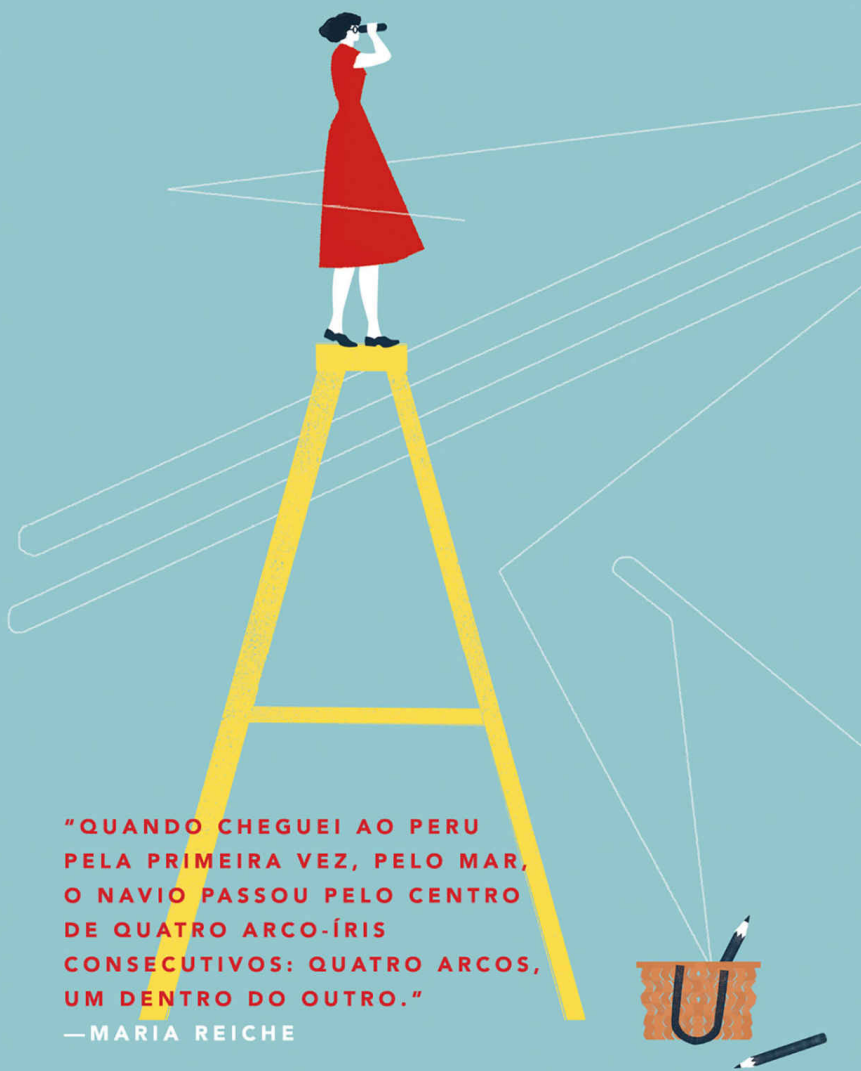
Por que esses povos antigos criariam desenhos que só podiam ser vistos do alto? O que significavam? Era um mistério que ela estava determinada a resolver.

Ela descobriu que as linhas correspondiam a constelações.

“É como um mapa gigante dos céus”, disse ela.

Quando Maria se mudou da Alemanha para o Peru, não estava procurando por desenhos gigantes e misteriosos. Mas, quando os encontrou, soube que passaria o resto da vida tentando entendê-los. Ela passou a ser conhecida como “Dama do Deserto”.

ILUSTRAÇÃO DE
GAIA STELLA



"QUANDO CHEGUEI AO PERU
PELA PRIMEIRA VEZ, PELO MAR,
O NAVIO PASSOU PELO CENTRO
DE QUATRO ARCO-ÍRIS
CONSECUTIVOS: QUATRO ARCOS,
UM DENTRO DO OUTRO."

—MARIA REICHE

● MARIA SIBYLLA MERIAN ●

Maria era uma garotinha que adorava arte. Todos os dias, ela juntava algumas flores para pintar. Às vezes, encontrava lagartas nas flores, então pintava a evolução diária delas até se tornarem lindas borboletas.

Naquela época, as pessoas pensavam que as borboletas surgiam do nada na lama. Maria sabia a verdade, mas ninguém acreditava nela.

Passaram-se os anos e Maria se tornou uma grande artista da aquarela. Ela escreveu sobre suas descobertas, mas os cientistas daquele tempo só levavam a sério livros escritos em latim, e o de Maria era em alemão.

Um dia, Maria e a filha decidiram se mudar para Amsterdam. Lá, ela encontrou mostruários repletos de insetos exóticos da América do Sul.

Maria pensou: “Se eu pudesse estudar esses insetos em seu ambiente natural, poderia escrever um livro que as pessoas levariam a sério”.

Ela vendeu suas pinturas e partiu para a América do Sul. Nas florestas tropicais do Suriname, ela e a filha escalaram as árvores altas da selva para estudar os insetos lá do alto. Maria escreveu seu novo livro em latim, e dessa vez foi um grande sucesso. Todo mundo aprendeu que borboletas e mariposas vêm de lagartas, não da lama! O processo é chamado de *metamorfose* (do latim, “mudar de forma”). Hoje, sabemos que muitos animais passam por metamorfose: sapos, mariposas, baratas, caranguejos... e tudo graças ao trabalho de Maria Sibylla Merian!



ILUSTRAÇÃO DE
AMANDA HALL

"NA MINHA JUVENTUDE,
PASSAVA O TEMPO TODO
ESTUDANDO INSETOS."

—MARIA SIBYLLA MERIAN

● MARIE CURIE ●

Era uma vez uma escola secreta na Polônia chamada Universidade Flutuante.

Nessa época, o governo era muito rígido quanto ao que as pessoas podiam estudar. E meninas não podiam estudar nada.

Marie e sua irmã eram alunas dessa escola secreta, mas estavam cansadas de terem que se esconder.

Um dia, elas ficaram sabendo de uma universidade em Paris chamada Sorbonne. Garotas eram aceitas lá, então elas decidiram se mudar para a França.

Marie era fascinada por metais e ímãs. Ela descobriu que alguns minerais eram radioativos. Eles emitiam raios poderosos e brilhavam no escuro. Para analisar as propriedades desses minerais, ela colocava fogo neles, derretia, filtrava, e passava a noite toda os observando brilhar.

A radiação é usada para tratar muitas doenças, mas também é muito perigosa. Até hoje, depois de tantos anos, os cadernos e instrumentos de Marie ainda são radioativos. Para tocá-los, é preciso usar roupas e luvas protetoras.

O marido de Marie, Pierre, ficou tão intrigado com a pesquisa dela que decidiu largar a sua sobre cristais e se juntar a ela. Eles descobriram dois elementos radioativos novos: polônio e rádio.

Marie Curie ganhou dois prêmios Nobel pelo seu trabalho. Ela poderia ter ganhado muito dinheiro mas, em vez disso, decidiu deixar sua pesquisa disponível a todos de graça.

7 DE NOVEMBRO DE 1867—4 DE JULHO DE 1934

POLÔNIA

ILUSTRAÇÃO DE
CLAUDIA CARIERI



"NÃO SE DEVE TEMER
NADA NA VIDA,
APENAS ENTENDER."

—MARIE CURIE

● MARY ANNING ●

Em uma casinha minúscula e apertada, na costa meridional da Inglaterra, morava uma menina chamada Mary. Sua casa ficava tão próxima do mar que de vez em quando inundava em dias de chuva.

Os ventos e tempestades que varriam a costa muitas vezes revelavam fósseis nas escarpas ao longo da orla. Eram restos de plantas e animais pré-históricos, mortos havia muito tempo.

Mary não frequentava a escola porque sua família era pobre, mas aprendeu a ler e a escrever sozinha. Estudou geologia para saber mais sobre rochas, e anatomia para saber sobre os esqueletos dos animais pré-históricos que encontrava.

Um dia, ela viu uma coisa de formato estranho saindo de uma rocha. Pegou seu martelinho especial e, com cuidado, escavou a pedra em volta. Pouco a pouco, foi aparecendo um esqueleto de nove metros. A coisa tinha um bico longo, mas não era um pássaro. Tinha fileiras de dentes afiados, mas não era um tubarão. Tinha nadadeiras, mas não era um peixe. E tinha uma cauda longa e fina! Era a primeira descoberta de um dinossauro daquele tipo. Mary o chamou de ictiossauro, que significa peixe-lagarto.

Naquela época, as pessoas achavam que a Terra tinha poucos milhares de anos de idade. Os fósseis de Mary ajudaram a provar que havia vida no nosso planeta milhões de anos antes.

Cientistas do mundo todo foram conhecer Mary, a cientista autodidata que adorava passear à beira-mar.

21 DE MAIO DE 1799–9 DE MARÇO DE 1847

REINO UNIDO

ILUSTRAÇÃO DE
MARTINA PAUKOVA



● MARY EDWARDS WALKER ●

Era uma vez uma menina chamada Mary. Ela gostava de vestir o que bem entendesse: botas, calças, gravatas e camisas.

Naquela época, meninas deviam usar corpetes de renda apertados e camadas de anáguas sob as saias. Era difícil se locomover e até mesmo respirar em roupas assim. Mas, ao contrário dos pais de suas amigas, a mãe e o pai de Mary achavam que as pessoas, incluindo as meninas, deveriam usar o que quisessem. O pai dela, um médico autodidata do interior, pensava que seus filhos se sentiriam mais felizes e seriam mais saudáveis se usassem calças e camisas confortáveis, ainda mais nos verões quentes e úmidos. Mary ficava feliz com isso, afinal, preferia roupas de meninos mesmo.

Mary, suas irmãs e seu irmão eram encorajados pelo pai a estudar.

Ela queria ser médica, então frequentou a escola de medicina. Foi uma das primeiras médicas formadas dos Estados Unidos.

Mary se casou com um colega médico. Ela usou calça e jaleco em sua festa de casamento, porque gostava mais disso do que do vestido tradicional.

Quando a Guerra Civil Americana começou, ela se voluntariou para servir no exército.

Ela foi presa algumas vezes por se vestir com roupas masculinas, mas, para Mary, aquelas eram apenas as roupas que queria vestir.

Ela salvou muitas vidas durante a Guerra Civil e recebeu a Medalha de Honra do Congresso assim que a guerra acabou. Ela usou a medalha durante a vida toda, no colarinho do jaleco, ao lado da gravata.



ILUSTRAÇÃO DE
ELIZABETH BADDELEY

"QUE AS GERAÇÕES VINDOURAS SAIBAM
QUE MULHERES DE UNIFORMES TAMBÉM
GARANTIRAM SUA LIBERDADE."

MARY EDWARDS WALKER

● MARY KOM ●

Era uma vez, na Índia, uma menininha chamada Mary. Seus pais eram muito pobres e lutavam para colocar comida na mesa. Mary queria ajudar a família a ter uma vida melhor, então decidiu se tornar boxeadora.

Um dia, ela reuniu coragem e conversou com um treinador em um ginásio.

“Você pode me treinar?”, ela pediu.

“Você é muito pequena”, ele disse. “Vá embora.”

Mas quando o treinador encerrou o expediente, ela ainda o esperava no portão.

“Eu quero fazer isso. Me coloque no ringue”, ela disse.

Com relutância, ele a aceitou e começou a treiná-la intensamente. Logo estava competindo e ganhando muitas lutas. Mas ela não contou aos pais, pois não queria que eles se preocupassem.

Até que, certo dia, o pai leu sobre ela no jornal.

“É você?”, ele perguntou, preocupado.

“Sim”, Mary respondeu com orgulho.

“E se você se machucar?”, a mãe quis saber. “Não temos dinheiro para o médico!”

“Eu vou me esforçar para juntar o máximo de dinheiro que puder. Não se preocupem”, respondeu Mary.

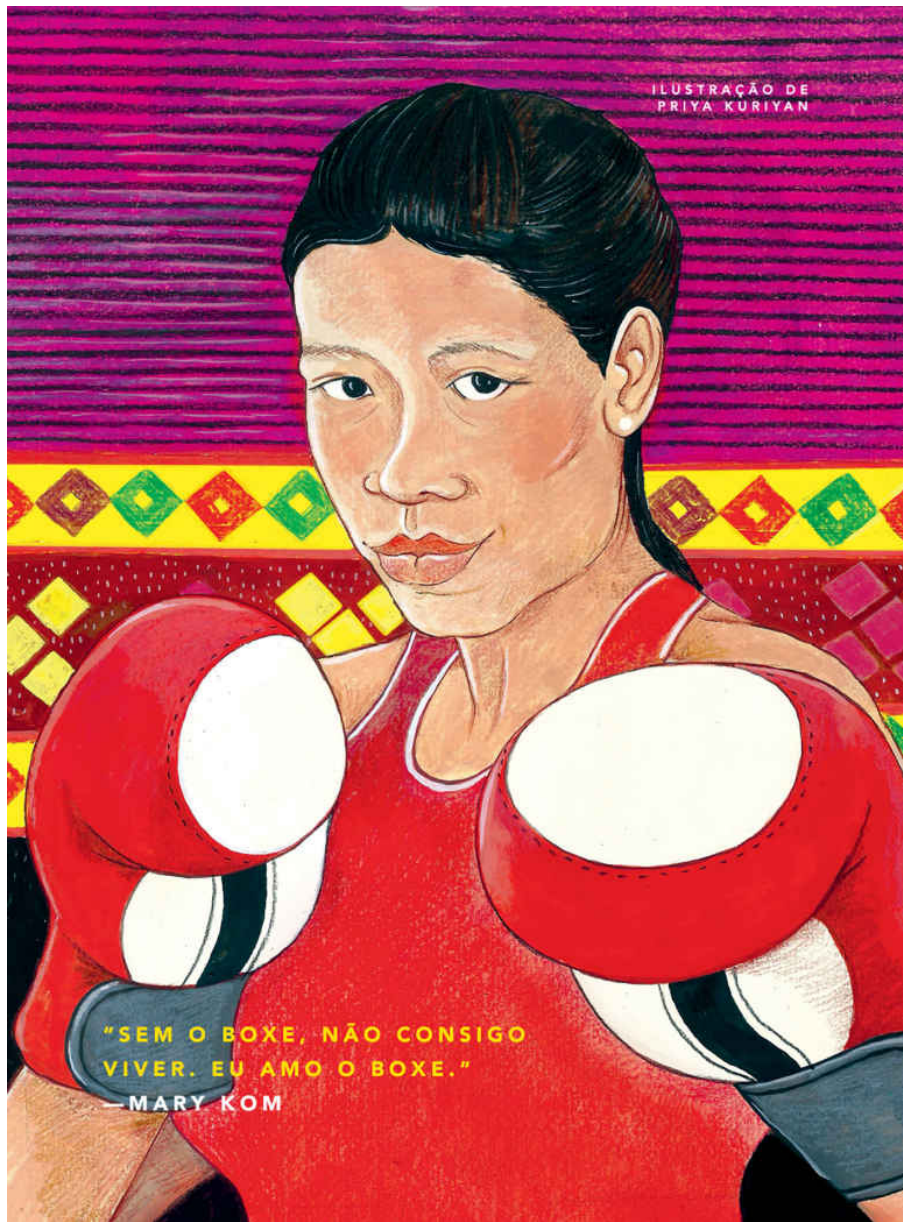
Ela dormia em albergues e comia legumes com arroz, já que não tinha dinheiro para carne. Ela não tomava café da manhã, pois só podia arcar com almoço e jantar. E se tornou campeã.

Seus pais assistiam às lutas pela TV. Mary ganhou medalha atrás de medalha, até mesmo uma medalha olímpica! Ela se tornou o orgulho do vilarejo onde morava e o arrimo da família, do jeitinho que sonhara quando criança.

ILUSTRAÇÃO DE
PRIYA KURIYAN

"SEM O BOXE, NÃO CONSIGO
VIVER. EU AMO O BOXE."

—MARY KOM



● **MATILDE MONTOYA** ●

Era uma vez, no México, uma mulher chamada Soledad. Ela logo percebeu que sua filha Matilde era incrivelmente esperta. A menina já sabia ler e escrever aos quatro anos e, aos onze, estava pronta para o ensino médio.

Quando completou dezesseis anos, Matilde começou a estudar para se tornar parteira. No entanto, ela tinha sonhos maiores: queria ser médica.

Na Escola Nacional de Medicina, ela era a única mulher entre os estudantes. Muitos lhe diziam que uma mulher nunca poderia ser médica, mas Matilde tinha a mãe e muitos amigos ao seu lado.

Ao final do primeiro ano, a universidade tentou expulsar Matilde.

Ela escreveu uma carta ao presidente do México, pedindo ajuda. Ele, por sua vez, escreveu para a universidade pedindo que parassem de ser tão injustos com ela. Ela terminou o curso, mas a universidade a impediu de prestar o exame final.

Mais uma vez, Matilde escreveu para o presidente, e mais uma vez ele interveio. Dessa vez, ele sancionou uma lei que permitia a todas as mulheres estudar medicina e se tornarem médicas.

O presidente viajou até a universidade para vê-la prestar o exame final. Foi um momento histórico.

No dia seguinte, os jornais do país celebraram a história da “senhorita Matilde Montoya”, a primeira médica mexicana da história.

ILUSTRAÇÃO DE
CRISTINA PORTOLANO

"EU SOU MÉDICA."
— MATILDE MONTOYA



● MAUD STEVENS WAGNER ●

Havia uma garota que gostava de tatuagens. Seu nome era Maud, e ela era artista de circo.

Maud era uma ótima aerialista e contorcionista. Todas as noites, as pessoas iam vê-la voar pelo ar.

Um dia, ela conheceu um homem chamado Gus Wagner, que tinha o corpo inteiramente coberto por tatuagens: eram macacos, borboletas, leões, cavalos, cobras, árvores, mulheres... tudo o que se podia imaginar!

“Eu sou uma obra de arte ambulante e falante!”, ele costumava dizer.

Maud gostou tanto das tatuagens que concordou em sair com ele, se ele fizesse uma tatuagem nela.

Gus fez uma, depois outra, depois outra... até que o corpo de Maud também ficasse coberto.

Maud aprendia rápido e logo começou a trabalhar como tatuadora para outros artistas de circo e para o público, sem deixar de se apresentar como acrobata no circo e nos parques de diversão.

Na época, tatuagens eram algo incomum. As pessoas corriam para os circos para admirar as mulheres com pouca roupa, com a pele à mostra e coberta de tinta.

Maud e Gus trabalhavam tão bem juntos que se tornaram inseparáveis. Acabaram se casando e espalhando a arte da tatuagem para além das apresentações de circo, por todo o país.

Maud é, até onde se sabe, a primeira tatuadora dos Estados Unidos.

ILUSTRAÇÃO DE
GIULIA FLAMINI



"FAÇA UMA TATUAGEM EM MIM."

—MAUD STEVENS WAGNER

● MAYA ANGELOU ●

Havia uma garotinha que ficou sem falar por cinco anos. Ela achava que suas palavras podiam machucar as pessoas e prometeu a si mesma nunca mais abrir a boca. O nome dela era Maya.

As pessoas pensavam que Maya era louca, mas, na verdade, ela simplesmente estava assustada.

“Eu sei que um dia você vai voltar a falar”, a avó sempre repetia.

“Você vai encontrar sua voz”, o amado irmão dizia.

Maya os escutou e começou a memorizar tudo o que ouvia ou lia: poemas, canções, pequenas histórias e conversas aleatórias.

“Era como colocar um CD para tocar. Se eu quisesse, passeava pela minha mente e pensava: é isto que quero ouvir”, ela contou anos depois.

Ela se tornou tão boa em memorizar que quando começou a escrever foi como música fluindo de sua caneta. Ela escreveu sobre sua infância em uma cidade onde afro-americanos eram maltratados por conta da cor da pele.

Sua escrita tornou-se a voz do Movimento pelos Direitos Civis e de todas as pessoas que lutavam pelos direitos dos afro-americanos. Ela sempre dizia que todos, brancos ou negros, homens ou mulheres, possuíam direitos iguais.

Maya era tão talentosa que, além dos muitos livros, também escreveu canções, peças e roteiros para o cinema, e atuou tanto no teatro quanto nas telas.

“Olhem-me agora: negra, mulher, americana, sulista”, um dia ela disse a um grupo de estudantes negros. “Olhem-me agora e olhem para vocês mesmos. O que não são capazes de fazer?”

A stylized, high-contrast illustration of Maya Angelou's face. She has dark, curly hair and is smiling broadly, showing her teeth. The background is a collage of yellow and orange papers or documents. The illustration uses a limited color palette of purples, pinks, and oranges.

ILUSTRAÇÃO DE
THANDIWE TSHABALALA

"MINHA MISSÃO NA VIDA NÃO É APENAS
SOBREVIVER, MAS FLORESCER; E FAZER ISSO
COM UM POUCO DE PAIXÃO, UM POUCO
DE COMPAIXÃO, UM POUCO DE HUMOR,
E UM POUCO DE ESTILO."

—MAYA ANGELOU

● **MAYA GABEIRA** ●

Era uma vez uma menina que adorava ondas grandes — não aquelas que você pula na beirinha do mar, nem aquelas que se vê do píer. Ela adorava ondas super-hipermegagigantes, e queria se tornar a Supermulher do Surfe.

“De novo não, Maya!”, sua mãe berrava quando a filha seguia para a praia. “Você sempre fica molhada e com frio, e todos os outros surfistas são meninos!”

Maya não se importava. Surfar era sua paixão.

“Bom, os caras vão ter que se acostumar comigo!”

Ela viajou ao redor do mundo em busca das maiores ondas possíveis. Foi para Austrália, Havaí, Portugal, Brasil... Maya entrava no avião e ia pra qualquer lugar atrás da maior. Certa vez, na África do Sul, ela surfou uma onda de catorze metros de altura, a maior já surfada por uma mulher. Ela ganhou todas as competições importantes e se tornou a surfista de ondas grandes mais bem paga do mundo.

Porém, certo dia, enquanto surfava em Portugal, uma onda a pegou de surpresa. A parede de água caiu sobre ela, arrastando-a para debaixo da água. Ela quebrou os ossos e quase se afogou, até que seu parceiro conseguiu resgatá-la e prestar primeiros socorros. Depois de um acidente tão assustador, a maioria das pessoas ficaria com medo de voltar para a água ou talvez até pensasse em mudar de carreira.

Não a Maya.

Assim que se recuperou, Maya voltou para a mesma praia em Portugal.

“Eu amo isso”, disse. “As ondas aqui são épicas.”

ILUSTRAÇÃO DE
MARTINA PAUKOVA



"EU CORRI MUITO, SURFEI
MUITO E TRABALHEI MUITO."
—MAYA GABEIRA

● MELBA LISTON ●

Era uma vez uma menininha que queria tocar trombone. O nome dela era Melba.

Quando Melba tinha sete anos, uma loja ambulante de música chegou em sua cidade. Ela viu um instrumento lustroso e brilhante de bronze, e soube que precisava ter um daquele.

“Aquilo?”, sua mãe exclamou. “Para uma menininha do seu tamanho? Tem quase a sua altura!”

Mas Melba insistiu.

“É a coisa mais linda que já vi.”

Então ela começou a tocar trombone todos os dias. Tentou fazer aulas, mas não se deu bem com o professor.

“Vou aprender sozinha. Vou tocar sozinha”, ela disse.

Foi difícil, mas ela amava aquele som forte, metálico, que o instrumento emitia. Em um ano, ela já estava boa o suficiente para tocar trombone solo na rádio local.

Quando ainda era adolescente, Melba fez uma turnê pelos Estados Unidos com uma banda liderada pelo trompetista Gerald Wilson. Anos depois, foi contratada para acompanhar Billie Holiday — uma das maiores cantoras de jazz de todos os tempos — em uma turnê pelo sul dos Estados Unidos.

A turnê não fez o sucesso esperado, então, quando Melba voltou para casa, desistiu de tocar. Mas sua paixão era forte demais, e logo voltou a compor e tocar. Até lançou um álbum solo, *Melba Liston and her 'Bones*. Ela também fez arranjos para outros músicos, costurando ritmos, harmonias e melodias em canções maravilhosas para todos os grandes nomes do jazz do século 20.

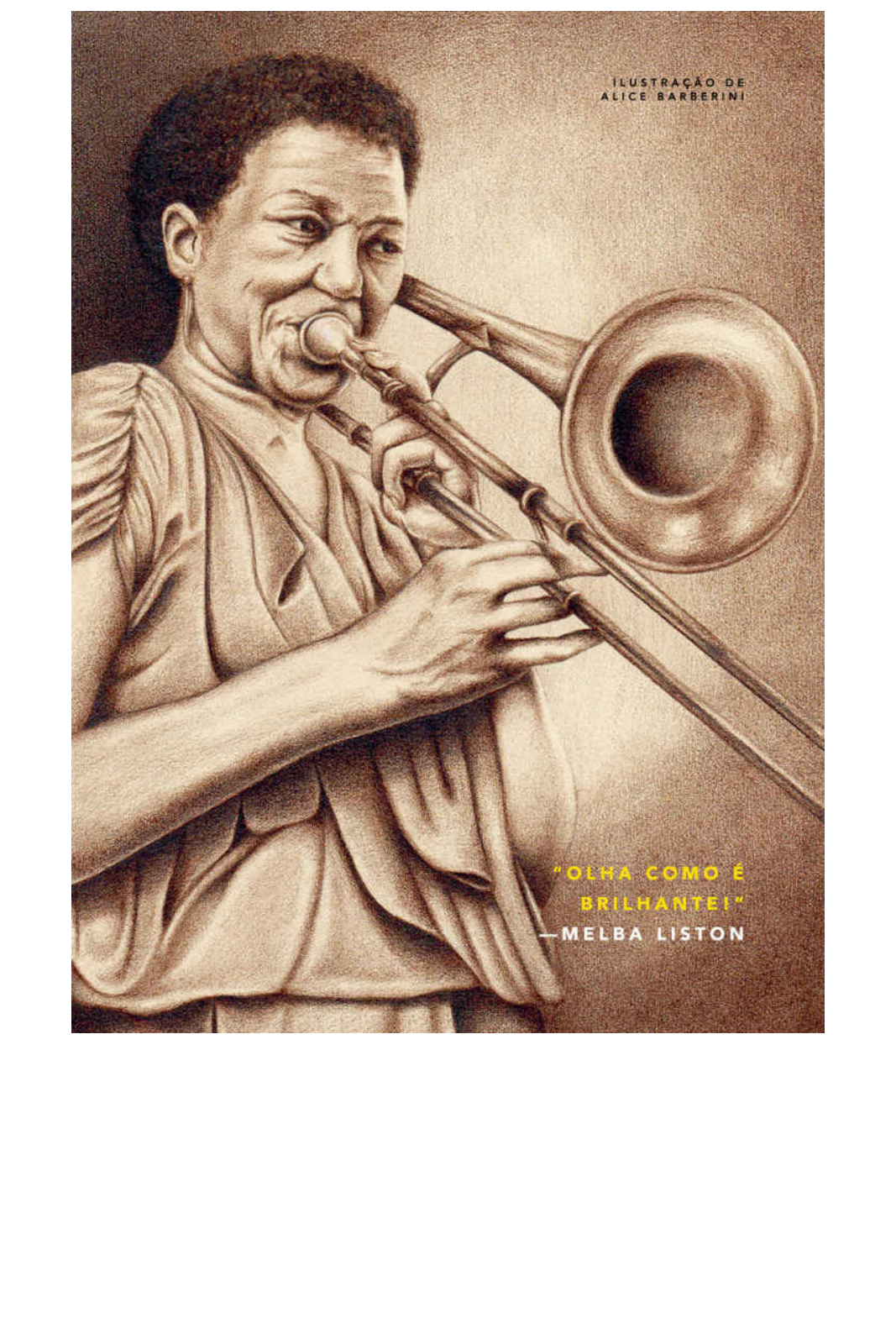


ILUSTRAÇÃO DE
ALICE BARBERINI

"OLHA COMO É
BRILHANTE!"

—MELBA LISTON

● **MICHAELA DEPRINCE** ●

Era uma vez uma menina chamada Michaela. Ela perdeu os pais durante uma guerra terrível.

Michaela tinha vitiligo, uma afecção cutânea que causava manchas brancas em seu pescoço e peito. Por conta de sua aparência, as pessoas no orfanato a chamavam de “filha do diabo”. A pequena Michaela era solitária e tinha muito medo. Uma outra menina chamada Mia também.

Quando Michaela estava com medo, Mia cantava uma canção para ela. Quando Mia não conseguia dormir, Michaela lhe contava uma história. Elas se tornaram as melhores amigas.

Um dia, o ventou arrastou uma revista até o portão do orfanato. Na capa, havia a imagem de uma linda mulher com uma roupa brilhante e que estava na ponta dos pés. “É uma bailarina”, explicou a professora.

“Ela parece tão feliz”, pensou a Michaela de quatro anos. “Quero ser como ela.”

Pouco tempo depois, ela foi levada para uma longa jornada. Ela e Mia se separaram. Para não ter mais medo, Michaela começou a sonhar.

Sonhava que Mia e ela tinham uma mãe, e que era bailarina.

Ao fim da jornada, uma mulher veio lhe dizer que queria adotá-las!

Todos os sonhos de Michaela estavam se tornando realidade. E onde estava seu tutu? Ela começou a procurar.

“O que você está procurando?”, perguntou sua mãe adotiva.

Michaela lhe mostrou a revista.

“Você também pode ser bailarina”, disse-lhe a mãe, sorrindo.

Michaela devotou-se às aulas de balé e hoje é uma bailarina do Balé Nacional Holandês.

ILUSTRAÇÃO DE
DEBORA GUIDI



"NÃO TEMA SER UMA PAPOULA
EM UM CAMPO DE NARCISOS."

—MICHAELA DEPRINCE

● MICHELLE OBAMA ●

Era uma vez uma menina que vivia com medo.

O nome dela era Michelle Robinson, e ela morava em um apartamento de um quarto só com sua família, em Chicago.

“Talvez eu não seja esperta o suficiente. Talvez eu não seja boa o suficiente”, ela se preocupava.

E sua mãe dizia:

“Se é realizável, você pode fazê-lo.”

“Tudo é possível”, seu pai falava.

Michelle dava duro. Às vezes, os professores lhe diziam que ela não devia mirar tão alto, pois suas notas não eram tão boas. Algumas pessoas diziam que ela nunca conseguiria fazer nada importante, porque “ela era apenas uma garota negra do sul de Chicago”.

Mas Michelle escolheu escutar seus pais. “Tudo é possível”, ela pensou. Então se formou em Harvard e se tornou advogada em uma grande empresa. Um dia, a chefe dela pediu-lhe para que fosse a mentora de um jovem advogado. O nome dele era Barack Hussein Obama.

Eles se apaixonaram e se casaram alguns anos depois.

Um dia, Barack lhe contou que queria se tornar presidente dos Estados Unidos. No começo, ela achou a ideia maluca, mas depois se lembrou: “Se é realizável, você pode fazê-lo”. Então ela largou o emprego e o ajudou na campanha.

Barack ganhou as eleições (duas vezes!) e Michelle se tornou a primeira primeira-dama afro-americana dos Estados Unidos.

“Ninguém nasce sabendo. É preciso muito trabalho duro”, é seu mote.

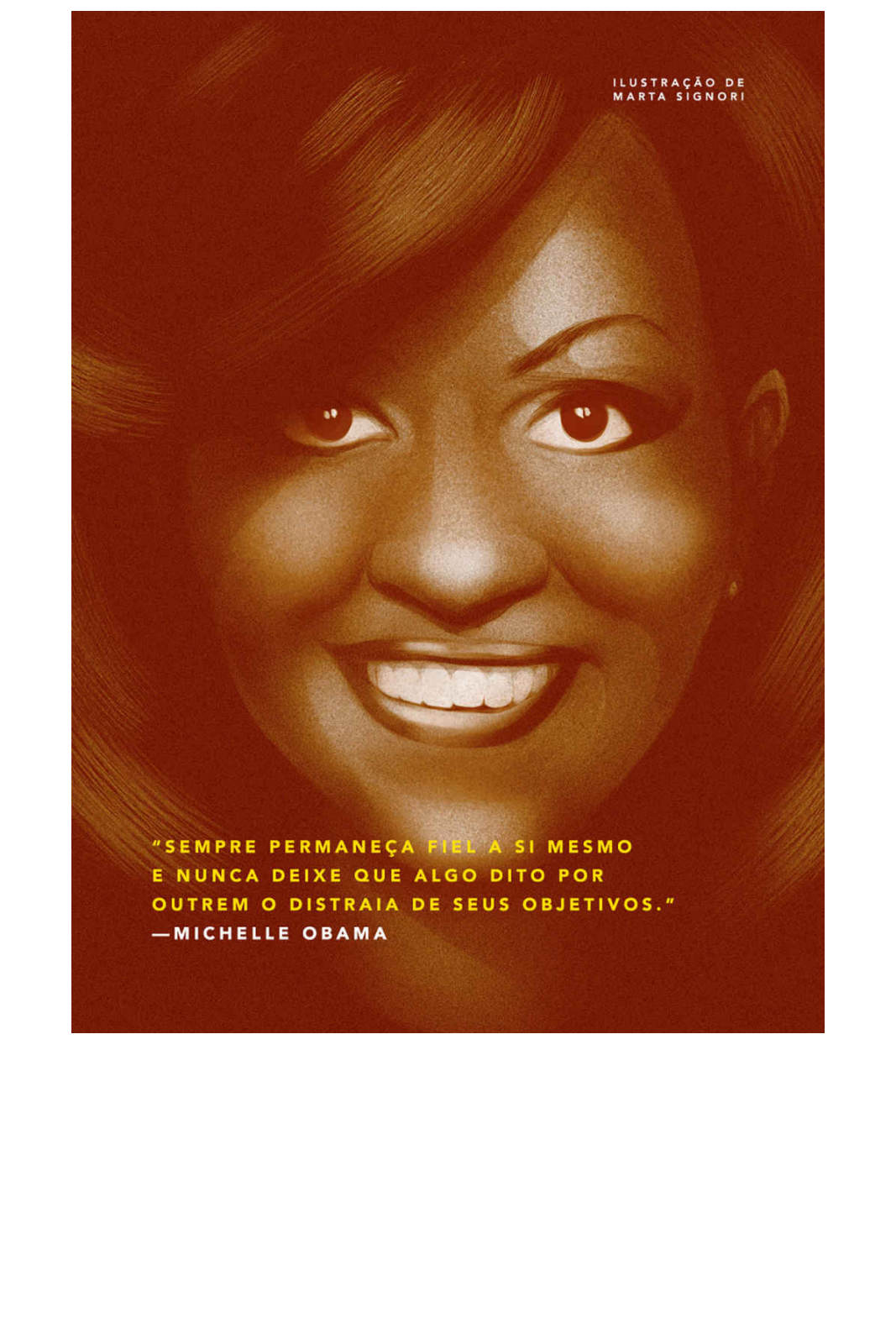


ILUSTRAÇÃO DE
MARTA SIGNORI

**"SEMPRE PERMANEÇA FIEL A SI MESMO
E NUNCA DEIXE QUE ALGO DITO POR
OUTREM O DISTRAIA DE SEUS OBJETIVOS."**

—MICHELLE OBAMA

● MILLO CASTRO ZALDARRIAGA ●

Era uma vez uma menininha que sonhava ser percussionista. Ela morava em uma pequena ilha cheia de música, cor e um mamão papaia delicioso. Seu nome era Millo.

Todos na ilha sabiam que apenas meninos podiam tocar instrumentos de percussão.

“Vá para casa”, eles gritavam para Millo. “Isso não é para meninas.”

Eles não sabiam que a paixão de Millo pela percussão era mais forte do que um caranguejo-dos-coqueiros.

Durante o dia, ela ouvia todos os sons ao seu redor: o som das palmeiras dançando ao vento, o som dos beija-flores batendo asas, o som de alguém pulando na poça com os dois pés fazendo *SPLASH!*

À noite, ela sentava na praia para escutar o som do mar.

“Por que eu não posso ser percussionista?”, ela perguntava às ondas.

Um dia, Millo convenceu o pai a levá-la a uma aula de música. Timbale, conga, bongô... Ela conseguia tocar todos! O professor ficou tão impressionado que passou a dar aulas diárias para Millo.

“Eu vou tocar numa banda de verdade”, Millo dizia.

Quando a irmã dela montou a Anacaona, a primeira banda de salão inteiramente feminina de Cuba, Millo, aos dez anos, se juntou a elas como percussionista. Logo, estavam botando todos para dançar.

Millo se tornou uma musicista mundialmente famosa. Ela até tocou na festa de aniversário de um presidente americano quando tinha apenas quinze anos de idade.

ILUSTRAÇÃO DE
SARAH WILKINS

"MENINAS PODEM TOCAR PERCUSSÃO!"
—MILLO CASTRO ZALDARRIAGA



● MIRIAM MAKEBA ●

Era uma vez um povo que era tratado de forma diferente, dependendo da cor da pele. Esse povo vivia na África do Sul.

Era ilegal brancos e negros passarem tempo juntos ou se apaixonarem ou terem filhos.

Esse sistema cruel era chamado *apartheid*.

Nesse mundo, existia uma garotinha que adorava cantar. Todo domingo, Miriam ia à igreja com a mãe. Ela estava tão desesperada para participar do coral que costumava se esgueirar para os fundos da igreja sempre que havia ensaio.

Quando cresceu, Miriam gravou mais de cem músicas com sua banda composta só por mulheres, as Skylarks.

Ela cantava sobre a vida na África do Sul: o que a alegrava, o que a entristecia, o que a enraivecia. Ela cantava sobre danças e sobre o *apartheid*.

As pessoas amavam suas músicas, especialmente uma chamada “Pata Pata”, seu maior sucesso. Mas o governo não gostava das mensagens contra o *apartheid* das canções de Miriam e queria silenciar sua voz de protesto. Quando ela saiu do país em uma turnê, o governo tomou o passaporte dela e não a deixou mais voltar.

Miriam rodou o mundo e se tornou um símbolo da orgulhosa luta africana por liberdade e justiça. As pessoas começaram a chamá-la de “Mama África”.

Depois de trinta e um anos, deixaram-na voltar para casa. Não demorou muito e o *apartheid* foi enfim derrubado.

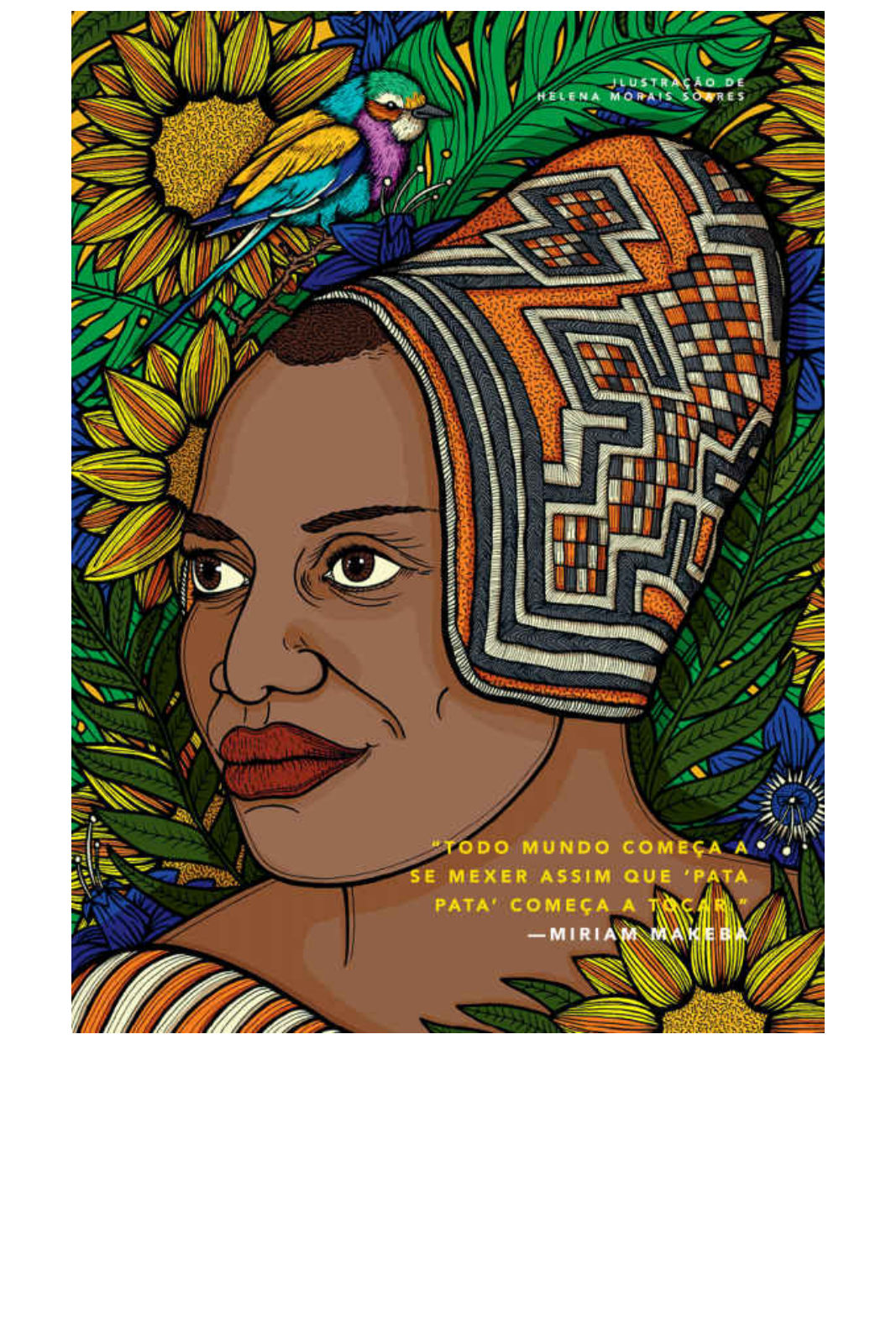


ILUSTRAÇÃO DE
HELENA MORAIS SOARES

"TODO MUNDO COMEÇA A
SE MEXER ASSIM QUE 'PATA
PATA' COMEÇA A TOCAR."

— MIRIAM MAKEBA

● **MISTY COPELAND** ●

Era uma linda noite quando Misty entrou no palco diante de um público silencioso para dançar como protagonista de um balé chamado *O pássaro de fogo*.

Misty era a única afro-americana em uma das mais famosas companhias de dança do mundo, e aquela era a primeira vez que ela seria primeira-bailarina.

As cortinas se abriram e os braços dela se moveram com graça, como as asas de um pássaro. Ela deu piruetas e lindos e longos saltos por todo o palco. A plateia ficou paralisada.

Quando a cortina se fechou, ela revelou algo que ninguém jamais imaginaria: ela tinha machucado a perna e sentira muita dor durante toda a apresentação. Foram seis fraturas na canela esquerda, que exigiram cirurgia.

Parecia de uma crueldade inacreditável que, na mesma noite em que havia conquistado seu sonho, ela tivesse de ouvir que poderia nunca mais voltar a dançar.

Para Misty, isso era inaceitável, pois ela amava dançar. A dança a encontrara quando ela tinha treze anos e morava em um hotel barato com a mãe e cinco irmãos. A dança a encontrara quando ela pensou que nunca poderia viver de algo que amasse fazer.

Ela enfrentou a cirurgia e a terapia e batalhou mais do que nunca para estar bem o bastante para voltar à companhia American Ballet Theatre.

Misty dançou em *O lago dos cisnes* como um verdadeiro cisne negro, mais forte e mais elegante que nunca.

"A DANÇA ME ENCONTROU."

—MISTY COPELAND



ILUSTRAÇÃO DE
PING ZHU

● NANCY WAKE ●

Era uma vez uma garota que queria ser agente secreta.

Aos dezesseis anos de idade, ela viajou sozinha da Austrália até a Inglaterra e convenceu um jornal a contratá-la. Quando a Segunda Guerra Mundial estourou, ela se juntou à resistência francesa (o Maquis) na luta contra os nazistas.

Nancy voltou fugida para a Inglaterra, e saltou de paraquedas na França, para treinar e organizar combatentes da resistência e resgatar pilotos britânicos que tinham sido derrubados em território francês. Ela conseguiu documentos de identidade falsos para eles e os colocou em um trem que seguiu por entre as montanhas até a Espanha, de modo que pudessem voltar em segurança para a Inglaterra.

Ela despistou a polícia secreta alemã (a Gestapo) tantas vezes que logo se tornou a primeira da lista de pessoas mais procuradas deles. Os alemães a apelidaram de Rata Branca, porque parecia impossível pegá-la!

Nancy também era uma excelente soldada. Tinha uma mira incrível e nunca perdia a cabeça. Quando sua unidade sofreu um ataque surpresa dos nazistas, ela assumiu o comando de uma seção dos aliados cujo líder tinha sido morto e, com frieza excepcional, organizou uma retirada sem mais baixas.

No fim da guerra, depois que a França foi enfim liberta, os britânicos premiam Nancy com a Medalha George. Os franceses lhe deram três medalhas Cruz de Guerra e a Medalha da Resistência. Mais tarde, eles a nomearam Cavaleira da Legião de Honra, a maior honra francesa. Os americanos a premiam com uma Medalha da Liberdade.

An illustration of Nancy Wake, a World War II heroine, in a military uniform. She has short, wavy brown hair and is looking directly at the viewer with a slight smile. She wears a khaki jacket with a pilot's wing emblem and several ribbons on her left chest. The background is a stylized sky with blue and white diagonal stripes, featuring three biplanes and three parachutes. A red shape is visible at the bottom right.

ILUSTRAÇÃO DE
MONICA GARWOOD

"PELO AMOR DE DEUS, POR ACASO
OS ALIADOS ME FIZERAM SALTAR DE
PARAQUEDAS NA FRANÇA PRA FRITAR
OVOS E BACON PARA HOMENS?"

—NANCY WAKE

● NANNY DOS MAROONS ●

Era uma vez, na Jamaica, uma escrava fugida cujos ancestrais africanos eram da realeza. Seu nome era Nanny, e ela era a líder de um grupo de escravos fugidos chamado Maroons.

Nessa época, a Jamaica era dominada pelos britânicos. Eles escravizavam africanos e os enviavam para a Jamaica para trabalhar em plantações de cana-de-açúcar. Porém, a rainha Nanny queria liberdade para si e para seu povo. Ela escapou, libertou vários outros escravos e os conduziu para as montanhas, onde construíram um vilarejo chamado Nanny Town.

O único acesso a Nanny Town era por um caminho estreito em meio à floresta. A rainha Nanny ensinou os Maroons a se camuflarem na selva, cobrindo-se com folhas e galhos.

Os soldados britânicos adentraram a floresta em fila indiana, sem imaginar que estavam cercados. Eles ouviram um som, e de repente as “árvores” ao redor ganharam vida e atacaram.

Porém, Nanny Town tinha um problema: seus habitantes passavam fome.

Certa noite, fraca de tanta fome e preocupada com seu povo, a rainha Nanny caiu no sono. Ela sonhou com um de seus ancestrais, que lhe disse:

“Não desista. A comida está ao alcance das suas mãos.”

Quando acordou, descobriu sementes de abóbora em seus bolsos. Ela as plantou na encosta da montanha e logo sua tribo tinha bastante comida.

Dali em diante, o morro perto de Nanny Town passou a ser chamado de Morro da Abóbora.

ILUSTRAÇÃO DE
CAMILA PERKINS

"SOU LIVRE AGORA."
—NANNY DOS MAROONS



● NELLIE BLY ●

Em um vilarejo na Pensilvânia, nos Estados Unidos, havia uma garota que sempre se vestia de rosa. Seu nome era Nellie.

Quando o pai dela morreu, a família não conseguiu mais se sustentar. Foram tempos difíceis. Então, Nellie saiu em busca de um emprego para ajudar a mãe com as contas de casa.

Um dia, ela leu um artigo chamado “Para que servem as garotas” no jornal local. Nesse texto, garotas que trabalhavam eram descritas como “monstros”, porque o autor achava que lugar de mulher era em casa. Furiosa, Nellie escreveu uma carta inflamada para o editor.

Impressionado com o estilo da escrita dela, o editor lhe ofereceu um emprego como repórter.

Não demorou muito para Nellie se provar uma corajosa jornalista investigativa. Ela se mudou para Nova York e integrou a equipe do *New York World*, o jornal comandado pelo famoso Joseph Pulitzer. Certa vez, ela fingiu ter uma doença mental para ser admitida em um sanatório e poder denunciar o péssimo tratamento que os pacientes recebiam lá. Ela era audaciosa, inteligente e compassiva.

Até que o jornal quis desafiá-la. Júlio Verne havia escrito um romance bastante popular chamado *Volta ao mundo em 80 dias*. Será que ela não conseguiria fazer isso em menos tempo? Nellie levou poucas horas para arrumar uma pequena mala e embarcou em um barco a vapor em Nova York. Viajando de navio, trem e até no lombo de um burro, ela estabeleceu para si um ritmo bem cansativo. Rolavam apostas sobre se ela conseguiria ou não cumprir tal feito. Por fim, 72 dias, 6 horas e 11 minutos depois de sua partida, ela retornou a Nova York. Ela tinha conseguido!

"NUNCA ESCREVI UMA PALAVRA
QUE NÃO TIVESSE SAÍDO DO MEU
CORAÇÃO. E NUNCA FAREI ISSO."

—NELLIE BLY



ILUSTRAÇÃO DE
ZARA PICKEN

● **NETTIE STEVENS** ●

Era uma vez uma professora chamada Nettie Stevens. Ela decidiu se tornar cientista, então economizou tanto dinheiro quanto conseguiu e, aos trinta e cinco anos, se mudou para a Califórnia, para cursar a Universidade Stanford.

Na universidade, ela ficou obcecada em descobrir por que alguns bebês viravam meninos e outros viravam meninas. A resposta estava nas células, ela tinha certeza disso.

Fazia quase duzentos anos que a humanidade se ocupava dessa questão. Cientistas e filósofos tinham inventado todo tipo de teorias para explicar isso: alguns diziam que dependia da temperatura corporal do pai, outros diziam que tinha a ver com nutrição... Em suma, ninguém fazia ideia.

Para desvendar esse mistério de uma vez por todas, Nettie começou a estudar minhocas.

Depois de analisar as células das minhocas por horas em um microscópio, ela fez uma descoberta importante: larvas femininas tinham vinte cromossomos grandes, enquanto larvas masculinas tinham dezenove cromossomos grandes e um pequeno.

“Bingo!”, gritou Nettie, com os olhos grudados no microscópio.

Um cientista chamado Edmund Wilson fez uma descoberta similar mais ou menos na mesma época, porém não compreendeu a importância dela. Wilson acreditava que o gênero era também influenciado pelo ambiente, mas Nettie disse:

“Não. Está tudo nos cromossomos.”

E ela estava certa.

ILUSTRAÇÃO DE
BARBARA DZIADOSZ



"ENQUANTO MANTIVER MEU ENTUSIASMO
PELA BIOLOGIA, RECEBEREI BEM AS PERGUNTAS
DE ESTUDANTES; E QUERO CRER QUE VAI SER
ASSIM PELO RESTO DA MINHA VIDA."

—NETTIE STEVENSON

● NINA SIMONE ●

Nina era uma garota talentosa e orgulhosa. Uma vez, enquanto sua mãe estava na igreja, ela subiu escondida no banco do órgão e aprendeu a tocar a música “God Be with You Till We Meet Again”. Ela tinha três anos.

Quando estava com cinco anos, o empregador da mãe dela se ofereceu para pagar aulas de piano para Nina. Então ela começou a estudar para se tornar uma pianista clássica.

Ela era comprometida, batalhadora e bastante talentosa.

Aos doze anos, Nina participou de seu primeiro concerto. Os pais dela tinham se sentado na primeira fileira, mas foram obrigados a ir para o fundo do salão para dar lugar a algumas pessoas brancas que haviam chegado. Nina se recusou a tocar até que os pais estivessem novamente sentados ali na frente.

Ela derramou sua paixão e seu orgulho em sua música, e o racismo era algo que não conseguia suportar. Queria que os negros tivessem orgulho e fossem livres para abraçar seus talentos e suas paixões, sem julgamento.

Foi por isso que escreveu canções como “Brown Baby” e “Young, Gifted and Black”. Nina Simone sabia como o racismo machucava negros e negras, e queria que todos eles pudessem encontrar força em suas músicas.

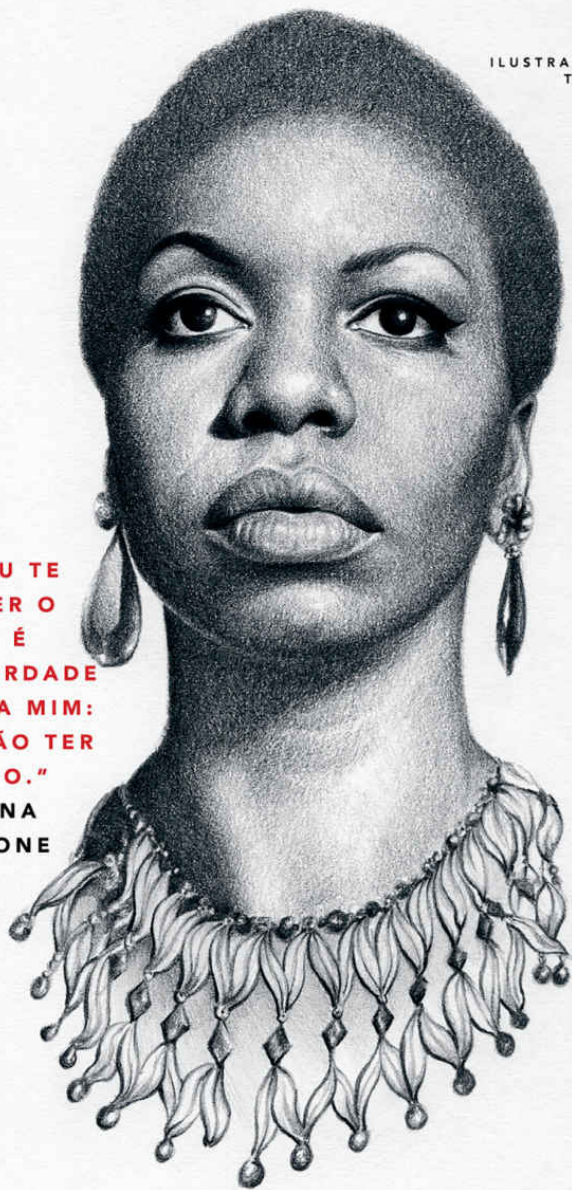
“A pior coisa desse tipo de preconceito é que você se sente ferido e furioso e tudo mais, e ele ainda alimenta sua baixa autoestima”, dizia ela. “Você começa a pensar: ‘Talvez eu não seja bom o suficiente’.”

Nina decidiu cultivar seu talento em vez de medo e acabou se tornando uma das cantoras de jazz mais famosas do mundo.

ILUSTRAÇÃO DE
T.S. ABE

"VOU TE
DIZER O
QUE É
LIBERDADE
PARA MIM:
É NÃO TER
MEDO."

—NINA
SIMONE



● **POLICARPA SALAVARRIETA** ●

Era uma vez, em Bogotá, na Colômbia, uma costureira que também era espiã. Seu verdadeiro nome era secreto, mas a maioria das pessoas a conhecia como Policarpa Salavarrieta.

Quando criança, a madrinha de Policarpa a ensinou a costurar. Ela não fazia ideia de que, um dia, seus talentos a ajudariam a fazer estourar uma revolução em seu país.

Nessa época, a Colômbia era governada pela distante Espanha. Muitas pessoas, conhecidas como monarquistas, sentiam orgulho de ter um rei espanhol. Outras, como Policarpa, eram revolucionárias, e desejavam ver a Colômbia livre.

Os monarquistas estavam sempre de olho nos revolucionários, por isso Policarpa tinha que ficar mudando de nome, para evitar que a capturassem.

Ela trabalhava como costureira na casa de monarquistas. Enquanto ajustava as roupas das madames, ela coletava informações sobre os planos deles e depois passava a seus amigos revolucionários.

Certo dia, um mensageiro que levava uma informação obtida por Policarpa foi pego, e a identidade secreta dela foi revelada. Ela foi presa, e lhe disseram que sua vida seria poupada se ela denunciasse alguns de seus amigos.

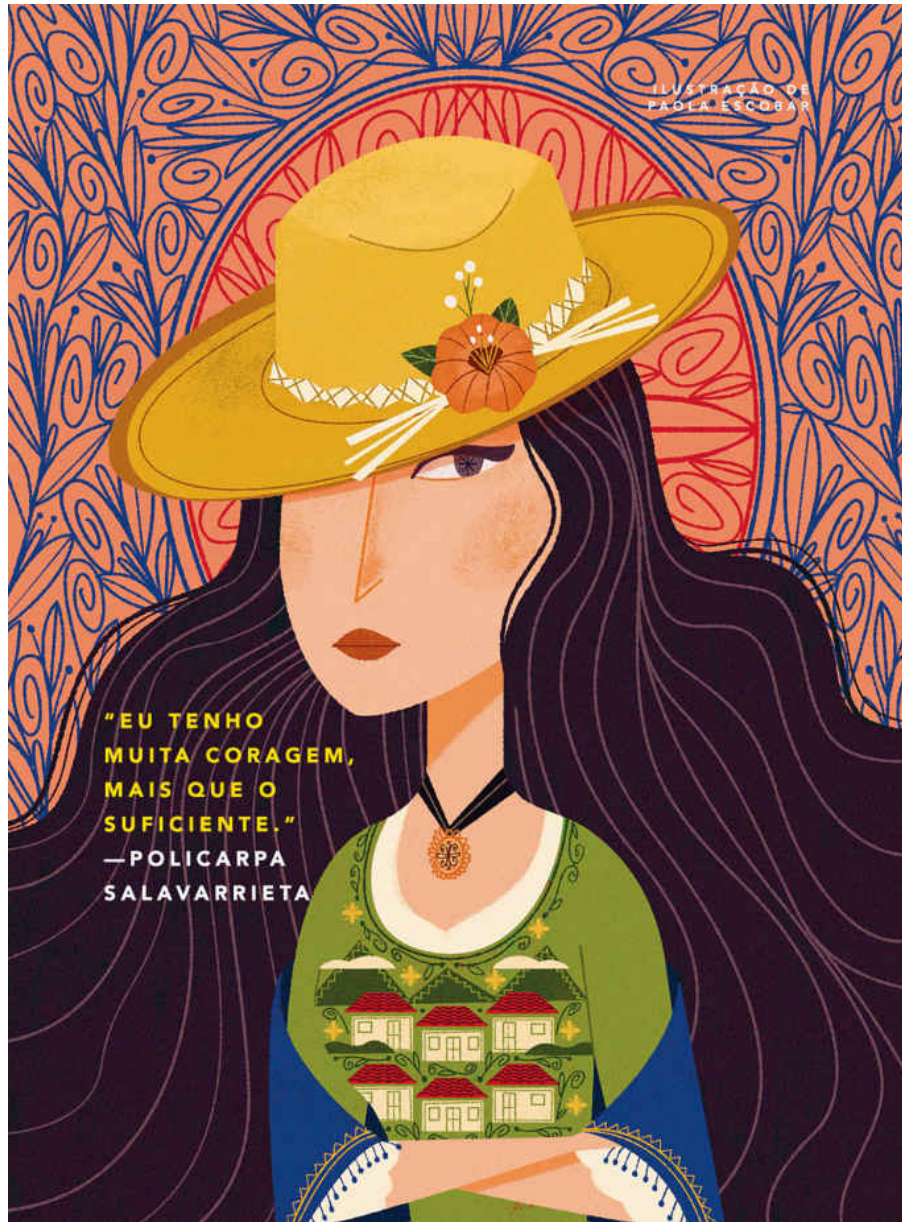
Ela olhou fundo nos olhos de seus captores e disse:

“Sou uma mulher jovem, e vocês não me botam medo.”

Policarpa continua a inspirar mulheres e homens da Colômbia e do mundo todo com sua luta destemida por liberdade e justiça.

ILUSTRAÇÃO DE
PADILHA ESCOBAR

"EU TENHO
MUITA CORAGEM,
MAIS QUE O
SUFICIENTE."
—POLICARPA
SALAVARRIETA



● RITA LEVI MONTALCINI ●

Era uma vez uma garota chamada Rita. No momento em que sua babá morreu, vítima de um câncer, ela decidiu que queria ser médica.

Ela tinha uma fascinação particular por neurônios (aquilo que compõe nosso cérebro). Por isso, depois da graduação, trabalhou com um professor extraordinário chamado Giuseppe Levi e com um grupo de cientistas incríveis, colegas de turma dela.

Estavam no meio de uma pesquisa importante quando um ditador cruel baixou uma lei que proibia judeus de trabalhar na universidade.

Ela fugiu para a Bélgica com seu professor, que também era judeu. Porém, os nazistas invadiram o país, então ela teve que fugir de novo e acabou voltando para a Itália.

É difícil fazer pesquisa científica quando você tem que se esconder o tempo todo e não tem acesso a laboratórios. Mas Rita não desistiu.

Ela transformou o próprio quarto em um pequeno laboratório de pesquisa. Afiou agulhas de costura para transformá-las em instrumentos cirúrgicos. Diante da cama, colocou uma pequena mesa de operações, sobre a qual dissecava frangos, e estudou células em um microscópio.

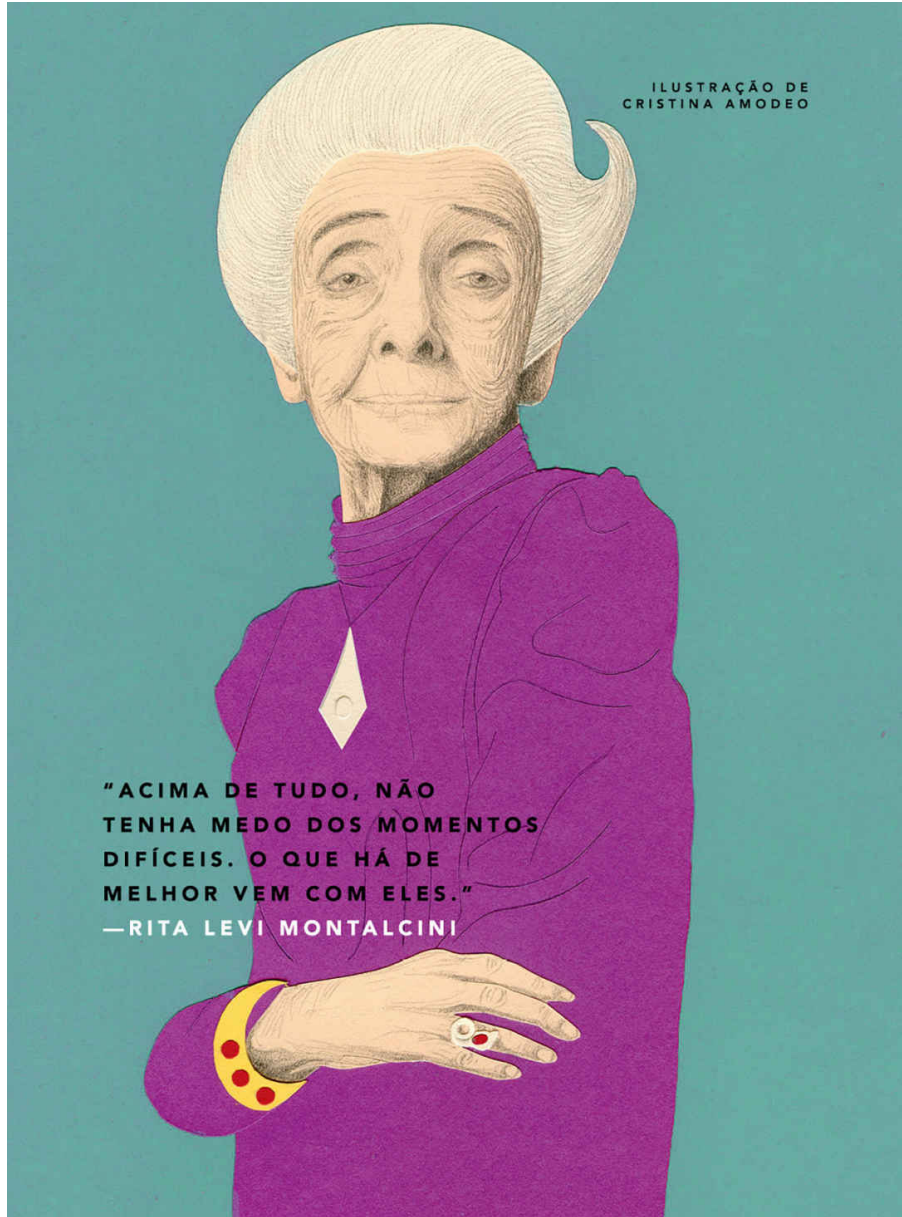
Quando a cidade onde morava foi bombardeada, Rita fugiu de novo, e de novo. De esconderijo em esconderijo, não importava quão difícil fosse, onde quer que estivesse, ela continuou trabalhando.

Por suas pesquisas na área da neurobiologia, Rita foi laureada com o prêmio Nobel de Medicina. Ela foi a terceira pessoa da sua turma a ganhar um Nobel!

ILUSTRAÇÃO DE
CRISTINA AMODEO

**"ACIMA DE TUDO, NÃO
TENHA MEDO DOS MOMENTOS
DIFÍCEIS. O QUE HÁ DE
MELHOR VEM COM ELES."**

—RITA LEVI MONTALCINI



● ROSA PARKS ●

Era uma vez uma cidade chamada Montgomery, no Alabama. Ela era uma cidade segregada. Isso significava que pessoas negras e pessoas brancas frequentavam escolas diferentes, oravam em igrejas diferentes, faziam suas compras em lojas diferentes, usavam elevadores diferentes e tomavam água de bebedouros diferentes. Todos andavam nos mesmos ônibus, mas tinham de se sentar em áreas diferentes: brancos na frente e negros atrás. Foi nesse mundo preto e branco que Rosa Parks cresceu.

Era difícil para os negros, e muitos estavam bravos e tristes por causa da segregação, mas seriam presos se protestassem.

Certo dia, Rosa, então com quarenta e dois anos, estava sentada no fundo de um ônibus, voltando do trabalho. O transporte estava lotado e não havia assentos suficientes na parte da frente (reservada aos brancos), então o motorista mandou Rosa ceder seu assento para uma pessoa branca.

Rosa disse não.

Ela passou a noite na cadeia, mas esse ato de bravura mostrou às pessoas que era possível dizer não à injustiça.

Os amigos de Rosa fizeram um boicote. Eles pediram às pessoas negras que não andassem nos ônibus municipais até que a lei fosse alterada. Essas palavras espalharam-se rápido por todo canto. O boicote durou 381 dias. Só acabou quando a segregação foi declarada inconstitucional pela Suprema Corte dos Estados Unidos.

Levou dez anos para que a segregação fosse banida em outros estados, mas isso eventualmente aconteceu, e graças ao primeiro e corajoso “não” de Rosa.

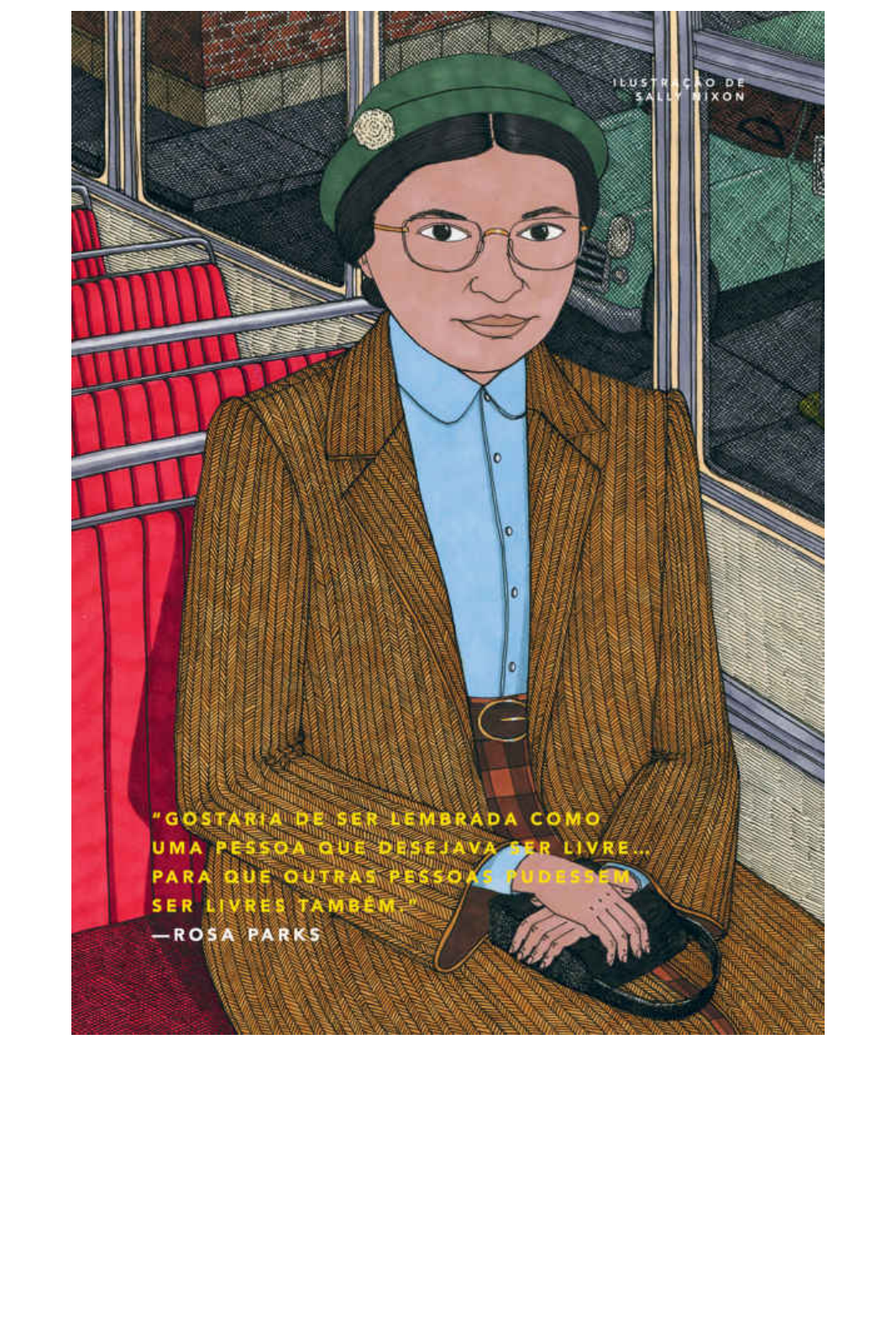
A stylized illustration of Rosa Parks. She is depicted from the waist up, seated on a red upholstered bus seat. She has dark hair and is wearing a green beret with a small floral pin, round glasses, a light blue collared shirt, and a brown herringbone-patterned jacket. Her hands are resting on her lap, holding a dark, textured clutch bag. The background shows the interior of a bus with windows and a view of a city street with a green car. The illustration is done in a graphic, almost comic-book style with bold lines and a limited color palette.

ILUSTRAÇÃO DE
SALLY NIXON

"GOSTARIA DE SER LEMBRADA COMO
UMA PESSOA QUE DESEJAVA SER LIVRE...
PARA QUE OUTRAS PESSOAS PUDESSEM
SER LIVRES TAMBÉM."

—ROSA PARKS

● RUTH BADER GINSBURG ●

Era uma vez uma garota que sonhava em se tornar uma grande advogada.

“Uma advogada mulher?”, as pessoas a zombavam. “Não seja ridícula! Advogados e juízes sempre são homens.”

Ruth olhou ao redor e notou que era assim mesmo. “Mas não tem por que isso não mudar”, pensou.

Ela se inscreveu na Escola de Direito de Harvard e se tornou uma de suas estudantes mais brilhantes.

O marido dela, Marty, também era aluno de Harvard e costumava ouvir das pessoas:

“Sua esposa deveria estar em casa fazendo bolos e cuidando da bebê.”

Marty, porém, não lhes dava ouvidos. Ruth cozinhava muito mal! Além disso, ele adorava cuidar da filha e tinha orgulho de sua incrível esposa.

Ruth acreditava muito nos direitos das mulheres. Ela representou seis casos que se tornaram referência em igualdade de gênero diante da Suprema Corte dos Estados Unidos. Depois, ela virou a segunda juíza mulher na história do Supremo Tribunal de Justiça do país.

Existem nove juízes na Suprema Corte.

“Se me perguntam quando haverá mulheres o suficiente na Suprema Corte, digo: ‘Quando houver nove’. As pessoas ficam chocadas com a minha resposta. Mas sempre foram nove homens pelo que pareceu uma eternidade, e nunca ninguém sequer ergueu uma sobrancelha em relação a isso.”

Aos oitenta e poucos anos, Ruth faz vinte flexões por dia e se tornou um ícone da moda, graças aos colares extravagantes que usa por cima da toga.

ILUSTRAÇÃO DE
ELEANOR DAVIS



"DISCORDO."

—RUTH BADER GINSBURG

● RUTH HARKNESS ●

Muito tempo atrás, os zoológicos não tinham muita noção de como cuidar dos animais que adquiriam. Era raro que um animal exótico sobrevivesse à viagem até a América, por isso os visitantes estavam habituados a vê-los empalhados. Era difícil sentir compaixão por um animal empalhado.

Assim, foi uma decisão bem importante quando o marido de Ruth resolveu ir até a China para pegar um urso panda e levá-lo vivo aos Estados Unidos. Infelizmente, ele morreu poucos meses depois de chegar lá.

Nessa época, Ruth era estilista, morava na cidade de Nova York e pouco sabia sobre a China. Mas ela sentia falta do marido e adorava aventuras. Então pensou: “Vou terminar o que Bill começou. Vou à China para trazer um panda vivo para cá”.

Na China, Ruth caminhou por densas florestas, escalou mosteiros antigos, seguiu rios durante o dia e acendeu fogueiras na escuridão.

Certa noite, ouviu um barulho. Foi atrás do som adentrando a floresta e encontrou um filhote de panda escondido no buraco de uma árvore. Ela o tomou nos braços, mas não sabia o que fazer. Deu leite ao filhote. Quando voltou à cidade, comprou um casaco de pele, para que o pequeno panda se sentisse melhor em seu colo.

Ela batizou o urso panda de Su Lin e o levou da China até o zoológico de Chicago, nos Estados Unidos. Dezenas de milhares de pessoas viram quão fofo Su Lin era e aprenderam que animais selvagens devem ser respeitados e amados.

21 DE SETEMBRO DE 1900–20 DE JULHO DE 1947

ESTADOS UNIDOS

ILUSTRAÇÃO DE
CLAUDIA CARIERI

"NÃO SEI SE É HUMANAMENTE
POSSÍVEL PEGAR OU NÃO
UM PANDA, MAS SINTO QUE,
SE FOR, EU VOU CONSEGUIR."

—RUTH HARKNESS



● SEONDEOK DE SILLA ●

Era uma vez, em Silla, um dos três reinos da Coreia, uma garota muito esperta. Ela tinha catorze anos e se tornou rainha. Só que um nobre chamado lorde Bidam não gostou nada disso e liderou uma revolta contra Seondeok, bradando: “Garotas não podem ser reis!”. Ele viu uma estrela cadente e disse que era um sinal de que o reinado dela logo cairia.

Mas Seondeok empinou uma pipa em chamas e disse ao povo que sua estrela tinha retornado para os céus.

Essa não era a primeira vez que Seondeok impressionava todos com uma façanha brilhante. Quando era criança, seu pai ganhou do imperador da China um pacote de sementes de papoula e um quadro com papoulas pintadas.

“Elas se tornarão belas flores”, ela disse, olhando para a ilustração no pacote. “É uma pena que não terão um perfume doce.”

“Como você sabe disso?”, o pai perguntou.

“Se fossem perfumadas, haveria abelhas ou borboletas no quadro.”

Quando as flores brotaram, descobriram que ela estava certa: as papoulas de fato não tinham perfume.

A jovem rainha coreana enviou professores e alunos para a China para aprender as línguas chinesas e seus costumes, formando laços fortes de amizade entre os dois países.

Seondeok foi a primeira rainha de Silla, depois de vinte e seis reis.

ILUSTRAÇÃO DE
KIKI LJUNG

"MAIS DIFÍCIL DO QUE CONQUISTAR
A CONFIANÇA DAS PESSOAS É TER
QUE ABANDONÁ-LAS."
—SEONDEOK
DE SILLA



● SERENA E VENUS WILLIAMS ●

Era uma vez um homem chamado Raul. Ele tinha uma barraquinha de tacos em uma esquina da cidade de Compton.

Todos os dias, Raul via um homem e suas duas filhas passando pela barraquinha em direção à quadra de tênis do bairro. O nome dele era Richard Williams, e suas filhas eram Serena e Venus. Richard sempre carregava consigo um cesto de bolas para ensinar as filhas a jogar tênis.

Serena tinha apenas quatro anos na época. Ela era tão pequenina que quando se sentava no banco seus pés não tocavam o chão. Na grande maioria das vezes, ela era a jogadora mais nova dos torneios que seu pai a inscrevia. No entanto, isso não a impedia de vencer.

As gangues de Compton causavam alguns problemas, mas quando viam Venus e Serena jogando tênis, eles ficavam inspirados com a paixão e a dedicação delas. Eles costumavam vigiar a quadra para garantir que ninguém perturbasse as irmãs.

Venus e Serena se esforçaram muito, se entregando por inteiro para o tênis. Na adolescência, já eram tão fortes que o pai delas declarou que estavam a caminho de se tornarem as melhores jogadoras do mundo.

E foi exatamente o que aconteceu! Ambas as irmãs já estiveram na primeira posição na classificação mundial de jogadores.

Elas continuam dando muito orgulho para Raul, para o pai delas e para toda a cidade de Compton.

SERENA, NASCIDA EM 26 DE SETEMBRO DE 1981;

VENUS, NASCIDA EM 17 DE JUNHO DE 1980

ESTADOS UNIDOS

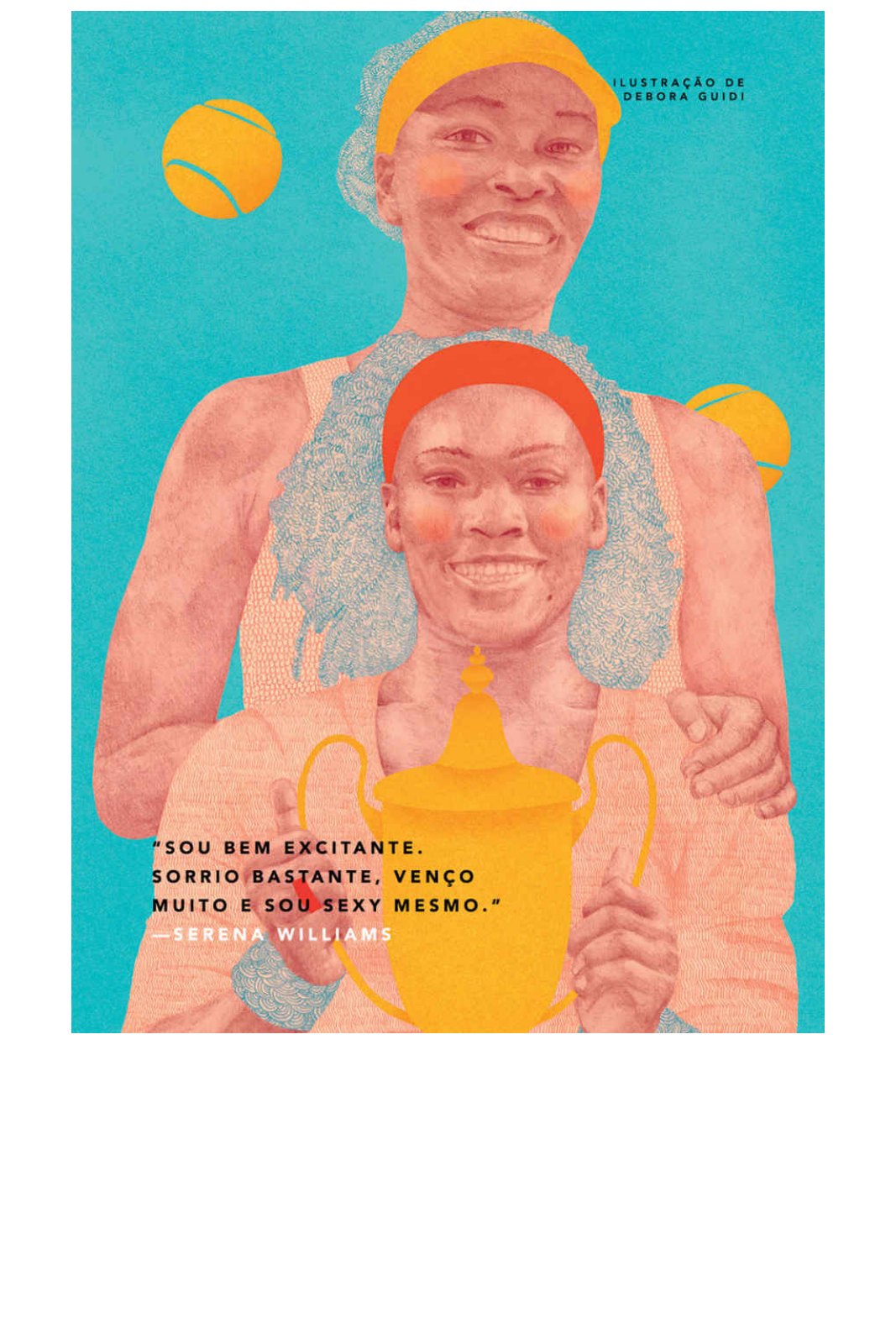
An artistic illustration by Debora Guidi featuring tennis stars Serena Williams and Venus Williams. Serena is in the foreground, smiling, wearing a red headband and a blue lace-trimmed tank top, holding a large yellow trophy. Venus is behind her, also smiling, wearing a yellow headband and a blue lace-trimmed tank top. Two yellow tennis balls are floating in the teal background. The style is a textured, painterly illustration with a limited color palette of teal, yellow, red, and blue.

ILUSTRAÇÃO DE
DEBORA GUIDI

**"SOU BEM EXCITANTE.
SORRIO BASTANTE, VENÇO
MUITO E SOU SEXY MESMO."**

—SERENA WILLIAMS

● **SIMONE BILES** ●

Era uma vez uma garota que podia voar. Seu nome era Simone Biles.

Simone era ginasta, a melhor da história dos Estados Unidos. Quando entrava no tablado, as pessoas não conseguiam tirar os olhos dela. Ela era tão rápida, tão forte, tão flexível, tão ágil! Ela voava pelo ar com graça e velocidade, girando e virando e aterrissando perfeitamente todas as vezes.

Simone começou a praticar ginástica quando tinha apenas seis anos. Aos dezoito, já tinha ganhado tantas medalhas que, durante os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, as pessoas não esperavam que ela ganhasse uma medalha apenas, mas cinco.

Um dia, um jornalista perguntou para ela:

“Como você consegue lidar com tanta pressão?”

“Eu tento não pensar sobre isso. No momento, meu objetivo é ser mais consistente nas barras assimétricas.”

“E a meta de ganhar uma medalha de ouro?”

“Uma medalha não pode ser a meta”, Simone respondeu sorrindo. “É como minha mãe sempre diz: se fazer o seu melhor significa que você ficará em primeiro, isso é ótimo; se significar que ficará em quarto, também é excelente.”

A mãe de Simone a adotou quando ela tinha três anos. Ela a ensinou que se manter humilde e dar o seu melhor é a única maneira de viver uma vida significativa e inspirar todos a sua volta.

Nos Jogos Olímpicos do Rio, Simone ganhou cinco medalhas, quatro delas de ouro!

ILUSTRAÇÃO DE
ELINE VAN DAM



"TENHO ESSE CORPO
POR UMA RAZÃO,
ENTÃO VOU USÁ-LO."

—SIMONE BILES

● SONITA ALIZADEH ●

Quando Sonita tinha dez anos, seus pais lhe disseram:

“Temos que vendê-la para um homem que queira casar com você.”

Então eles começaram a lhe comprar roupas bonitas e passaram a tomar mais cuidado com ela do que nunca antes.

Sonita não sabia exatamente o que significava aquilo, mas sabia que não queria se casar. Ela queria estudar, escrever e cantar. Disse isso para a mãe, que lhe respondeu:

“Precisamos de dinheiro para comprar uma noiva para o seu irmão mais velho. Não tem outra saída. Precisamos vender você.”

Na última hora, os arranjos para o casamento deram errado. Uma guerra eclodiu no Afeganistão, onde a família vivia, e Sonita e seu irmão foram mandados para viver em um acampamento de refugiados no Irã. Sonita foi para uma escola próxima e começou a escrever suas canções.

Quando Sonita estava com dezesseis anos, sua mãe foi visitá-la. Ela lhe disse que tinha que voltar para o Afeganistão porque tinham encontrado outro marido que queria comprá-la. De novo, Sonita disse não. Ela amava a mãe, mas não queria se casar. Queria ser rapper.

Ela escreveu uma música com uma crítica social pesada chamada “Noivas à venda” e a colocou no YouTube. O vídeo viralizou e Sonita ficou famosa. Ela ganhou uma bolsa para estudar música nos Estados Unidos.

“No meu país, uma boa garota deve ser silenciosa”, Sonita explica. “Mas eu quero compartilhar as palavras que estão no meu coração.”

"ESTOU CANSADA DO SILÊNCIO."

—SONITA ALIZADEH



ILUSTRAÇÃO DE
SAMIDHA GUNJAL

● SYLVIA EARLE ●

Era uma vez uma jovem cientista que adorava mergulhar à noite, quando o oceano está escuro e você não consegue saber se os peixes estão dormindo ou acordados.

“À noite você vê muitos peixes que não encontraria durante o dia”, ela dizia.

Seu nome era Sylvia.

Sylvia era a líder de um time de mergulhadores. Durante semanas, eles viveram embaixo d’água, mergulharam com todos os tipos de veículos subaquáticos e estudaram a vida no oceano como ninguém antes.

Certa noite, Sylvia usou um traje especial: cinza e branco, grande como uma roupa espacial, e um capacete esférico com quatro visores para observar em volta. A mais de nove quilômetros de distância da costa, ela mergulhou mais fundo do que qualquer outra pessoa já tinha ido sem uma corda de salvamento. Lá, onde a escuridão é mais negra que o céu sem estrelas, com apenas um pequeno fecho de luz da sua lanterna submarina, ela pisou no fundo do oceano, assim como fez o primeiro homem que deixou sua pegada na superfície da Lua, vestindo um uniforme semelhante, a quilômetros acima da cabeça dela.

“Sem o oceano não haveria vida na terra”, explicou. “Não haveria humano, animal, oxigênio ou plantas. Se não conhecemos o oceano, não podemos amá-lo.”

Sylvia estudou correntezas ocultas, descobriu plantas marinhas e acenou para os peixes das profundezas do oceano.

“Precisamos cuidar dos oceanos. Você se juntará a mim na missão de proteger o coração azul da Terra?”

"TIVE A ALEGRIA DE PASSAR
MILHARES DE HORAS
NO FUNDO DO MAR.
GOSTARIA DE PODER
LEVAR AS PESSOAS
JUNTO COMIGO
PARA VEREM O
QUE EU VI E
SABEREM
O QUE EU SEI."

—SYLVIA EARLE

ILUSTRAÇÃO DE
GERALDINE SY



● TAMARA DE LEMPICKA ●

Em uma casa elegante de São Petersburgo, na Rússia, um pintor chegou para fazer o retrato de uma garota de doze anos chamada Tamara.

Só que Tamara não gostou do trabalho dele, e pensou que poderia fazer bem melhor.

Alguns anos depois, quando estava na ópera com sua tia, Tamara enxergou um homem no meio da multidão. Ela soube de imediato que aquele era o homem com quem iria se casar — e assim foi. O nome dele era Tadeusz.

Então houve uma revolução na Rússia e Tadeusz foi mandado para a cadeia. Tamara deu um jeito de libertá-lo e organizou a fuga deles para Paris.

Naquele tempo, Paris era o centro da arte do mundo, e foi lá que Tamara realizou seu sonho de infância e se transformou em uma artista. Ela ficou famosa. Celebridades faziam fila para serem pintadas por Tamara.

Quando a Segunda Guerra começou, Tamara se mudou para os Estados Unidos. Aos poucos, seu estilo ousado e impressionante saiu de moda. Uma de suas exposições recebeu duras críticas, ela perdeu a calma e jurou nunca mais fazer uma exposição.

Tamara se mudou para o México, onde viveu em uma bela casa com sua filha Kizette, até sua morte aos oitenta e dois anos de idade.

Ela pediu que suas cinzas fossem espalhadas por cima do vulcão Popocatepetl — um fim digno para uma artista genial de personalidade explosiva.

Hoje, suas pinturas valem milhões. Tamara se orgulharia em saber que a cantora Madonna é uma das suas maiores fãs.



ILUSTRAÇÃO DE
MARTA SIGNORI

"EU VIVI MINHA VIDA ÀS
MARGENS DA SOCIEDADE
E AS REGRAS DE
NORMALIDADE SOCIAL NÃO
SE APLICAM PARA AQUELES
QUE VIVEM NO LIMIAZ."

—TAMARA
DE LEMPICKA

● VIRGINIA WOOLF ●

Era uma vez uma garotinha que vivia em Londres e que criou um jornal sobre a sua família. O nome dela era Virginia.

Virginia era espirituosa, culta e muito sensível. Sempre que alguma coisa ruim acontecia, ela sentia uma imensa tristeza por semanas. Quando estava feliz, era a criança mais alegre do planeta.

“Eu vivi intensamente”, Virginia escreveu no seu diário.

Ela sofria de uma doença chamada depressão. As oscilações de humor a acompanharam por toda a vida. Mas, fosse qual fosse seu estado de espírito, Virginia estava sempre escrevendo. Ela mantinha um diário, escrevia poemas, romances e resenhas. Escrever era seu jeito de ver os próprios sentimentos com clareza e, ao fazer isso, ela lançava uma luz sobre os sentimentos de todos.

Havia alguém que Virginia amava tanto quanto escrever: seu marido, Leonard.

Virginia e Leonard eram muito felizes juntos e se amavam com ternura, mas, de vez em quando, a depressão dela a impedia de sentir alegria. Na época, não existia um tratamento efetivo para depressão, e muitas pessoas não acreditavam que essa era uma doença real.

Hoje, a depressão pode ser tratada. De qualquer forma, esteja você feliz ou triste ou em algum estado entre isso, sempre é uma ótima ideia registrar seus sentimentos em um diário. Você pode se tornar uma escritora genial como Virginia e ajudar outras pessoas a entender seus sentimentos e a viver uma vida cheia de sonho.

25 DE JANEIRO DE 1882–28 DE MARÇO DE 1941

REINO UNIDO

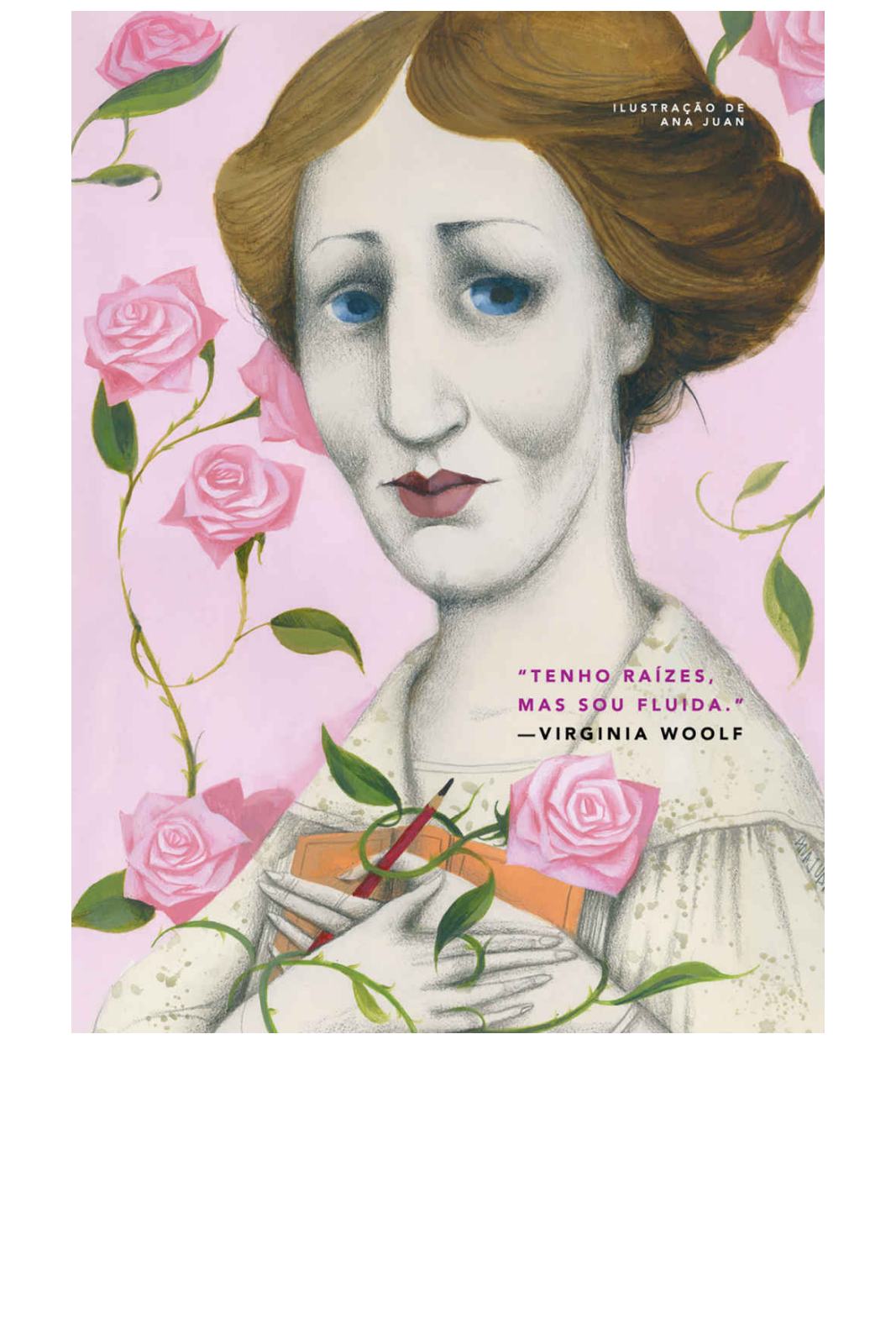
A detailed illustration of Virginia Woolf. She has long, wavy brown hair and striking blue eyes. She is wearing a light-colored, patterned dress. Her hands are clasped in front of her, holding a red pencil and an orange book. Several pink roses with green leaves are scattered around her, some appearing to grow from her hands. The background is a solid light pink color.

ILUSTRAÇÃO DE
ANA JUAN

**"TENHO RAÍZES,
MAS SOU FLUIDA."
—VIRGINIA WOOLF**

● WANG ZHENYI ●

Era uma vez, na China, uma garota que gostava de estudar todos os tipos de coisas. Ela adorava matemática, ciências, geografia, medicina e escrevia poemas. Também era ótima cavaleira, arqueira e lutadora marcial. O nome dela era Wang.

Wang viajava bastante e era curiosa sobre tudo, mas sua grande paixão era a astronomia. Ela passava horas estudando os planetas, o Sol, as estrelas e a Lua.

Naquela época, as pessoas acreditavam que o eclipse lunar era um sinal da fúria dos deuses. Wang sabia que isso não podia ser verdade e decidiu provar com um experimento. No pavilhão do jardim, ela colocou uma mesa redonda, representando a Terra, e no teto pendurou uma lanterna, representando o Sol. Ao lado, ela posicionou um espelho redondo e grande, que seria a Lua.

Então ela começou a mexer os objetos da mesma forma como eles se movem no céu. Até que o Sol, a Terra e a Lua ficaram alinhados, com a Terra no meio.

“Aí está! O eclipse lunar acontece todas as vezes que a Lua passa diretamente pela sombra da Terra.”

Wang também entendia a importância de tornar a matemática e a ciência acessíveis para as pessoas comuns, então se livrou de toda a linguagem aristocrática e escreveu um texto explicando a força da gravidade.

A reputação dela se espalhou por toda a parte. Nos seus poemas, com frequência escrevia sobre a importância da igualdade entre homens e mulheres.

ILUSTRAÇÃO DE
ANA GALVÃO

"FILHAS TAMBÉM PODEM SER HEROÍNAS."

—WANG ZHENYI

AMALUJA



● **WANGARI MAATHAI** ●

Era uma vez no Quênia uma mulher chamada Wangari. Quando no entorno de seu vilarejo os lagos começaram a secar e as correntezas a desaparecer, Wangari soube que tinha que fazer alguma coisa. Ela convocou uma reunião com algumas das outras mulheres.

“O governo cortou as árvores para abrir espaço para fazendas e agora precisamos caminhar quilômetros para conseguir lenha”, uma delas disse.

“Vamos trazer as árvores de volta”, exclamou Wangari.

“Quantas?”, perguntaram.

“Alguns milhões devem resolver”, respondeu.

“Milhões? Você está louca? Nenhum viveiro é grande o suficiente para germinar tantas!”

“Não vamos comprá-las de um viveiro. Nós as cultivaremos nós mesmas nas nossas casas.”

Então Wangari e suas amigas coletaram sementes na floresta e as plantaram em latas. Regaram e cuidaram delas até as plantas terem trinta centímetros. Depois, plantaram as mudas nos seus quintais.

Começou com apenas algumas mulheres. Mas, assim como uma árvore que brota de uma semente minúscula, a ideia se espalhou e se transformou em um grande movimento.

O Movimento do Cinturão Verde se expandiu para além das fronteiras do Quênia. Quatro milhões de árvores foram plantadas e Wangari Maathai recebeu o prêmio Nobel da Paz por seu trabalho. Ela comemorou plantando uma árvore.

A stylized, high-contrast illustration of Wangari Maathai. She is depicted from the chest up, wearing a bright orange headwrap and a matching orange shawl over a green garment with a black geometric pattern. Her face is dark brown with bold, expressive features, including a wide, joyful smile showing her teeth. The background is a light cream color, decorated with stylized green plants, red flowers, and small red dots. The overall style is graphic and celebratory.

ILUSTRAÇÃO DE
THANDIWE TSHABALALA

"A HORA É AGORA."
—WANGARI MAATHAI

● WILMA RUDOLPH ●

Há muito tempo, antes da vacina da poliomielite ser descoberta, as crianças não estavam protegidas contra essa doença terrível. Wilma era uma garotinha quando contraiu pólio e ficou com uma perna paralisada.

“Não tenho certeza se ela vai voltar a andar algum dia”, o médico disse.

“Você vai andar de novo, querida. Eu prometo”, sua mãe sussurrou.

Todas as semanas, a mãe de Wilma a levava para a cidade para fazer um tratamento. Todos os dias, seus vinte e um irmãos e irmãs se revezavam para massagear sua perna paralisada. Ela tinha que usar um aparelho ortopédico para andar e as crianças malvadas do bairro faziam piadas sobre ela. Algumas vezes, quando seus pais não estavam em casa, ela tentava andar sem o aparelho. Era difícil, mas aos poucos Wilma foi ficando mais forte.

Quando estava com nove anos, a promessa da mãe se realizou. Ela finalmente podia andar sozinha! Até começou a jogar basquete.

Wilma amava saltar e correr. Assim, não pensou duas vezes quando o treinador perguntou se queria fazer parte de seu time de corrida.

Ela competiu em vinte corridas e ganhou cada uma delas.

“Não sei por que eu corro tão rápido. Eu apenas corro”, ela disse.

Wilma se tornou a mulher mais rápida do mundo, trazendo muita alegria para a família e para o seu país. Ela quebrou três recordes mundiais nas Olimpíadas de 1960.

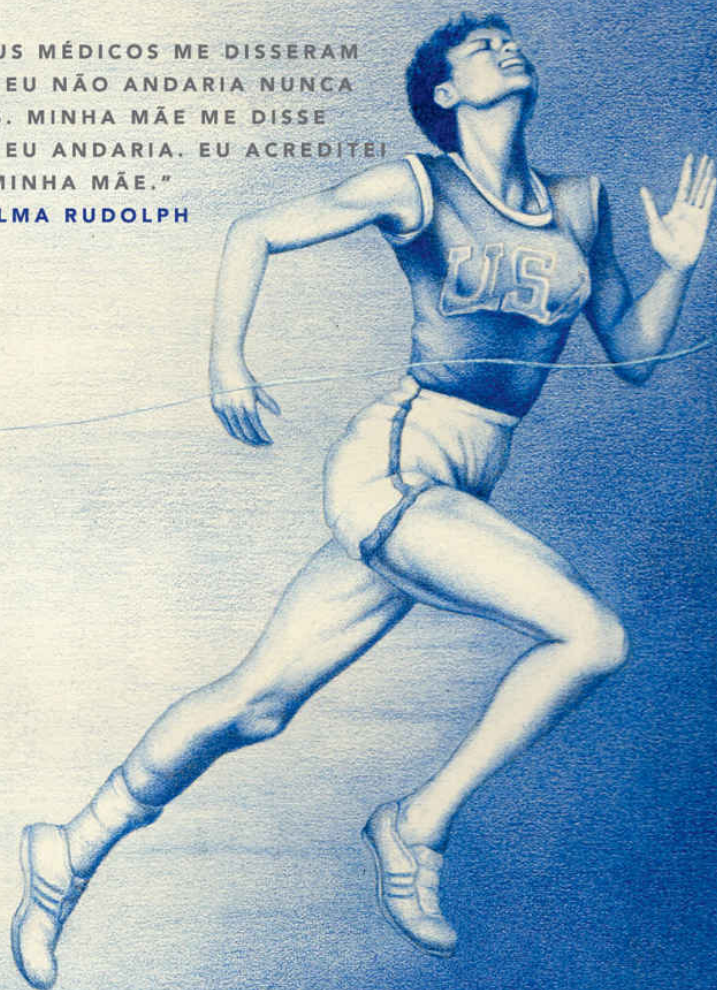
Ela sempre dizia que a chave para o sucesso é saber perder.

“Ninguém vence sempre. Se você conseguir se levantar depois de uma derrota arrasadora e continuar lutando para vencer de novo, um dia você será campeã.”

ILUSTRAÇÃO DE
ALICE BARBERINI

"MEUS MÉDICOS ME DISSERAM
QUE EU NÃO ANDARIA NUNCA
MAIS. MINHA MÃE ME DISSE
QUE EU ANDARIA. EU ACREDITEI
NA MINHA MÃE."

—WILMA RUDOLPH



● **XIAN ZHANG** ●

Era uma vez um país onde os pianos eram proibidos. Pianos não eram vendidos em lojas e não eram tocados em concertos. Simplesmente não era possível encontrá-los em lugar algum.

Um dia, um homem teve uma ideia inteligente: comprou as peças necessárias e ele mesmo construiu um piano. Entretanto, não construiu para tocá-lo. Construiu para a sua filha de quatro anos, Zhang.

Zhang amava tanto tocar que se tornou professora de piano e treinou cantores na Ópera Central de Pequim. Ela era feliz assim e pensou que seria professora e pianista para o resto da vida.

Uma noite, depois do ensaio de *As bodas de Fígaro* (uma bela ópera), o maestro da orquestra chamou Zhang e disse a ela, sem maiores explicações:

“Amanhã, você irá reger.”

“Obrigada”, respondeu, quase sem voz. Ela estava apavorada!

No dia seguinte, convocou a orquestra para um ensaio extra. Ela era pequenina e tinha apenas vinte anos. Quando subiu no pódio, alguns músicos riram dela.

Ela não piscou. Não sorriu. Apenas ergueu a batuta e esperou.

Depois de dez minutos, a orquestra inteira a seguia com respeito.

“Minha vida mudou do dia para a noite”, disse.

Hoje, Zhang é uma das maestras mais importantes do mundo.

ILUSTRAÇÃO DE
PING ZHU

"QUANDO OUTRAS GAROTAS
VIREM MULHERES FAZENDO ESSE
TRABALHO, ELAS SENTIRÃO QUE
TAMBÉM PODEM REALIZÁ-LO."

—XIAN ZHANG



● YAA ASANTEWAA ●

Era uma vez, em uma terra rica em ouro, uma forte rainha que governava o Império de Ashanti. Seu nome era Yaa.

O povo dela acreditava nos poderes mágicos de um banco de ouro tão sagrado que nem o rei nem a rainha tinham permissão de tocá-lo. Falava-se que o coração e a alma do povo — do passado, presente e futuro — estavam contidos nesse trono dourado.

Um dia, o governador-geral indicado pelos ingleses anunciou que o Império Britânico assumiria as terras dos ashantis.

“Também exigimos seu banco de ouro para nos sentarmos nele. Traga-o aqui imediatamente.”

Os líderes ashantis ficaram chocados e insultados, mas o inimigo era poderoso. Um a um, foram se rendendo.

Mas não Yaa Asantewaa. Ela os confrontou.

“Se vocês, homens ashantis, não tomarão a frente, então nós, mulheres, tomaremos. Lutaremos contra o homem branco.”

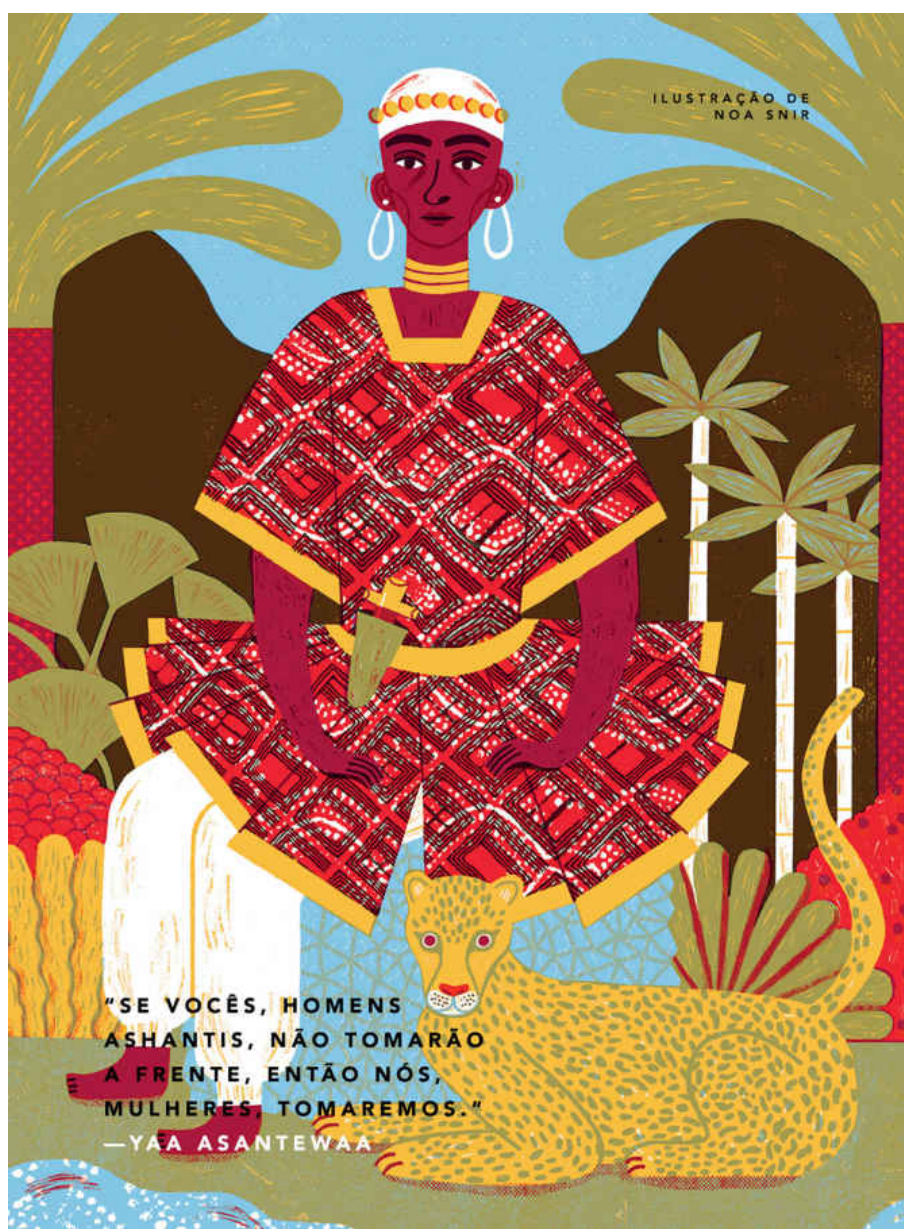
Yaa liderou um exército de cinco mil pessoas em uma batalha contra os bem equipados soldados britânicos. Depois de uma luta feroz, o exército de Yaa foi derrotado. Ela foi capturada e deportada para as Ilhas Seicheles.

Yaa nunca mais viu sua querida nação novamente, mas a bravura dela continuou inspirando seu povo. Alguns anos depois da sua morte, o Império Ashanti reconquistou a independência. Até hoje, o povo de Yaa Asantewaa ainda canta músicas sobre sua amada rainha e seu orgulhoso espírito guerreiro.

ILUSTRAÇÃO DE
NOA SNIR

"SE VOCÊS, HOMENS
ASHANTIS, NÃO TOMARÃO
A FRENTE, ENTÃO NÓS,
MULHERES, TOMAREMOS."

—YAA ASANTEWAA



● YOKO ONO ●

Era uma vez uma garotinha chamada Yoko. Ela morava em uma bela casa em Tóquio. Quando a guerra eclodiu, sua casa foi bombardeada. Yoko e sua família fugiram para salvar a própria vida. De repente, ela e o irmão não tinham brinquedos, camas, lanchinhos nem roupas. Tiveram que implorar por comida. Outras crianças passaram a provocá-los porque eles já tinham sido ricos antes e agora eram os mais pobres dos pobres.

Yoko cresceu e se tornou uma artista performática. Isso quer dizer que você não ficava apenas olhando a arte de Yoko, você era parte dela. Por exemplo, ela pediu para as pessoas cortarem as roupas dela enquanto ainda as vestia.

Um dia, um músico chamado John Lennon foi ver uma das mostras de Yoko. Ele achou a arte dela linda e se tornou um fã.

John e Yoko começaram a trocar cartas e logo se apaixonaram perdidamente. Gravaram músicas, criaram projetos fotográficos e até fizeram filmes juntos.

Naquela época, os Estados Unidos estavam em guerra com o Vietnã. Yoko sabia quanto uma guerra podia ser terrível e queria ajudar o movimento pacifista. Muitas pessoas faziam manifestações pacíficas, mas Yoko, sendo como era, queria fazer algo diferente. Em vez de se sentarem nas ruas, John e Yoko deitaram-se e ficaram na cama por uma semana, cercados de câmeras de televisão e jornalistas.

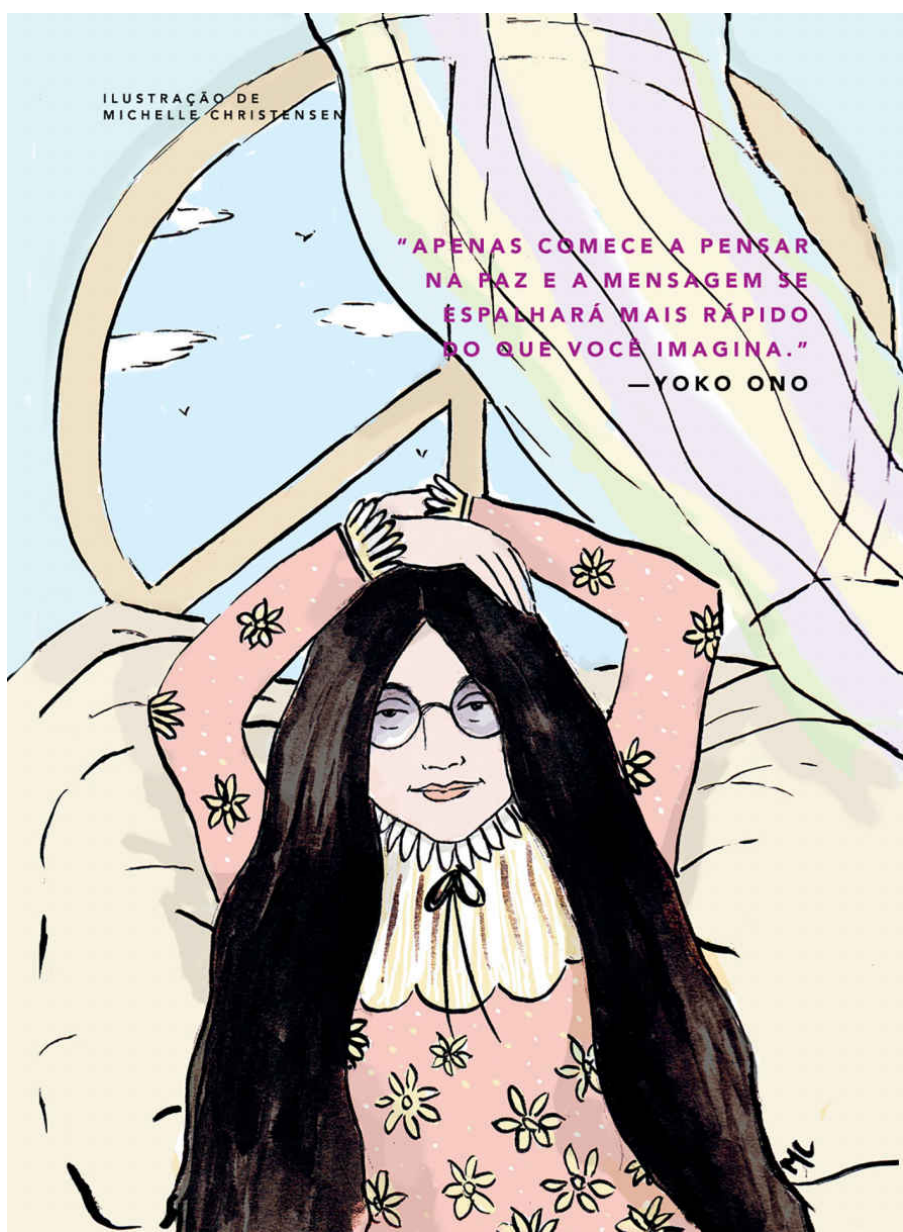
Eles até gravaram uma música para transmitir sua mensagem forte e direta:

“Dê uma chance para a paz.”

ILUSTRAÇÃO DE
MICHELLE CHRISTENSEN

"APENAS COMECE A PENSAR
NA PAZ E A MENSAGEM SE
ESPALHARÁ MAIS RÁPIDO
DO QUE VOCÊ IMAGINA."

— YOKO ONO



● YUSRA MARDINI ●

Era uma vez, em Damasco, na Síria, uma nadadora chamada Yusra.

Todos os dias, ela e a irmã treinavam com o pai na piscina do bairro. Mas a Síria estava em guerra e, um dia, uma bomba foi lançada na piscina. Por sorte, Yusra não estava lá na hora.

Pouco tempo depois, sua casa foi destruída por outra bomba. De novo, ela escapou por pouco. De repente, Yusra e a família não tinham mais nada, nem mesmo um lugar para viver, então decidiram fugir do país.

Yusra tinha ouvido que a Alemanha era um bom lugar para nadadores. A jornada era longa e chegar lá seria difícil, mas isso não a fez desistir.

Ela e a irmã se juntaram a um grupo de refugiados em uma viagem que durou um mês, passando por vários países. Depois, pegaram um bote de borracha para chegar à ilha de Lesbos.

O barco tinha sido feito para apenas seis tripulantes. Havia vinte pessoas amontoadas a bordo. De repente, o motor quebrou.

“Não podemos morrer no mar”, Yusra pensou. “Somos nadadoras!”

E então ela pulou na água com sua irmã e outro garoto.

Eles bateram pernas, nadaram, arrastaram e empurraram o bote por mais de três horas até que finalmente alcançaram a costa.

Quando chegaram à Alemanha, a primeira pergunta que Yusra fez foi:

“Onde tem uma piscina?”

Ela não só encontrou uma como, em 2016, fez parte do primeiro time de refugiados a competir nos Jogos Olímpicos.



ILUSTRAÇÃO DE
JESSICA COOPER

**"QUERO QUE TODOS OS REFUGIADOS
SE ORGULHEM DE MIM."**

—YUSRA MARDINI

● ZAHA HADID ●

Quando Zaha fez dez anos, decidiu que queria ser arquiteta. Ela era uma garota muito determinada, e se tornou uma das maiores arquitetas do nosso tempo. Ficou conhecida como “Rainha da Curva”, porque seus projetos tinham várias linhas graciosas e ousadas.

Certo dia, ela estava a bordo de um avião. O piloto explicou que haveria um pequeno atraso antes da decolagem. Zaha ficou ultrajada e exigiu que a colocassem em um voo diferente imediatamente. A tripulação explicou que era difícil, pois a bagagem dela já estava a bordo. Mas Zaha insistiu e conseguiu que fizessem o que ela queria. Como normalmente conseguia.

Ela era assim.

Zaha gostava de cruzar limites, fazer coisas que todos pensavam ser impossíveis. Foi dessa maneira que ela criou prédios que ninguém mais podia sequer imaginar.

Ela projetou postos de bombeiros, museus, vilas, centros culturais, complexos aquáticos e muito mais.

Ela forjou seu próprio caminho. Nunca teve medo de ser diferente. Um de seus mentores disse que ela era como “um planeta em sua própria órbita inconfundível”.

Zaha sempre soube o que queria e não descansou até conseguir. Alguns dizem que essa é a chave para alcançar alguma coisa grande na vida. Ela foi a primeira mulher a receber a Medalha de Ouro do Instituto Real de Arquitetura Britânica.

ILUSTRAÇÃO DE
NOA SNIR

"EU SEMPRE PENSEI QUE ERA PODEROSA,
DESDE QUE ERA CRIANÇA."

—ZAHA HADID



● ILUSTRADORAS ●

Sessenta mulheres extraordinárias e pioneiras de todo o mundo em *Histórias de ninar para garotas rebeldes*. Aqui estão todas elas!

T. S. ABE ESTADOS UNIDOS
CRISTINA AMODEO ITÁLIA
ELIZABETH BADDELEY ESTADOS UNIDOS
ALICE BARBERINI ITÁLIA
ELENIA BERETTA ITÁLIA
SARA BONDI ITÁLIA
MARIJKE BUURLAGE HOLANDA
CLAUDIA CARIERI ITÁLIA
ÉDITH CARRON FRANÇA
MICHELLE CHRISTENSEN ESTADOS UNIDOS
JESSICA COOPER ESTADOS UNIDOS
ELEANOR DAVIS ESTADOS UNIDOS
BARBARA DZIADOSZ ALEMANHA
ZOZIA DZIERZAWSKA POLÔNIA
PAOLA ESCOBAR COLÔMBIA
GIULIA FLAMINI ITÁLIA
ANA GALVAÑ ESPANHA
MONICA GARWOOD ESTADOS UNIDOS
DEBORA GUIDI ITÁLIA
SAMIDHA GUNJAL ÍNDIA
AMANDA HALL ESTADOS UNIDOS
LEA HEINRICH ALEMANHA
KATHRIN HONESTA INDONÉSIA
ANA JUAN ESPANHA
ELENI KALORKOTI ESCÓCIA
BLJOU KARMAN ESTADOS UNIDOS
PRIYA KURIYAN ÍNDIA
JUSTINE LECOUFFE ESTADOS UNIDOS
KIKI LJUNG BÉLGICA
MARTA LORENZON ITÁLIA
SOPHIA MARTINECK ALEMANHA
SARAH MAZZETTI ITÁLIA
KARABO MOLETSANE ÁFRICA DO SUL
HELENA MORAIS SOARES PORTUGAL
SALLY NIXON ESTADOS UNIDOS
MARTINA PAUKOVA ESLOVÁQUIA
CAMILLA PERKINS ESTADOS UNIDOS
RITA PETRUCCIOLI ITÁLIA
ZARA PICKEN ESTADOS UNIDOS
CRISTINA PORTOLANO ITÁLIA

KATE PRIOR ESTADOS UNIDOS
PAOLA ROLLO ITÁLIA
MALIN ROSENQVIST SUÉCIA
DALILA ROVAZZANI ITÁLIA
KAROLIN SCHNOOR ALEMANHA
MARTA SIGNORI ITÁLIA
NOA SNIR ISRAEL
RIIKKA SORMUNEN FINLÂNDIA
CRISTINA SPANÒ ITÁLIA
GAIA STELLA ITÁLIA
LIZZY STEWART REINO UNIDO
ELISABETTA STONICH ITÁLIA
GERALDINE SY FILIPINAS
THANDIWE TSHABALALA ÁFRICA DO SUL
ELINE VAN DAM HOLANDA
CARI VANDER YACHT ESTADOS UNIDOS
LIEKE VAN DER VORST HOLANDA
EMMANUELLE WALKER CANADÁ
SARAH WILKINS NOVA ZELÂNDIA
PING ZHU ESTADOS UNIDOS

● AGRADECIMENTOS ●

A gratidão é um dos nossos sentimentos favoritos. Ela acompanhou a criação deste livro desde a ideia inicial até este momento em que você o segura nas suas mãos. Agora, como estamos perto do fim, queremos agradecer algumas mulheres especiais para nós:

Nossas mães, *Lucia* e *Rosa*, que sempre acreditaram em nós e nos mostraram, dia após dia, a força fenomenal de um coração rebelde; nossa sobrinha recém-nascida, *Olívia*, por nos dar mais uma razão para enfrentar as batalhas mais difíceis; *Antonella*, por sempre ser a irmã mais velha, apesar de ser a mais nova; *Annalisa*, *Brenda* e *Elettra*, as amigas mais preciosas que alguém poderia desejar; *Christine*, que — depois de uma reunião de vinte minutos — decidiu que a 500startups se tornaria a primeira investidora do Timbuktu Labs; *Arianna*, por seu entusiasmo inabalável em tudo no *Timbuktu* e por sua preciosa colaboração na pesquisa para este livro; *Vilma*, por ser um porto seguro; *vovó Marisa*, por seu coração fiel e seus olhos brilhantes; *vovó Giovanna*, por sempre falar a verdade com as citações produtivas mais ousadas do planeta; *tia Lelle*, por todas as risadas.

Nosso “obrigada” carinhoso para os 20.025 apoiadores que nos ajudaram a dar vida ao *Histórias de ninar para garotas rebeldes*.

Não poderíamos ter feito isso sem vocês.

● SOBRE AS AUTORAS ●

ELENA FAVILLI é empreendedora de mídia e jornalista. Trabalhou na revista *Colors*, na *McSweeney's*, na *RAI*, no *Il Post* e no *La Repubblica* e gerenciou agências de notícias de ambos os lados do Atlântico. Possui um mestrado em semiótica na Universidade de Bolonha (Itália) e estudou jornalismo digital na U.C. Berkeley. Em 2011, criou a primeira revista infantil para iPad, a revista *Timbuktu*. É fundadora e CEO do *Timbuktu Labs*.

FRANCESCA CAVALLO é escritora e diretora de teatro. Suas premiadas peças percorreram toda a Europa. É uma inovadora social apaixonada, fundadora do *Sferracavalli*, o Festival Internacional de Imaginação Sustentável do sul da Itália. Em 2011, Francesca juntou forças com Elena Favilli para fundar o *Timbuktu Labs*, onde atua como diretora de criação. *Histórias de ninar para garotas rebeldes* é o seu sétimo livro infantil.

Elena e Francesca vivem em Venice, na Califórnia (EUA).

TIMBUKTU LABS é um laboratório de inovação em mídias infantis fundado por Elena Favilli e Francesca Cavallo. De livros a parquinhos, de jogos sensoriais a palestras interativas, *Timbuktu* está comprometido a redefinir os limites da mídia para crianças através da combinação de um conteúdo que provoca reflexão, um design estelar e tecnologia de ponta. Com dois milhões de usuários em mais de setenta países, doze aplicativos para celular e sete livros, *Timbuktu* está construindo uma comunidade global de pais progressistas.

Os produtos do *Timbuktu* foram premiados com:

- 2016 – *Play 60, Play On* (uma iniciativa da fundação da NFL para reinventar parquinhos públicos)
- 2014 – Primeira menção honrosa na Bienal de Arquitetura de Bordeaux

- 2013 – Melhor revista infantil do ano no Prêmio de Revistas Digitais de Londres
- 2012 – Prêmio de melhor design pela Launch Education and Kids
- 2012 – Melhor startup italiana

Se quiser receber informações sobre os novos projetos do Timbuktú, se inscreva em www.timbuktu.me

Junte-se à comunidade de Garotas Rebeldes no:

Facebook: www.facebook.com/timbuktumagazine

Instagram: @rebelgirlsbook

Snapchat: @rebelgirlsbook

Se você comprou este livro na Amazon, por favor reserve um momento para resenhá-lo!

DIÁRIO
de um
Banana
BATALHA NEVAL



Jeff Kinney



Diário de um Banana 13

Kinney, Jeff

9788550702490

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando a neve fecha a escola, o bairro se transforma num verdadeiro campo de batalha invernal. Grupos rivais lutam por território, constroem enormes fortes de gelo e se envolvem em épicas guerras de bola de neve. Na linha de tiro estão Greg Heffley e seu fiel amigo Rowley Jefferson. Em luta pela sobrevivência, os dois soldados fazem e desfazem alianças e enredam-se em traições. Gangues em permanente estado de hostilidade vão derreter a vizinhança. E será que, quando a neve se liquefazer, Greg e Rowley surgirão como heróis? Ou não vão conseguir escapar dessa gelada?

[Compre agora e leia](#)



anna todd

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF *AFTER*

"The biggest literary phenomenon of
her generation." —*COSMOPOLITAN*

as
garotas
spring

a modern-day retelling of
LITTLE WOMEN



As garotas Spring

Todd, Anna

9788550702063

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em uma família aparentemente perfeita de Nova Orleans, nos Estados Unidos, vivem quatro garotas: Meg, Jo, Beth e Amy. Por mais que cada uma delas tenha características diferentes e bem definidas, o fato de serem filhas de um pai militar, combatente no Iraque, e de uma mãe desgastada por suas responsabilidades familiares, tornam seus medos muito semelhantes. "As Garotas Spring" é uma história poderosa sobre amor, família, aceitação e como descobrir sua própria identidade. Com muito romance e drama, Anna Todd, autora best-seller do New York Times revisita o clássico de Louisa May Alcott, "Mulherzinhas", com uma linguagem moderna para os leitores do século 21.

[Compre agora e leia](#)

MARYSHELLEY JK. ROWLING AISHOLPAN
NEFERTITI NURGAIV
SIMONE VIOLETA
VEIL PARRA

HISTÓRIAS
DE
NINAR

PARA

GAROTAS

REBELDES

2

PEGGY GUGGENHEIM VIVIAN
GEORGIA O'KEEFE
RACHEL CARSON FEMMAIER HEPBURN
OPRAH BEYONCÉ AUDREY

Histórias de ninar para garotas rebeldes 2

Favilli, Elena

9788550701776

220 páginas

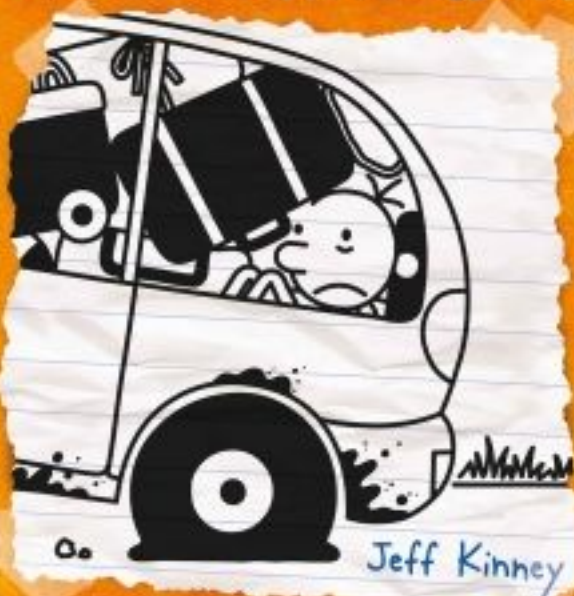
[Compre agora e leia](#)

O best-seller que encantou leitores de todo o mundo está de volta com novas fábulas da vida real. Histórias de ninar para garotas rebeldes 2 celebra mais 100 mulheres extraordinárias, da jogadora Marta à cantora Beyoncé, da revolucionária Anita Garibaldi à escritora J. K. Rowling. Rainhas e ativistas, bailarinas e advogadas, piratas e cientistas, astronautas e inventoras – experiências de vida incríveis que vão inspirar a construção de um mundo melhor. Com textos que remetem ao estilo de conto de fadas, muitas das histórias começam com o clássico "Era uma vez", pois, segundo a própria autora – Favilli –, a ideia é dar a sensação de um conto de fadas moderno, para embalar o sono das pequenas antes de dormir. Que essas valentes mulheres inspirem vocês. Que os retratos delas imprimam em nossas filhas e filhos a profunda convicção de que a beleza se manifesta em todas as formas, cores e idades. Em Histórias de ninar

para garotas rebeldes 2, tudo o que podemos sentir é esperança e entusiasmo pelo mundo que estamos construindo. Um mundo onde gênero não defina quão alto você pode sonhar nem quão longe você pode ir.

[Compre agora e leia](#)

DIÁRIO
de um
Banana
CAINDO NA ESTRADA



Diário de um Banana 9

Kinney, Jeff

9788550702421

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Greg Heffley está de volta com confusões tamanho família! Uma viagem de carro em família tem tudo para ser algo muito divertido... ou não, ainda mais se for a família do Greg Heffley. A jornada começa cheia de promessas, mas logo sofre reviravoltas dramáticas. Banheiros de postos de gasolina, gaivotas ensandecidas, malas perdidas, um porco faminto... Mas até a viagem mais desastrosa pode virar uma grande aventura – e desta os Heffley não vão se esquecer tão cedo. #150 milhões de livros vendidos no mundo todo #Best-seller do New York Times #Um dos maiores fenômenos recentes da literatura infantojuvenil #Sucesso também nos cinemas Sobre o autor: Jeff Kinney cresceu em Washington, D. C. e atualmente mora no sul de Massachusetts com a mulher e seus dois filhos. Além de escrever, Jeff desenvolve e projeta jogos online. Ao contrário de seu personagem Greg Heffley, o autor não tem nada de "banana": a prova disso é que tem liderado a lista de livros

mais vendidos do New York Times. Em 2009, Jeff foi escolhido como uma das 100 Pessoas Mais Influentes do Mundo pela revista Time. A série "Diário de um Banana" já foi traduzida para diversas línguas e é um sucesso no mundo todo.

[Compre agora e leia](#)

DIÁRIO
de um
Banana
BONS TEMPOS



Jeff Kinney



Diário de um Banana 10

Kinney, Jeff

9788550702438

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

A vida era melhor antigamente. Pelo menos é o que dizem. Mas Greg Heffley, um garoto bastante acostumado ao conforto do mundo moderno, não concorda muito com isso. E uma decisão polêmica vai colocar o seu paraíso tecnológico em curto-circuito: todos em sua cidade decidem dar um tempo dos aparelhos eletrônicos. Dentro e fora de casa, Greg terá que enfrentar o dia a dia à moda antiga. Será que ele vai conseguir sobreviver do mesmo jeitinho que se fazia nos "velhos e bons tempos"?

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

CRÉDITOS
DEDICATÓRIA
SUMÁRIO
PREFÁCIO
ADA LOVELACE
ALEK WEK
ALFONSINA STRADA
ALICIA ALONSO
AMEENAH GURIB-FAKIM
AMELIA EARHART
AMNA AL HADDAD
ANN MAKOSINSKI
ANNA POLITKOVSKAYA
ARTEMISIA GENTILESCHI
ASHLEY FIOLEK
ASTRID LINDGREN
AUNG SAN SUU KYI
BALKISSA CHAIBOU
BRENDA CHAPMAN
CATARINA, A GRANDE
CHOLITAS ESCALADORAS
CLAUDIA RUGGERINI
CLEÓPATRA
COCO CHANEL
CORA CORALINA
COY MATHIS
ELIZABETH I
EUFROSINA CRUZ
EVITA PERÓN
FADUMO DAYIB
FLORENCE NIGHTINGALE
FRIDA KAHLO
GRACE HOPPER
GRACE O'MALLEY
HARRIET TUBMAN
HATSHEPSUT
HELEN KELLER
HIPÁTIA
IRENA SENDLEROWA
IRMÃS BRONTË
IRMÃS MIRABAL

ISABEL ALLENDE
JACQUOTTE DELAHAYE
JANE AUSTEN
JANE GOODALL
JESSICA WATSON
JILL TARTER
JINGU
JOAN JETT
JULIA CHILD
KATE SHEPPARD
LAKSHMI BAI
LELLA LOMBARDI
LOZEN
MAE C. JEMISON
MALALA YOUSAFZAI
MANAL AL-SHARIF
MARGARET HAMILTON
MARGARET THATCHER
MARGHERITA HACK
MARIA CALLAS
MARIA MONTESSORI
MARIA REICHE
MARIA SIBYLLA MERIAN
MARIE CURIE
MARY ANNING
MARY EDWARDS WALKER
MARY KOM
MATILDE MONTTOYA
MAUD STEVENS WAGNER
MAYA ANGELOU
MAYA GABEIRA
MELBA LISTON
MICHAELA DEPRINCE
MICHELLE OBAMA
MIRIAM MAKEBA
MISTY COPELAND
NANCY WAKE
NANNY DOS MAROONS
NELLIE BLY
NETTIE STEVENS
NINA SIMONE
POLICARPA SALAVARRIETA
RITA LEVI MONTALCINI
ROSA PARKS

RUTH BADER GINSBURG
RUTH HARKNESS
SEONDEOK DE SILLA
SIMONE BILES
SONITA ALIZADEH
SYLVIA EARLE
TAMARA DE LEMPICKA
VIRGINIA WOOLF
WANG ZHENYI
WANGARI MAATHAI
WILMA RUDOLPH
XIAN ZHANG
YAA ASANTEWAA
YOKO ONO
YUSRA MARDINI
ZAHA HADID
ILUSTRADORAS
AGRADECIMENTOS
SOBRE AS AUTORAS